3 1761 07036579 6

Philosophia de João Braz

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/philosophiadejo00silv

Silva Pinto.

SILVA PINTO

PHILOSOPHIA

DE

JOÃO BRAZ

IRONIAS, ZANGAS E DESDENS DE UM SUJEITO
QUE TEM VISTO MUNDO

1892 - 1895

PQ
9261
S55P5

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1895

Obras de Silva Pinto:

Questões do dia. 1870.
Sciencia e Consciencia. 1870.
Farçadas Contemporaneas. 1870.
Novas Farçadas Contemporaneas. 1871.
A Questão de imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
A' hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet. (trad. e introd.) 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro portuguez. 1875 — 2.ª edição.
Contos Phantasticos. 1875.
Os Homens de Roma. 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.ª edição.
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.ª edição.
Nós e a alfandega do Porto. 1877.
O Padre Gabriel. 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brazil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 1880. — 3.ª edição.
Realismos. 1880 — 2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.
Novos Combates e Criticas. 1884.
Terceiro livro de Combates e Criticas. 1886.
O Cazo de Marinho da Cruz. 1888.
Camillo Castello Branco. 1888.
Philosophia de João Braz. 1894.

No prelo:

N 'este valle de lagrimas.
Saldos de contas.

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

— Mestre! E' assim?

S. P.

LIBRARY
FEB 7 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

OIÇAM ISTO!

Como quer que em maré de riso amarello me surprehendesse um jornal humoristico de larga vulgarisação, pediu-me elle que, em artigos de pouco pezo, e com seu feitío, diluisse eu « demasias » do meu espirito. Assim se fez, durante dois annos — e lá se continúa. Evoquei um pseùdonymo nas minhas recordações mais arredadas: as mais benevolas. Valeu-me o *João Braz*, velho frascario dos meus tempos, celebrado em chronicas jornalisticas de minha lavra, com todo o enter-

necimento de um coração espremido a coices de uma civilização. Em pleno brodio da minha litteratura, escreveu-me, lá de uma aldeia do Norte, o meu bravo camarada do Romantismo puro:

Meu velho!

Mais que cinco soes eram passados que os jornaes noticiaram a minha morte, esguichada por uma febre typhoide em plena e bucolica aldeia de Ruivães, concelho de Famalicão, quando eu vi o meu nome — por ti revelado á humanidade da nossa patria, em *phantasias* de jornalice, — a firmar patuscadas têsas no *Pimpão*. Fez-me bem a tua evocação melancolica e saudosa. Sempre o mesmo, bom velho! Sempre em maré de contradicções! Sempre em physica homenagem aos ideiaes platonicos do teu proximo e em mystica adoração aos sonhos do *atracão nacional!* Ainda bebes — como adoras? Ainda manobras o cajado minhoto das romarias — como bebes? Deve ser assim, pela tua prosa, cynica e de-

plorativa:—que sandwichs! Emfim, tu honras o Romantismo, e é sempre de lagrima no olho que eu te saboreio as trêtas, rica cebôla dos meus olhos!

Assombras ainda, qual me assombraste a contas com o *verdasco*, na «Eugenia» de Famalicão? Tens ainda as fumaças de *tosador?* Dás ainda a *salva real*—vinte e um copos de cognac? Choras ainda com o João de Deus e rís e choras com o Camillo? Afias a *naifa* na pedra do Veuillot? E, aqui ao ouvido,—ainda a adoras, a loira, de joelhos em terra, olhos no céu, pensamento dividido entre *ella* e Deus?...

Larga o pseudonymo, ó traste!... Mas é melhor, pensando bem, que o conserves. Tu—ainda lhe dás o brilho da rhetorica. Eu—só lhe dou a turvação que nos vem do sumo da uva. Se tu libasses do verde branco—um de Vianna do Castello... «Se Deus não existisse...» dizia o outro,—e não conhecia esta pinga!

Teu
João Braz

Eu respondi-lhe assim:

Velho phantasma!

Dá-me a tua carta a nostalgia da opulencia! Suggere-me a nitida e forte sensação do Cliquot, das *truffas*, da perdiz *au pied rouge*, e das prelibações da Bemaventurança, na Portella, em Ruivães, em S. Miguel de Seide—com os olhos da Maria Izabel, com o escandaloso pé da Ludovina, mais com o celeste buço da Francisquinha. E d'esses janotismos de meza, e dos outros, um cambalacho com o Creador:—Tóma lá; dá cá!

Tóma os comes e bebes e o resto! *Dá me* a *jouissance*, até ao suspiro final, da adoração—joelhos em terra, olhos no Céo, pensamento dividido entre *ella* e tu, ó Creador!...

Com que, então, o *verde branco* vem á laia de explicação de Voltaire?! O' philosopho! O' bebado! Eu creio, se a uva é loira,—como *ella*, como essa a quem dizem mar e céus, peixes e

estrellas, o que eu digo, entre nós, sem que ninguem nos oiça:

—Quem ha de ser senão tu?!

Teu velho cumplice

SILVA PINTO

Mais nada. Creio que se explicou este livro.

Lisboa, 1894.

PRIMEIRA SERIE

Setembro de 1892 a Março de 1893

O CASACO VELHO

Muito ageitado aos angulos faciaes da alma intangivel — como diz o outro — o meu velho casaco de flanella, com suas nodoas que, mal as esfregam com benzina ellas ahi estão, com seus botões de capa rota, com sua gola sebo Thereza, com suas excrescencias de fôrro esfarrapado, a sahirem como pingentes, pela rabadilha : esse velho traste de flanella azul tem o condão de me tornar desconhecido, — tão desconhecido que até pareço invisivel !

Saio, pela manhã, de casa — com o casaco velho — e a primeira experiencia é a do petiz da visinhança, um loirito que negoceia em beijos : dá beijos para apanhar bolos.

Põe os olhos em mim; estende, da janella, os bracitos, para mé dizer innocencias; mas de repente fica-se, retraindo-se.

Olhou-me para o casaco, e lembrou-se dos conselhos paternaes:

— «Não te mettas com os sujos, com os pobres!»

E o innocente não se mette. Eu passo, encaro-o, digo-lhe adeus, — e elle: moita.

⁂

A' esquina, os gallegos deitam me o rabo do olho. Não se movem, para cortejar-me. E' que o meu casaco de flanella, com suas nódoas, etc., estabeleceu entre mim e elles certos vinculos d'igualdade. Não vale incommodar, irmãos!

Andando! No largo de S. Roque, um bacharel, distrahido, corteja-me e até mesmo pára; quer dois dedos de palestra. E a palestra encéta-se, sobre arte e mulheres e theatros e politica e vinho verde... De repente, nóto no rapaz desasocego. E' que reparou nas nódoas, mais na gola, mais nos botões. Já não ouve o que eu digo.

Olha de revez para os transeuntes; olha-me para os sapatos sem graxa, e diz-me :

— Bem. Vou para baixo.

Um dia d'estes preguei-lhe uma *partida*...

— Tambem eu vou para baixo.

Fez-se pallido e, subitamente :

— Diabo ! Tenho d'ir a casa. Adeus !

Passavamos por casa d'elle. Entrou na escada. Eu tambem entrei e disse-lhe :

— Não tenho pressa. Espero aqui.

Ouvi-o resmungar, e ouvi-o fechar a porta. Puz-me á espera, com a pachorra silenciosa do gato que espera o rato.

Veio a creada a baixo, a comprar figado de vacca. Olhou muito para mim e subiu — a prevenir, já se vê...

Decorreu meia hora, uma hora, e elle sem sair. E eu á espera, a moêl-o !

Eis senão quando, abre-se a porta e elle desce — com a mãe !

Pobre senhora ! Para o filho se livrar das nódoas do meu casaco velho !

No Chiado, na rua do Almada, no Terreiro do Paço, os amigos e os conhecidos tomam um ar

apressado e grave, e a velha Ephigenia olha-me compadecida... Entro n'um restaurante janota, para attrahir a consideração — comendo coisas finas. Os creados teem o olho em mim. Noto um pensamento suspeitoso a esboçar-se n'aquellas cabeças de burro.

Vólto para casa. Na rua de D. Pedro V, um pobre, de mão estendida, vae para pedir-me esmola. Mas olha para mim, d'alto a baixo, e diz me:

— Desculpe!...

E' o coice do asno!

*

Entro em casa. Muitas festas do meu cão ao casaco velho! Não admira: dorme em cima d'elle...

O CASACO NOVO

E' de flanella azul, como o *outro*, mas é novo; e, novos, até os burros teem graça. Quando o visto, tudo me cheira e nada me féde. Não admira: sou feliz!

Demoro-me a fechar a porta da rua—quando saio. E' para que a visinhança me veja. O petiz do lado grita-me: — «Um beijinho!» E que não gritasse! Lá estava a mãe a dizer-lhe com intimativa: — «Dê já um beijo a esse senhor!»

O passeio é estreito para mim. Desço para o meio da rua e sinto-me com ar de dignidade. O azul da flanella é d'um *celeste!* Parece o azul dos olhos da Faustina!

A' esquina os gallegos perfilam-se. — Bons

dias, *patron!* Eu páro e elles anciosos esperam com a mão nos sujos carapuços.

Vou andando, devagar... A S. Pedro d'Alcantara, o conselheiro Figueiredo conversa com uma velha de capote e lenço, e ha na parolice algo de mysterioso e quiçá hediondo... Põe ponto na historia, ao vêr-me; despede-se da velha; ólha para o meu todo, com circumspecção, e estende-me sua mão alva e pegajosa.

— Como está de saude o meu nobre amigo?

— Vamos indo, conselheiro.

— Vem para baixo?

— Vou.

— Excellente companhia a sua! Travaremos um dialogo substancioso.

— A substancia é toda sua, conselheiro!

— Não façamos etiqueta! O amigo sabe quanto prézo as suas excellentes qualidades de entendimento e de caracter ..

(Céus! como a flanella brilha!)

*

Largo de S. Roque. O bacharel vem subindo, com a mãe.

— Viva, conselheiro! *(Attenção.)* E você como vae?

E' commigo. Cumprimento a senhora e estendo a dextra ao bacharel.

— Vão para baixo? pergunta o joven.

— Vamos para baixo, respondo eu.

— Pois tambem vou. *(Para a mãe:)* Até logo, mamã! Tenho que fazer...

Vamos descendo, todos tres.

Os botões novos do casaco teem capa de seda preta e o forro das mangas é de seda branca. Obra do Straus. Dá-me vontade de arregaçar as mangas!

No Chiado paramos — a vêr quem passa. Que chusma de celebridades! Ha-as de carôço e ha-as de pevide; seccas e com calda; em cartonagem e a pezo. O Salustio diz-me: — Você é que se diverte! Como está aquella pessoa?... E o Bentes, medindo-me d'alto a baixo: — Você está cada vez mais novo.

Passa a velha Ephigenia. Deita-me o olho — e pisca-o.

*

Na arcada acotovellam-se, ao verem-me. — Aquillo vem fallar com o José Dias!... Subo ao ministerio da fazenda e torno a descer, para matar o tempo. Os continuos levantam-se respeitosos — que eu tenho modos altivos!

Chiado arriba, outra vez. A florista offerece-me *o que eu quizer.*

Digo-lhe coisas de espirito. Muita gracinha quando sou feliz! Ella ri-se e chama-me *cochon* — por brincadeira.

Saracoteando-me, estou na rua de D. Pedro V.

— O' meu nobre senhor!... Distribuo moedas de dez réis pela pobreza afflicta, e dois lojistas piscam-se o olho, approvando e venerando...

Entro em casa, repleto de consideração publica.

— Veio alguem?

— Veio esta carta. Diz que não tinha resposta.

Abro. E' a conta do alfayate—um delicado!...

SENSIVEIS

Um homem de estado, muito conhecido cá na freguezia, perguntava-me um dia, — por signal, foi uma noite :

— Você nunca se lembrou de fingir-se morto ?

— Já me tenho lembrado.

— Tambem eu, cá por uma coisa...

— ?

— E' que tenho sido muito calumniado e é natural que os calumniadores esperem que eu morra, para fazerem penitencia. Imagine você a cara dos sujeitos quando, ao darem o dito por não dito, me vissem apparecer vivo e teso :

— «Então eu até agora era tão ladrãosinho e agora sou um poço de virtudes !»

Achei-lhe graça. Ahi vae outra que tambem tem sua gráça :

Conta algures o Camillo Castello Branco que um velho fidalgo lá das suas relações, o conde d'Azevedo, bom sujeito e de boa cabeça, muito mettido com as lettras, não queria que lhe falassem de politica. Tinha medo o velho, á marafona.

D'este horror pelas marafonas teem sahido casos de arripiar a Natureza. Sentimentos ao arripio, perversões... Vamos andando!

O nosso velho, muito instado por uns amigos de pessimos costumes, caiu nos braços da maldita. Deixou-se, em dia nefasto, nomear governador civil. Foi a uma terça feira. Na quarta, o *Clarim de Matacães* chamou-lhe *besta*. O velho azoou. Não tinha pratica de jornalismos.

Decorrem dias e semanas e em toda a linha da imprensa da opposição é classificado o homem — *abjectissima cavalgadura* e *o mais burrical truão d'esta farçada ignobil.*

No dia seguinte o *Pharol de Bouças* chamava-lhe *ladrão*. O velho demittiu-se pelo telegrapho e abalou para casa, agarrando-se ao Tito

Livio, ao Seneca, e a outros pantomineiros antigos.

Espalha-se a noticia da demissão. Por um tacito accordo entre todos os jornaes, desde o *Clarim de Matacães* ao *Pharol de Bouças*, o velho fidalgo passou a ser «o austero e conspicuo cidadão, tão distincto pelo seu caracter como pelos seus talentos». Falou-se mesmo n'um jubileu, á conta de elle completar setenta annos por aquelles dias mais chegados. O velho, quando lhe mostraram os jornaes, rompeu n'um excesso, que foi o primeiro e o ultimo da sua vida : disse uma palavra indecente.

Comprehende se que as palavras de louvor sobre a sepultura do politico eram sinceras. Tão sinceras como as descomposturas.

Fructos de sensibilidade !

*

Estes casos lembraram-me por eu ter hoje pensado no Fontes, um que morreu ha cinco annos e em quem todos nós molhámos a nossa sopa. Elle foi na vida, segundo os dizeres da im-

prensa republicana e da monarchica, alternadamente e simultaneamente, o favorito escandaloso da monarchia, o coveiro da monarchia, a besta sem Apocalipse, o homem do serralho, o das hetairas, o estadista de papelão, o devorista mór, o maior ladrão d'este seculo, o infame com cinco ff, o esbanjador dissoluto, o compadre dos gatunos, o troca (sem mais nada), o pantomineiro, o cigano, o parlapatão, o pae dos intrujões, o liberticida, o grão-vizir condescendente, o idiota-mór, o maior dos pedaços d'asno — e um famoso alcoviteiro !

Morre o homem, e principiamos todos a morder a lingua. Tinha elle dito que *faria falta*, e todo o paiz concordou. — Essa é que não padece duvida! Houve sujeito que em casa, com a mulher e com os filhos, principiou a dar ares de matuto. — Falta-te alguma cousa ? interrogava solicita a patrôa.

— Deixa-me ! Falta-me cá uma cousa !...

E faltava.

Era o Fontes. A' patrôa tambem faltava alguma cousa. Reflexos das faltas do marido.

Falou-se em estatua. Que sim, que se arran-

jasse estatua! Lá está na Avenida o logar — ao pé da barraca preta. E quando ha desgostos de familia, *ultimatum,* falta de massa, apertos de uretra, acode logo ao espirito o nome d'aquelle *grande idiota:* — Oh! se o Fontes fosse vivo!!!

*

Ainda recentemente fez cinco annos que elle morreu. A patria amada estava soffrendo de anemia, de rheumatismo, de areias na bexiga, de molestias secretas e de carraças. Pensou-se no grande homem, com enternecimento.

— Mas o que nós dissémos d'elle?

— Ora adeus! São cousas da paixão politica!

— Mas amargurámos a vida do homem!

— Historias! Elle sabia com quem lidava. Conhecia os homens!

— Mas é preciso ser coherente!

— Você não tem coração!

E Fontes para aqui e para alli: organisador, emprehendedor, astuto politico, homem superior, homem com *a linha*, homem para as occasiões, Pombal moderno, Richelieu de chapéo

alto, grande diplomata, grande financeiro, excellente dono de caza... um catita !

E tudo desatou a chorar.

*

Uma ideia: se nós puzessemos uma funda na sensibilidade ?

Para reduzir o trambolho !

NAS AGUAS TURVAS

Mageito-me conspicuamente na minha cadeira de braços, sôrvo a pitada austera, passo tres e mais vezes o alcobaça pelo nariz consolado, e tudo isto para dizer, como cumpre, coisas de circumspecção...

As quaes coisas...

N'uma sociedade em dissolução ha sempre modos de vida tenebrosos. N'esta classificação apraz-me incluir os modos de vida, satisfeitos e pandegos, de quem não tem modo de vida conhecido.

*

Ha bons vinte annos que o sr. Raphael de Sousa, conhecido por o *Bodegas*, me honra com

as suas relações de cortezia. E' cazado, tem tres filhas casadoiras e um filho que está sempre nos quinze annos. Não tem rendimentos, não tem emprego, não tem protectores. Elle e a familia tratam-se com decencia, e a nossa visinha Felizarda, viuva d'um capitão de navios, examinalhes diariamente o barril do lixo e descobre vestigios de boa alimentação : cascas d'ostras e cascas de limão, rolhas de *Champagne*, latas de conserva e outros documentos de pezo.

Foi mesmo a sr.ª Felizarda quem, interrogada pela visinhança, sobre as particularidades do viver d'aquella gente, informou em tom resolutivo:

— *O homem vive da politica...*

Ha d'isto nas sociedades em dissolução.

*

Ha perto d'um anno, appareceu-me aqui um rapaz da provincia. E' bacharel ha quatorze mezes. E' intelligente, bem educado, lume no olho e falinhas doces. Abriu-se commigo, á conta de eu lhe perguntar se vinha a concurso para delegado, ou se desejava seguir a advocacia.

— Aqui entre nós, nem uma coisa, nem outra.

— Então ?...

— Posso confiar-lhe um segredo ?

— Isso não se pergunta. Um jornalista e um confessor.

— Pois eu me confesso... A minha ideia é metter-me na politica.

— Ah ! sim : no jornalismo, para furar...

— Nada d'isso. Eu não tenho dotes de escriptor.

Citei-lhe exemplos de consolar e animar. Abanou a cabeça e teve um sorriso finorio.

— O que eu queria que o amigo me dissesse é o seguinte : Qual é o homem politico, de vulto, a quem a gente deve encostar-se ?

— Eu acho que ha perigos em a gente se encostar a alguem. Pode ser empurrado pelo tal, que não deseje servir de encosto, ou pode cair agarrado a elle, se o homem levar algum tombo.

— Não tem duvida. O que eu desejo saber é qual lhe parece o melhor ponto de apoio.

Designei-lhe dois ou tres *finorios*, dos que falam com o diabo á meia noite, e citei-lhe as diversas prendas dos sujeitos.

O joven meditou, e por fim disse-me :

— Já escolhi. Escolho F... E' o mais cynico; deve ser o mais serviçal...

E foi-se com esta, deixando-me a reflectir :

— Temos patife de marca, em tres ou quatro annos. Tem a linha !

*

Volvidos mezes encontrei o bacharel, e a custo o reconheci. Estava um homem da côrte. Tinha perdido o ar embezerrado de parvalheira com pêllo e tomara uns ares decididos de frequentador da *tendinha* do Rocio e do Marrare do Arco do Bandeira. Olhou me e falou me com um ar de protecção, e como eu me atrevesse a informar-me ácerca dos seus projectos, disse me, com um sorriso superior :

— Estou collocado.

— Já ? !

— E' verdade. Está você morto por saber em que. Em coisa nenhuma.

— ? !

— Em coisissima nenhuma! E' como lhe digo. E que diabo queria você que fosse um homem

da minha educação? Caixeiro de banco? Amanuense? Advogado sem clientes? Noticiarista? Historias! Relacionei-me; metti o pé, depois metti-me todo. Tenho a vida segura.

— Homem! Se você me explicasse... Podia servir para algum amigo sem escrupulos...

— Não serve. Os seus amigos devem ser do seu feitio: *maduros!* Dize me com quem lidas... Olhe! tem você no seu predio um collega meu, o *Bodegas*. Veja se elle tem apertcs e afflições!

E virou-me as costas

*

Não pude até agora saber como as relações politicas podem *collocar sem collocação* um traste que deseja passar bem. Volto ás minhas meditações: — N'uma sociedade em dissolução ha sempre modos de viver tenebrosos...

Tenebrosos, com ostras e *champagne* -- como affirma a Felizarda.

JORNALISTA...

Fidelio, filho do hervanario alli da esquina, parece que estudou para burro, Deus lhe perdoe! Nunca houve meio de o distrahir do jogo da pedra, para o estudo completo da cartilha. Ficou-se no K, como legitimo kágado social. A respeito do *officio* paterno, nem pensar n'isso. Confundia as malvas com as papoulas e as sanguesugas com as minhocas... Por fim, ralada a mãe, o kágado teve uma ideia: Fazer-se jornalista!

No burrical juizo de Fidelio, o jornalismo é a unica profissão que dispensa de aprendizagem e de conhecimentos. Dá-se tempo ao officio para engraxador e para financeiro; para *a tal coisa* é só um homem querer!

Fidelio tem relações com um typographo e com o caixeiro da papelaria Fagundes. E' obra! O anno passado metteu-se de gôrra com os industriaes — o dono da officina typographica e o dono da papelaria. Habilitou-se como editor da *Perúa*, quinzenario de critica mordente, fêl-a annunciar pelo *Gaivota*, o revisor da *Trombeta de Loires*, seu fiel companheiro nas iscas da Atalaya — e pôz na rua o primeiro numero.

*

Critica mordente, já se deixa vêr. Dentes molles, fome rija e teza, fome de escandalo: fome de chinfrim — dê lá por onde der, não sei se entendem .. Nem grammatica, nem ideias, nem chiste, nem senso commum, nem sequer o picante de originalidade que deu vóga ao malogrado Jayme da Ajuda. Pura alforreca — o Fidelio das sanguesugas, aliás minhocas!

Mas conta com um publico escolhido — a dedo e a gancho...

Ha dois grandes vácuos em nossa lei: para o trabalho dos menores e para o trabalho dos *jornalistas*. E' preciso que se saiba se o menor *pode*

e se o jornalista *sabe*. Saber o quê ? pergunta o Fidelio, fulo. Se sabes conjugar um verbo, grande mono! Se sabes descrever o caso de um coice que o conselheiro Amancio apanhou de um burro não conselheiro!

Se sabes deplorar o *successo infausto* da morte do brigadeiro Ledesma, um dos 7.500 marmanjos heroicos a quem devemos tudó o que gosamos. Se sabes lêr o ultimo livro publicado ; e provar em quatro linhas que soubeste acariciar a vaidade da actriz Justina, sem que o publico perceba que lhe acaricias as côxas. Se sabes que a Persia é na Asia e a Liberia não é o mesmo que a Siberia. Se sabes referir-te á Legislação, a proposito de costumes, e á Historia, a proposito da Legislação! E se além de não ignorares tudo, affirmas o resto : independencia, juizo, coherencia, hombridade, o respeito da tua profissão... Fecha essa bocca, Fidelio !

*

Nada! Isto não vae direito! Então a gente súa e tresúa sobre cartapacios e ensaia-se n-nos e annos a aprumar-se n'este mundo; come

o pão que o diabo amassou, para ter o seu officiosinho, pouco lucrativo entre nós, mas respeitavel : e vem d'ali o Fidelio, que é vesgo de critica e tapado de entendimento, que é tolo e rancoroso como um filho de mula — e diz que é nosso collega ! ? *Collega* será elle !

Eu não fumo charutos caros : apenas cigarros *delicias*, mas paguei os. A minha voz não é sonora, mas não sou gago. Não sou o Girardin, nem o Sampaio da *Revolução*, mas não quero ser *collega do Fidelio !* Que tal está a espiga !

Peço aos governos da minha terra um jury para examinar o Fidelio. N'esse jury devem entrar um professor primario, um official do nosso officio, um medico... e, para o que der e vier, um alveitar; depois, conforme o *exame*, carta ao Fidelio, ou prendel-o mais curto !

PURA E SINGELA!

Ha já muitos annos, dois homens de letras, de galão amarello, lembraram-se de fazer uma obra de galão branco: uma revista do anno. Chamavam-se elles Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo. A revista era a *Viagem á roda da Parvonia*. Bello trabalhinho de critica!

Havia lá uma rapioqueira que cantava:

Sou a innocencia pura e singela,
Sou a innocencia do meu paiz!

E toda a *pura e singela* que assistia á festa, desatou n'um berreiro de protesto. Patada que

te parto! — E' boa esta de virem assim com as mãos ás caras pudibundas!...

N'estes ultimos tempos tem florescido o escandalo em terras de Portugal. Florescido e trepado a dar-lhe com um pau! Elle é o veneno, a seducção, o suicidio, o desfalque — toda a obra obnoxia e infecta do sinistro *formigueiro humano*. Arripia as carnes e o cabello — como dizia o épico, mas ha outra coisa que arripia...

Apenas á suppuração vem uma d'essas tristes mixordias, a *pura e singela* desata n'um berreiro doido. E' desde o boticario até ao barbeiro e desde o barbeiro ao boticario, e o conselheiro em familia, ao chá, e o gallego e a sopeira na cosinha, e o operario nas horas do descanço e o galucho a toda a hora: tudo isto bérra, barafusta, commenta, fulmina, — sem exceptuar o fadista no *Refilão*. O desfalque, o suicidio, o veneno e a seducção—é tudo discutido, analysado, pulverisado, reduzido a moinha. Que a sociedade está podre, dissoluta, ladra, gasta, torpe, esqualida e desavergonhada! E desde Belem á Graça e desde Arroyos ao Aterro, é um côro de

maldições de consciencias puras, sublevadas contra a porquidão dos costumes!

Sou a innocencia pura e singela,
Sou a innocencia do meu paiz!

*

Subitamente, porém, dá tudo em agua de bacalhau! O furor desce, tanto e tão rapido, no thermometro, que parece que vae fugir o mercurio; sobrevém uma dose de melancolia, que até pede guitarra e saracoteio brando; já se não bérra, já se não discute, já se não condemna; apenas se murmura — o que? Phrases compassivas, idéas de atenuação, invocações ao Christo que perdoou, coisas que atordoam os scepticos! — Pois que! toda esta população sabe transformar-se, de um dia para o outro, de *nobremente indignada* em *docemente compassiva?!* E' muito, fóra do carnaval!...

Vai d'ahi, principiam os scepticos a disfructar a coisa... Que ha obra, não padece duvida! Mas, porque foi que no cerebro e no coração do

conselheiro, nos da conselheira, da sopeira, do gallego, do operario, do galucho e do fadista, desde Belem á Graça e desde Arroyos ao Aterro, se operou assim, de cambulhada, tão subita e phantasiosa transformação?!

Vamos lá a vêr! E a gente põe-se a vêr... E de cada alminha ex-indignada sae, como d'uma caixinha de surprezas, uma coisita sinistra, que se chama *um remorso*. E' alli um desfalquesito esquecido, além uma seducção que se abafou, acolá adiante uma intrujice, mais adiante uma indecencia, e ao lado uma hediondez, e alli abaixo o que Deus foi servido. E como o *remorso* estoire as costuras da hypocrisia, ahi tendes vós o perdão, a atenuação: — Que talvez não seja tanto assim! que é preciso não esmagar quem está por terra!...

Sou a innocencia pura e singela,
Sou a innocencia do meu paiz!

OS LADRÕES E OS OUTROS

Um amigo meu, philosopho por má indole e capitalista por pandego acaso, referia-se ha dias — com amargura patriotica, já se deixa vêr, — aos casos de mão baixa que estão desacreditando a terra de D. João de Castro e poluindo as barbas honradas d'aquelle vice-rei da nossa India.

D'essas referencias amargas do philosopho-capitalista se originou o discutirmos,—foi n'um banco da Avenida, por signal, — estas coisas de mãos limpas e de mãos sujas. Não é por dizer, mas chegámos a conclusões replectas de bom-senso e, quiçá, de extrema sabedoria.

Como vão vêr...

*

— Ha tres especies de homens de bem, quero dizer — *incapazes de empalmarem cobres:* disse o meu amigo. De ladrões ha só uma especie: *a dos que empalmam.*

— Vamos ás tres especies! bradei, em sobresaltos de critico.

— Imagine, exclamou o philosopho, que n'uma habitação onde você entrou, o dono da casa, confiando em você, o deixa sósinho no seu gabinete, durante meia hora, prevenindo-o de que só voltará *passada essa meia hora.*

Em cima d'uma secretária está um montinho de libras — coisa de mil e tantas.

Você é pobre; não tem de seu n'esse momento dez tostões e tem vinte libras de necessidades urgentes.

O que é que você faz?

— Invejo o dono das libras, naturalmente.

— E porque é que *não se abotôa*, visto que ninguem vê?

— Porque não sou ladrão.

— Porque?

— Essa não está má! Porque me repugna; porque é contra os meus principios!

— Muito bem. Ha ahi muito da *educação* e alguma coisa da *consciencia*. Repugna-lhe: é o grito da consciencia. E' contra os seus principios: é o protesto da educação.

— Aonde quer você chegar?

— A isto: de doze homens — não fallo de malandrins, mas homens como nós — collocados na situação de você, dois deixariam de empalmar — *por consciencia*, quatro *por educação*, cinco por *medo de que se soubesse;* o ultimo correria o risco...

*

— Está bem definido; falta classificar.

— E' intuitivo. Os dois da *consciencia*, ao sentirem a tentação. ouviram uma voz secreta, que lhes dizia: — «E' mau!» Os da *educação* ouviriam outra voz: — «Parece mal!» Os taes cinco, os do *mêdo*, ouviriam: — «Póde acontecer mal.»

— E o ultimo? O que deita a unha?

— Esse tambem ouve: — «Póde acontecer

mal.» Mas responde : — «Não me governo com cantigas.» E deita a unha, como você diz.

— De modo que n'este Baixo Imperio, como diz o boticario Fulgencio, os sujeitos vão tomando confiança com as vozes mysteriosas...

— E' como canta. A principio, quando havia *freios*—da moral, da educação, do raciocinio,—a coisa não corria mal. Vae ao depois, meu caro amigo, os homens tanto roeram nos *freios* que os torceram e despedaçaram. O ladrão vem a ser...

— Uma besta desenfreada ? !

— Ora ahi está ! E o *outro* — o que não deita a unha, é simplesmente a *besta cautellosa*, com muita correcção de movimentos intimos e attenção ás *vozes mysteriosas*...

IGUALDADE!

Da Liberdade e da Fraternidade, as duas manas da croia, não fallemos hoje. E' bom guardal-as para dias de magro — como dizia o outro; que nem sempre ha peixe para os apertos da governante.

A Igualdade... haveis de conhecel-a. Eu conheço-a, de a vêr desde que me entendo; mas nos ultimos tempos mais farfalhuda. Gira por ahi, desde S. Carlos ao Chalet de Belem e desde o alto da Avenida ao alto do Pina.

E' aquella que, quando não tem abas para accrescentar á jaqueta (veste d'homem), corta as abas á casaca do visinho, para o pôr de jaleca, tambem. Boa pessoa!

Um dos factos mais salientes do predominio

da sujeita, nos felizes tempos e no delicioso paiz em que vivemos, é o que consta d'esta serie de bellezas quotidianas:

O meu amigo visconde da Areia é o primor de catitismo que vós sabeis. E' rico, gentil, moço, gosta do janotismo, diverte-se. Está no seu direito e no seu tempo.

Móra elle á Junqueira, n'aquelle palacete côr de rosa branca, que péga com outro côr de café sem leite. Defronte ha umas casas abarracadas, onde vivem familias pobres. Entre essas familias, ha a do Zé Guedes, polidor, um pobre diabo, que faz os seus quatro mil réis por semana, que tem dois filhos e a *mãe de seus filhos*, e que tambem gosta de janotismos.

Ora, um dia d'estes, contou-me o visconde:

— «Imagine você que o tal velhaco (o *Zé Guedes*) fez de mim o seu figurino!

Copia-me descaradamente, a preços reduzidos, auxiliado por uma industria réles e abandalhada que fornece um soberbo contingente para a immoralidade da vida moderna (o visconde é critico e philosopho)!

Veja você isto:

— Vamos a vêr isso do Zé Guedes!

— Em tempo appareceram as camisas Oxford. Caras e bonitas. Comecei a usal as. Um bello dia, estava eu á janella, vejo o Zé Guedes, que cumprimenta — lá da porta d'elle. Affirmo-me. Estava de Oxford, exactamente o padrão da que eu tinha vestida. Com esta simples differença, que o meu creado, o Leonardo, averiguou depois: — as minhas camisas custaram-me dezoito tostões cada uma e a rica industria macaca arranjou logo a imitação para o Zé Guedes, pelo modico preço de seis tostões!

— E' boa!

— Ouça você: Faço uma botas no Serra, botas de montar; custam-me quatro libras.

Oito dias depois, o Zé Guedes apparece de botas de montar. Custaram-lhe a féria d'uma semana, n'um Serra de sola e vira...

Quatro mil réis, e não pagou á tenda n'aquella semana! Apparecem uns cintos de seda, que custam uma libra. Compro dois, um côr de papagaio d'Angola, o outro côr de canario das ilhas. Dois dias depois — prompto! O Zé Guedes lá está com o papagaio, mais com o canario!

Cinco tostões cada um ; é setim de lã, mas faz a mesma figura !

— E' d'embirra o Zé Guedes !

— E' de dar casca ; mas eu não me zango pela imitação ; é pela *immoralidade* da coisa. Não ha ratazana que não trate de macaquear os superiores pela posição social. Aquelle sujeito teria a sua vida regulada e o pão da familia garantido, se se vestisse e vivesse como naturalmente lh'o impõem os seus recursos. Mas, qual ! Imita-me as gravatas, os chapeus, o calçado, as bengalas —tudo obra de fancaria, já se vê, mas por tal modo que ainda ha dias a Carmen, indo visitar-me, disse-me :

— Tens uma gravata como a do teu visinho ali defronte ! Que diz você a esta ?

— E' de primeira agua.

— E' a caracteristica de uma sociedade pôdre, de burlas e de parvoices. Veja você aonde vae parar esta choldra, em que as sopeiras se confundem com as patrôas e os cocheiros com os fréguezes e os pedaços d'asno com os sabios e o Zé Guedes commigo ? !...

Tem razão o visconde — esse camello !

PATRIOTAS!

André Fagundes, meu visinho e de sua occupação taberneiro, é portuguez, como o leitor e como eu. E, além de portuguez, é patriota. O seu nobre sentimento de nacionalidade escolhe, para affirmar-se, a especial manifestação das bandeirolas bi-colores. Sua taboleta, em que se lê aos sabbados:—«Hoje ha dobrada», é sobrepujada por um pedaço d'algodão, azul e branco, que, na opinião de Fagundes, aquece e anima, para a vida e para a morte, os verdadeiros portuguezes.

Faz lhe a razão o José Migueis, nosso visinho e com activo commercio de figados de vacca e outras miudezas. O José Migueis tambem usa a

patriotica insignia, a cavalleiras de um par de córnos dependurados na porta e mais retorcidos do que as villanias d'este mundo. Diz o homem da fressura — que é para aquecer os portuguezes.

Um ponto controvertido da historia patria é aquelle do Martim Moniz, que o Fagundes conhece, por ter nascido no Castello. Refiro-me ao caso de o Moniz se haver atravessado entre as portas da fortaleza, impedindo com o seu corpo esborrachado que as portas se fechassem.

O José Migueis, muito cynico, diz que o homem, se ficou esborrachado, foi por não haver podido safar-se a tempo. E d'ahi se originam polemicas que lembram a doce harmonia partidaria de qualquer dos partidos... do paiz visinho. Divertida coisa!

*

Esta anomalia das bandeiras nacionaes, ou sem nacionalidade — á falta d'outras, — está caracterizando o nosso povo. Diz um philosopho pessimista das minhas relações, grande jogador de

damas — no Suisso, que aquillo é um pessimo symptoma de dissolução : que, quanto mais trapos, menos alma : que a ostentação das côres é signal de sangue descolorido ; e, a proposito, cita phrases de um tyranno antigo, allusivas aos povos que se divertem com juramentos, como as creanças com brinquedos. A bandeira é um symbolo de juramentos.

Não se limita aos acanhados dominios do José Migueis e do André Fagundos a furia decorativa e patriotica. O conselheiro Figueiredo, aquelle que na Avenida da Liberdade fez um predio do feitio de um vaso nocturno, arvóra aos domingos, sobre o vaso em questão, a bandeira nacional, o que faz as delicias dos passeantes, de certo modo aquecidos e animados, como dizem os meus visinhos ; e, no Casal Ventoso, no alto do Pina e alli na philarmonica da praça, o pendão das quinas, azul e branco *e semellas*, prova ao mundo culto que, se perdemos a noção de algumas virtudes antigas e de alguns deveres modernos, não perdemos a noção das côres patrioticas, nem a da importancia dos pendões e dos galhardetes.

Que vós bem sabeis em que os gaiatos de Lisbo são capazes de espetar uma bandeira!...

*

Heis-de vêr, á força d'estes abusos, cahirem as bandeiras nacionaes no mesmissimo abysmo em que se afundaram as *barbas honradas* nos nossos illustres avoengos! Aquelle D. João de Castro, *verbi gratia*, que punha no prégo, pouco mais ou menos, os pellos decorativos da physionomia, é a vergonha da geração d'hoje! Não ha barba de conselheiro, nem trapeiro, por mais rudemente desenvolvida, que valha uma cedula de meio tostão, no prégo da travessa da Queimada, e que o mestre escama não arremesse ao barril do lixo, se o proprietario da prenda lh'a deixar na loja, — com parasitas ou sem elles!

A decadencia obnoxia de um povo não está bem na falta de dinheiro e de poderio; está na falta de respeito *a sério* por estas sagradas ratices: as barbas dos justos e as côres da bandeira patria. Dizem chronistas de truz que, depois do

caso das barbas do nosso Castro, desataram varios bigorrilhas a pedir *massa* aos agiotas, á conta de pêllos do focinho — o que arrastou o negocio ao preço da uva mijona e ao descredito que vós sabeis. Hoje, o abuso da bandeira bi-colôr no alto do Pina, no Casal Ventoso, na philarmonica da praça, na tasca do André Fagundes e no deposito de miudos — do Migueis — prepara o cataclysmo do descredito, da troça, do rebaixamento. Tão certo como sermos uns pelintras, veremos o *azul e branco* rebaixado ao côr de burro quando foge — e a culpa é do Fagundes, mais dos outros.

Ah! grande ventura é a nossa — d'esta geração de criticos, pensadores como burro, — que, se não possa ainda analysal-os! Já ninguem nos sustém na queda,—nem o Creador nem as creaturas,—mas ao menos *temos olho* para averiguar os peccados velhos e os novos, que prégam comnosco, de cabeça para baixo, n'um abysmo anti-patriotico, inopportuno e, póde-se dizer, impolitico!

AMANTE!

Queixa-se D. Genoveva Cardoso, abominavel dama das minhas relações respeitosas, de que não é senhora de pôr na rua o horrendo pé, sem ouvir amabilidades e até convites obnoxios dos cidadãos lisboetas. Pondero á veneravel senhora que o lisboeta é o *menos:* que o peior é o provinciano que nos chega do Fundão e de Mogofores, enjoado e caustico e resolvido a tirar o bojo de miserias na capital. D. Genoveva está por tudo e cede a palavra á seductora Herminia, a filha do conselheiro Figueiredo, loira dos meus peccados e attenções e um bom casamento para um homem rico e de sentimentos nobres.

Diz-me *mademoiselle* Herminia que a envergonham, por sua mamã, as palavradas que por essas ruas lhe dirigem os homens apparentemente educados. E que os peiores não são os que fallam; são os que olham, sem dizerem coisa alguma. De tremer — a lascivia do Luso!

A concordarem com as duas patricias, já récebi queixas de *madame* Berthe, uma franceza muito séria, professora de linguas vivas, e da *señorita* Mercedes, tambem professora em linguas, mas menos séria de que a franceza.

Todos estas damas acham o portuguez petulante em seus emprehendimentos amorosos, de paixoneta engatilhada e apontada, de obscenidade na ponta da lingua, no olho maroto e... façam ideia do resto!...

E' pavoroso!

*

Tenho visto homemsinho que, sahindo de caza, com o pensamento fixo em um negocio grave e n'um ponto distante, onde esse negocio tem de ser resolvido, perde o fio ás meditações,

aos calculos, ás combinações, esquece o ponto de reunião, se o combinou, e perde de cabeça o negocio com todas as suas gravidades, só porque ao sair de casa avistou a cem passos meio palmo de meia branca, por debaixo da saia de uma cachopa, ou lobrigou ao fim da rua o saracoteio d'uma *camarera*, ou topou de cara com uma mulher de bigode. Toma o freio nos dentes, e elle ahi vae no encalço da *femea*, desde o Rato a Santa Apolonia, ou desde o Rocio á Estephania; e, se lhe não dão corda, recommenda a *victima* á perseguição d'um gallego, e no dia seguinte manda-lhe uma proposta.

E' medonho!

*

Uma situação mais grave do que lhes parece é a do homem que por essas ruas ou n'esses theatros acompanha uma senhora — séria ou brincalhona. Não ha n'este mundo, segundo informam viajantes, a não ser na Cafraria — em alguns pontos — sujeitos que, como os nossos sujeitos, assim olhem com attenção, com desejo,

com delirio, para a mulher do proximo, ardendo em pandega e desprezando o pensamento inopportuno de uma tareia provavel!

Dizia me ha dias um patricio muito conhecido, á conta de eu lhe indicar *um marido* proximo a uma senhora a quem elle se permittia piscar o olho :

— «Se eu tivesse medo de apanhar lambada, nunca apanharia *coisa alguma!*

*

Os criticos de duas sólas seriam capazes de descortinar n'estas furias do Portuguez a caracteristica do sentimento amoroso da nossa raça. Ha de ser um tanto d'isso, mais um bocadito de má educação. Temos lidado muito com povos europeus e outros, e de todos elles temos extrahido manhas, mas o que mais nos captivou foi o *gallego*.

Para a má creação, já se deixa vêr. Para o trabalho é outra cantiga !

GRATIS!

Está muito desconsolado o meu velho amigo Fructuoso — o dos oculos — que ha bons quinze annos e pico vem deputado pelo circulo 69 *bis*. Encontrei-o ha tres dias na arcada, onde eu fôra para me dar ares de politico, e vi-o mais pallido que o costume e com os olhos amortecidos por detraz dos vidros cheios de sebo — e de desacatos de moscas. Perguntei-lhe pela saude — segundo as formulas.

— Má e de mal a peior, me respondeu o Fructuoso.

— Coisa de cuidado? interroguei, hypocrita.

— Coisa grave. Ha tres dias que não cômo!

— Dispepsia, hein?!

Elle riu-se amarello, como um ciumento a fazer de desprendido.

— Não está má dispepsia! E' falta de recursos!

— Falta de recursos, ó Fructuoso! Você está caçoando commigo ?!

— Prouvera a Deus!

— Venha d'ahi! Vamos almoçar, e desculpe! atalhei eu, tão sensibilisado pelo caso como receioso de que me vissem com um faminto.

— Quem julga você que eu sou? vociferou o homem.

Eu sou independente, graças a Deus!

— Tambem eu, volvi indignado. Mas eu não quero corrompêl-o; quero apenas que você coma meio bife!

— Bom! concordou o Fructuoso, mais sereno. E' que eu não admitto sombra de um equivoco! A minha independencia é conhecida. Heide estar dentro do caixão e ainda heide dar pontapés!. .

— A' vontade! Mas vamos a elle — e com batatas!

— Pontapés e gritos de indignação!

— Faz muito bem. Mas póde ser de cebolada.

— Que a mim ninguem me põe o pé no pescoço!

— A quem o diz! Vamos ao Aurea!

E fomos; elle rosnando sempre.

E' damnado o Fructuoso!

*

Sentados a uma mesa do Aurea, com dois bifes de cebolada e com batatas, mais duas meias de Collares e do Cartaxo, eu interrogo com os olhos, e elle explica-se com os queixos...

— Quer outro meio bife, ou quer uma *omelette?*

— Podem vir as duas coisas.

— Hun! Pois venham as duas coisas!

E o rapaz vae buscar as duas coisas...

Come-se e bebe se. Ha torradas e ha chá preto. O Fructuoso quer café e rhum. Bebe duas chavenas e tres copinhos. E' para eu me não fazer tolo na arcada!...

— Agora, conte-me você isso, ó Fructuoso!

Elle palitou os dentes e assim falou:

— Você sabe que sou deputado ha quinze annos...

— A quem você o diz. Tenho o ouvido em todas as legislaturas.

— Tem-me ouvido ?!

— Sim. Tenho-o *ouvido* calado.

— Isso é outro cantar. A minha independencia não me admitte paróla... Mas emfim, sou deputado ha quinze annos e d'isso tenho vivido independentemente.

— Conte-me essa!

— E' como lhe digo. Cem mil réis por mez, trez mezes; ás vezes uns accrescentes. Sempre chega a uns quinhentos mil réis; ajunte você: encommendas da terra, como, *verbi gratia* — procurar o ministro, saber de heranças jacentes, dar um empurrão n'um despacho, defender a industria da sumaúma em projectos de lei redigidos e sustentados pelo Onofre, que tem dom de palavra. A coisa deita, anno por anno, ao seu contito e quinhentos.

— E você não tem feito economias ?!

— Isso faz elle! Não! Que as vidas são tres dias, e eu gosto de gozar.

— Faz você como deve, visto que faz o que sente. De modo que este anno, temos obra!. .

— E que obra! Veja você o Zé Dias a querer que eu represente *gratis* o meu paiz. De graça nem os burros, que querem palha! De modo que não posso vir á camara!

— Mas...

— Mas o que?

— Mas os outros rendimentos devem chegar-lhe!

— Mas eu é que não chego a chegar-lhes! Eu não posso sair eleito, sem hypothecar no circulo, a dois influentes que lá ha, os meus vencimentos como deputado. Ora, os vencimentos acabaram-se. Que diabo quer você que eu hypotheque?

— Venha a credito!

— Se eu tivesse credito, não era representante d'este paiz!

— Essa é de primeira logica.

— Pois já se deixa ver. Não tenho ordenado. Sou um *desinteressado servidor*! Que quer você que eu faça no circulo e que quer que eu cõma?

— A proposito, que estava você fazendo na arcada ?

— Estava á espera do Zé Dias. E' para que elle me veja no estado a que me reduziu. Talvez o assaltem remorsos. Você que diz ?

— Eu digo que o homem não tem remorsos. Olhe que se elle o vê a *flanar* pela arcada é capaz de ter outra ideia.

— Qual ?

— A de obrigar os deputados a pagar as honras do officio. Faça outra coisa.

— O que ?

— Trabalhe! Verá como é divertido.

— E ganha-se por isso ?

— Alguma coisa. Menos que a não fazer nada *(Bisca aos bifes e á omelette)*. Mas emfim, não ha *trabalho gratis*. O que ha *gratis*, pelo systema do Zé Dias, é a madraceira, mais a intriga, mais a vaidade. Percebeu ?...

Não percebeu.

FORTUNATAS

Como se désse o caso de vir a fallecer a Fortunata — muito conhecida na Arruda, onde puzera a pão e laranja o commendador Francisco — a *Linda Estrella Arrudense*, semanario politico, litterario e noticioso, abriu as suas columnas á celebração dos feitos da saudosa extincta. E logo o Barretinho das manas, aspirante a praticante supra-numerario no correio da Arruda e collaborador effectivo do *Almanach de Lembranças*, despejou por alli abaixo, em prosa e verso, pensamentos como burro. Exaltava o genio alegre da Fortunata e, sobre tudo, o bom coração da moça. Céus! que coração e que miudos!

A's boas palavras *elogiacas* da *Linda Estrella Arrudense* correspondeu, tambem em prosa e verso, o *Clarim da Porcalhota*, hebdomadario critico, e em toda a linha foi uma saudação ás boas qualidades da Fortunata, — por tal modo que a esposa do commendador Francisco, reduzida á miseria, com uma filha de doze annos, consultava-me ha dias, nos seguintes termos :

— «Veja o senhor *João Braz:* Cazei com aquelle homem, ha treze annos. Tive esta filha. Durante todo o tempo da minha vida conjugal occupei-me no governo economico da casa e na educação da pequena. Soffri todas as contrariedades resultantes da má fortuna, ou do mau humor de meu marido. Fui sempre uma companheira docil e amiga, até ao dia em que elle se arruinou por aquella Fortunata (Deus lhe perdôe !) e me abandonou com minha filha. E' barbaro tudo isto ; pois não é ?

— Barbaro, mas *humano*, articulei sentencioso.

— Pois será humano. A verdade é que eu nunca me revoltei. Separada de meu marido, consagrei-me ao meu trabalho de florista e cá vou

vivendo com minha filha. Ha, porém, uma coisa que me preoccupa...

— V. Ex.ª dirá.

— Morre essa mulher, e vejo celebrada a sua memoria em diversos jornaes, sem referencia aos dissabores e ao escandalo que produziu, antes com palavras de louvor a qualidades de coração — que eu não percebo o que venha a ser em tal mulher. A minha filha, que me tem visto soffrer, que está para ser mulher e que não é imbecil, tem lido as taes coisas dos jornaes, que eu não consegui occultar-lhe a tempo, e perguntou-me hontem que qualidade de mulher foi na vida essa creatura celebrada.

— E que respondeu V. Ex.ª ?

— Não respondi.

— Fez V. Ex.ª muito mal. As creanças, quando não obteem resposta, obstinam-se em descobrir o *mysterio*, e a sua critica desorientada leva-as a conclusões deploraveis.

— E que podia eu ter respondido ?

— Eu não posso dictar uma resposta de V. Ex.ª a sua filha. *Não sou mãe*. Sou um homem e sou um jornalista : quer dizer — cumpre-me ter pon-

tos de vista independentes, para as minhas apreciações. V. Ex.ª está tão carecida de *resposta* como sua filha. E' pois a V. Ex.ª que eu respondo...

— ?

— Nas singelas e honestas existencias ha uma orientação dictada pelo Dever. O que n'ella se soffre é por elle que se soffre. A recompensa está já no sacrificio. V. Ex.ª, boa esposa, boa mãe, infelicitada por seu marido, não precisa das locaes das gazetas a glorificar-lhe as qualidades. Tem o respeito de si propria e conta com o respeito dos seus amigos.

— *E ellas ?*

— As Fortunatas?... A minha amiga ouviu falar no José do Telhado ?

— Ouvi.

— Era um salteador. Muitos roubos, muitas mortes ! Quando elle morreu, os jornaes disseram : — «Possuia algumas qualidades louvaveis.»

— E possuiu-as ?

— Não sei. Nem os outros sabiam. As restricções que a Humanidade oppõe ás maldições que vão a prumo sobre os maus vencidos represen-

tam talvez o *amor-proprio da especie.* O homem não gosta de vêr *completamente* desacreditado quem era feito *á sua imagem e similhança.* E' isso o que vale ás Fortunatas. E d'ahi repare V. Ex.ª: n'aquellas demonstrações posthumas ha uma liga de compaixão e de desprezo. Está V. Ex.ª livre de um tal tributo.

— Tenho entendido.

— Pois vá ensinal-o a sua filha !

*

Lá foi. Eu fiquei satisfeito—por ter desaggravado a classe.

PELA VIDA FÓRA!

Não ha como o estado de doença, para reflexões sabias e especiosas conjecturas. Se é mortal a enfermidade, pensa se, com muito espirito, na morte — e não se ganha nada com isso. Se a doença é apenas um incidente, precursor do *caso sério*, discreteia-se com muito acerto sobre os episodios da vida. Entre a applicação da tintura e a da pomada, e nos intervallos da febre, acodem coisas que os sete sabios da Grecia, boas e bem olvidadas lesmas, não descobriram, — nem eram cabeças para tanto.

Doente, dei-me a pensar que entre Desgraça e Ventura, ha, para nós todos, esta simples diffe-

rença de *processos:* A Desgraça é-nos emborcada, sem conta nem medida, pela providencial mão superior; a Ventura está ao nosso dispôr, — em pipa. Uns põem á torneira a bocca — e lá vae a cair! Os outros, os grandes *melros*, levam copinho de meio decilitro — e regalam se na prelibação da Bemaventurança...

Oh! como eu fui victima antes de sêr *melro!* Deitava me de costas, no chão da adega, com a bocca aberta por debaixo da torneira, e d'ahi era piela de meia noite! Foi d'essas *façanhas* que me sahiu o ridentissimo cortejo embryonario de dispepsias, anemias, hypocondrias e outras tyrannias do meu outomno... Pergunta-me o commendador Francisco se era cerveja, ou se era vinho... E' figura, commendador! Não seja bruto!

E o Lopes gazetilheiro, muito arguto:

— «Você dá-me um decilitro de Ventura?»

E' de bico amarello, mas não é *melro.* E' *pato.*

*

Diz-me o commendador Francisco, todas as vezes que me encontra, com uns arrebatamentos de homem pratico:

— Confiado na sua palavra honrada, tenho sustentado que as relações entre você e a *condessinha* são o que ha de mais puro e de mais simples: quer dizer...

— Quer dizer: de menos natural.

— E' isso mesmo. Ora, toda a gente se ri e me chama tolo. Principio a crêr que o sou, e não tardará que me convença, — a não se dar o caso de você reforçar as suas boas palavras com argumentação que se entenda!...

Fiz-lhe hontem a vontade, ao commendador. Obra de mil e um diabos: que, para o meu bom compatriota, *vêl-a, amal a e saltar-lhe em cima* é a base fundamental do amor. — «Ou cá um homem não fôsse portuguez!» grunhe melodiosamente, flatulejando se...

— A primeira ideia que assalta o meu amigo (perguntei-lhe eu), logo que uma mulher formo-

sa, elegante, prestigiosa e desejada, lhe aperta a mão, consiste, já se vê, em *atracal-a?*

— Pois isso é dos livros!

— E se lhe disserem que lhe será possivel manter, durante annos, relações de serena e profunda amisade com essa mulher encantadora, gosar o seu espirito, a sua graça, a sua distincção, soffrer dos seus dissabores e rejubilar com os seus triumphos, indifferente aos seus amores e ciôso apenas das amisades, sentir-se feliz com um seu aperto de mão e em superior companhia com o seu retrato: — que dirá a isto o commendador?

— Que é um supplicio de Tantalo! Entende?

— Entendo. Sob o seu ponto de vista pessoal, é um supplicio de Tantalo, e refinado! Mas em circumstancias perfeitamente identicas está o thesoureiro de um Banco, lidando diariamente com enormes quantias tentadoras. O meu amigo entende, porém, que o Tantalo tem de passar o pé, logo que se lhe deparem o Codigo Penal e os Mandamentos da lei de Deus. Prova de que só é Tantalo quem deseja sel-o. Fiz-me perceber?

— Não percebi.

— Com o auxilio do senso-commum e de uma singela educação, inferior á que o meu amigo possue, um cidadão que se préza abstem-se de considerar *materia para regabofe* a primeira mulher interessante que lhe chame *seu amigo*. Depois, com um poucochinho de boa vontade, extrae do convivio mais espiritual do que positivo, com essa mulher, toda a somma de prazeres...

— Espirituaes ?

— Como não haja comes e bebes, nem *outra coisa*, é licito chamar-lhes *espirituaes*. O meu amigo vae d'aqui pensar no que ha de orientação encantadora no convivio (espiritual, se lhe parece) com uma mulher distincta. Acalma tempestades intimas, nobilita o pensamento, dá-nos altivez, purifica as intenções do nosso trabalho, alevanta-nos o espirito. E tudo porque *apenas somos amigos*. Lance o *resto* n'essa amizade : o seu pensamento cairá, como n'um pantano uma ave ferida, sobre os moveis e utensilios de alcova...

— Mas os amores d'ella... com outro ?

— Que me importa a mim que o sol que, no

meu jardim, dá vida ás minhas rozas, alimente a fermentação dos vermes na estrumeira do meu visinho ?

— Percebo.

— Vamos lá... Podia ser mais *Tantalo !*

PONTOS FRACOS

«Sempre gostei muito dos advogados» ! — era uma das do Luiz Filippe, rei dos Francezes e matreirissimo Orléans. O Affonso Karr, registando a léria, commentava-a : — «Que lhe faça bom proveito !» Os taes advogados *gostados* pelo rei burguez eram tios segundos dos bacharelotes que rebentam, viçam, medram — e, á falta de homens, estão d'alto n'este paiz latino. Houve ahi um juiz cornupêto, que á falta de profissão de um vadio interrogado no pôrco tribunal acudiu com a seguinte nota ao escrivão : — «Ponha lá litterato !» Era o óbulo da estupidez córnea ao culto moderno : — Logar aos politicos ! Ora os litteratos são por todos os mo-

tivos, e mais um, a negação da habilidade politica. Sensiveis á admiração, contam com ella, e não ha um só, por mais insignificante, que não disponha do seu publico de *admiradores*. O politico só dispõe de *dependencias*.

*

Ora, a confiança na admiração de outrem impõe deveres de delicadeza espiritual. Quem se sente admirado concentra-se no respeito do seu espirito. Quer dizer: inutilisa-se para o mastro de *cocagne*, a que os subalternos concorrem com energia, sem vergonha e sem compromissos de respeito proprio. Succede uma vez por outra que o «litterato,» dando-se ares de fazer *o menos*, pois que para *o mais* affirmou recursos, entra no grupo dos «politicos.» Se não abdica absolutamente do principado intellectual, como Disraeli, — se conserva os compromissos do seu espirito com a admiração do seu publico, — tem a sorte de Chateaubriand — politico desastrado, de Victor Hugo — politico desequilibrado, ou de Lamartine — politico *comido*. Valerá a pena fa-

lar-vos dos casos do nosso torrão? Ahi tendes os «litteratos» na Politica: passam-lhes adiante os bacharelorios aptos para a redacção de um decreto, incapazes de dez linhas de Prosa portugueza.

Solertes bólas!

*

Foi hontem de manhã que eu, em Bellas, sentado n'um poial da casa das *Paschoaes*, pensei em tornar publicas estas ponderações, para desaggravo do meu amor-proprio de «politico impossivel» e satisfação a um admirador que eu tenho ha coisa de trinta annos: um antigo creado de minha familia, hoje vivendo de suas rendas, que eu lhe estabeleci, e sempre crente na minha superioridade para as *diplomacias*, que o bom velho extrae da minha velha paixão pelas Lettras. Crente, embora os factos lhe joguem a catapulta das desillusões! Elle vê-me a dois terços da regular existencia — provadamente incapaz de vir a ser, na direcção dos destinos do meu paiz, rei, presidente ou cabo d'ordens na

freguezia das Mercês. E conserva-me o seu culto de esperanças, e quando vê nas gazetas uma columna *litteraria* firmada pelo meu nome, ou uma referencia amavel de algum collega ao meu trabalho em *litteratura*, esfrega as mãos, pisca o olho e vae mostrando o artigo, ou que diabo seja, a toda a gente do nosso bairro, e commentando energicamente: — «Vocês não querem crêr! E' um marquez de Pombal!»

*

Já assim não crêem na minha superioridade politica — e pouco lhes importam as affirmações litterarias, — já assim não crêem as minhas visinhas Gouveias, pavorosas besbelhoteiras da minha rua, que ás conclusões do meu velho admirador oppõem estas ponderações, de empanzinar um avestruz: — «Pois sim, saberá muito, mas anda a pé! Olhe vossemecê para o Albertinho, que aos vinte e dois annos já é bacharel e já apparece nos papeis, para deputado! E este? Basta que não vae a um banquete, d'esses onde se fala; nem figura n'um enterro, nem nas espe-

ras no caminho de ferro, nem nas inaugurações; só o procuram em casa alguns casmurros como elle, e anda sempre sósinho, ou com o pequenito; e não sabemos se estuda muito: a verdade é que em casa anda a brincar com o pequeno e com os gatos, que é mesmo uma falta de respeito n'aquella idade!»

Estas falam bem, mas ahi lhes amplio o thema para a sua critica. Esta noite, depois de haverem adormecido o pequenino e os gatos, puz-me a lêr o Balzac — pela vigesima vez as *Illusões Perdidas*. Cada vez maior aquelle diabo! — E consolemo-nos, irmãos! — não chegou a *maire* no seu paiz, nem chegou a entrar na Academia. Sabia muito e andava a pé, — e o rei *gostava muito dos advogados*, — e o povo .. não sabia lêl-o!

POLITICA

Não me passa do espirito (e creio que já falei do caso) aquelle relojoeiro que tem na taboleta, alli em baixo na Avenida, estes dizeres audaciosos e resolutivos : — «Concerta relogios escangalhados pelos outros relojoeiros.» — Penso com força no caso, principalmente quando vejo o relojoeiro... perdão! o estadista que n'esta hora solemne, e quiçá angustiosa, preside aos destinos da patria amada. Faz-me o effeito, o Zé Dias, do relojoeiro da Avenida : — a mesma taboleta, a mesma audacia, e os outros — os que escangalharam o relogio — em grande berrata de preclaros e indignados dentistas : — «Você está dando cabo de tudo!»

Como o relogio seja nosso, não será em demasia censuravel a minha curiosidade : — saber se o homem concerta Até agora, quer-me parecer que as operações do artista se reduzem a conserval-o parado. Já é alguma coisa ! Que o maldito atrazava tanto !...

Quer-me igualmente parecer que o mestre já atinou com a *historia*, mas faz-se Lucas — o mestre ! Está vendo que na *mola real* só se mexe com especial pinça — que morde os dedos de quem lhe não péga a preceito. No pegar a preceito é que está o segredo do officio. Zé Dias não lhe péga mal, nem lhe péga bem. E n'esta anciedade cruel vae a gente apanhando o aneurisma das impaciencias febris.

*

Tocar na *móla real:* quero eu dizer na minha — nada de confusões ! — *pegar no boi pelos chavelhos*. Ora, o *boi* é justamente aquelle que tem chavelhos aureos, com pedrarias preciosas e mais contos de réis em fundos publicos de que o Arlequim Junior de pensamentos puros !

Agarrar o boi pelos chavelhos é — desdobrar a lei por modo que as dobras que enforcam os pequenos hajam de soltar-se, para envolverem os graúdos que se deleitam em cabriolas. E' tornar extensiva ao gordo proprietario meu visinho, — aquelle do predio d'azulejo e dos cães de fila, — o inexoravel aviso da decima, que um galfarro me põe aos peitos, todos os semestres da folhinha, em desattenção á minha crise economica. E' nivelar legalmente, para os effeitos dos encargos, todas as responsabilidades: as do pobre e as do opulento. E' livrar a Lei, essa nobre coisa, de collaborar na obra de fatalidade que entenebrece a vida dos enteados da Providencia.

Agarrar o *boi* pelas pontas é, para o estadista desejado e acolhido como ultima esperança, dar aos desherdados da Sorte a solemne satisfação de os cobrir com o manto da Justiça. E' tirar aos descontentes por indole o direito de se tornarem furiosos pelas iniquidades do alto. E' repartir a justiça, como pelos filhos reparte o pão a mãe que os estremece a todos. E' impedir esta coisa atroz — o clamor dos infelizes contra uma conspiração permanente dos felizes da terra —

cônspiração que se firma na protecção e nas condescendencias reciprocas dos associados, que exploram a relaxação da Lei, depois de haverem explorado as libertinagens da Fortuna!

*

E' a *móla real.* Soffre-se de falta de pão e, mais ainda, de falta de equidade. Eu não pergunto ao estadista recemchegado, ao salvador que desponta — se elle tem na bagagem vastos projectos financeiros, dado que eu não lhe suppunha a especial audacia de tocar n'*aquella móla.* E que audacia! Sacrificar as relações de cima, os interesses de cima, as reclamações de cima, aos direitos de quem não dispõe da moeda com que se pagam as condescendencias! «Concertar os relogios escangalhados pelos outros relojoeiros!...» Tenho a suspeita de que o relogio continuará parado...

Já é alguma coisa. O maldito atrazava tanto!

CÁ NO OFFICIO

O meu barbeiro pediu-me licença, um dos dias da semana passada, para accrescentar a uma sua objurgatoria, entre a orelha e o queixo de um droguista : — «E os jornalistas, que são uns mandriões.» Melifluamente se desculpou o mestre da imperiosa necessidade de taes dizeres : — «Pelo menos, dil-o a opinião publica.»

Precisamente n'essa madrugada, como quer que me causticasse uma insomnia, eu aproveitara-a para conversar com o meu padre mestre Veuillot, o qual padre-mestre me dissera :

— «E' meia noite. Trabalho desde as seis da manhã, e ainda não findou o meu dia.»

Dezoito horas e pico, de trabalho de espirito. Que diz você, ó mestre!? E que diz a *publica?!*

*

Trabalho ha vinte annos em jornaes — sem outro modo de vida—e d'esse trabalho vivo em alternativas de azafama e de *chômage.* Conheço do jornalismo as responsabilidades, os direitos, os deveres, os perigos, as amarguras, as alegrias, as fraquezas, os ridiculos, a força, as glorias, a importancia, a influencia, os mysterios, as *ficelles* e o positivo. *N'este officio* aprendi o que sei dos homens e dos factos, e aprendi o que sei de mim mesmo. Devo-lhe o pão de cada dia, a firmeza que vem da independencia, e a nobre e poderosa coisa que se chama *o respeito proprio.*

Puz ao seu serviço os meus nervos, o meu sangue, a minha tranquillidade, o sacrificio das minhas relações, talvez o descanço da extrema hora... Faço o balanço, e acho que estou pago. Abençoados todos os meus companheiros — in-

cluindo os meus inimigos — que não deshonram a minha profissão !

N'estas condições de *critica* e de *sentimento*, apraz-me considerar a *opinião publica* do mestre em deploravel desorientação de mentalidade, quando nos considera uma especie de bohemios do espirito na corrente da patuscada humana. E' claro que nem só de Veuillots, de Proudhons e de Sampaios se compõe o jornalismo. Não ha apenas Bonapartes, Moreaus e Massenas nos exercitos da Republica. Ha muitos grandes capitães de segunda classe, numerosa officialidade instruida e muitissimos soldados valentes. Só refugo os *amadores* : — os que são *jornalistas* de uma noticia em favor ou contra o chefe da repartição, em favor ou contra uma actriz.

Falo dos meus camaradas. Circumscrevo-me á corporação. Penetram-me o espirito os rancores impessoaes que elle conquista a certa gente: não podemos agradar a todos; e, quando agradamos, é sómente quando o nosso parecer vae de accordo com o parecer de todos. Está-me lembrando o auctor dramatico, maltratado pelos jornaes e que lhes oppõe os applausos de um pu-

blico : — «Este é que é o grande critico !» E até para expellir similhante inepcia tem de pedir a um jornal — que lhe dê guarida...

Directores politicos, chronistas, criticos litterarios, humoristas, reporters,— uns bruscos, outros amaveis, estes fanaticos, aquelles scepticos, acolá os intransigentes, aqui os condescendentes:—toda esta gente constitue uma força, ainda hoje a mais temida, e cada um d'esses individuos é a cada momento *solicitado.* E' ver o movimento diario n'uma redacção : queixas, reclamações, memoriaes, supplicas : queixas e reclamações contra o governo e os tribunaes e a policia e os maus visinhos e os maus serviços ; memoriaes do auctor de livros ou de artefactos, do emprezario e do artista; supplicas da pobreza envergonhada, dos desprotegidos que desespèram. E, regra geral, o *deferimento* produz sempre inimigos... ás vezes, em breves horas, os que nós servimos. Já lá o disse o Victor Hugo : — «A ingratidão é coisa urgente.. »

Uma nota curiosa. Em geral o *jornalista* tem na physionomia esta complicação : um sorriso e uma expressão de fadiga. O sorriso é o do ho-

mem educado, a quem, todo o dia, pedem alguma coisa. A fadiga é da vida *à la diable:* tudo á pressa: o estudo, a producção, a decisão, o descanço e o divertimento — por dever de officio. Não se é *alegre* — o que não quer dizer que se não seja feliz... A ventura extrae-se de todo o mal.

E' meia noite. Trabalho desde as seis horas da manhã, e ainda não findou o meu dia.

O CÓCÓ

Gosto com muita sympathia a *alcunha* que tornou popular em Lisboa o excellente homem, cujo corpo, ha um anno, apodrece no cemiterio. Está nos dominios da critica sorridente e melancolica a figura do activo trabalhador a quem a cidade deve a sua grande Avenida, as associações populares — uma dedicação extrema, e a Politica, representada por numerosos membros, — uma chuva de contos de réis, que mal se imagina ..

O Roza Araujo tinha um armazem de bondade n'aquella barriga, que nunca foi para a patria um sorvedouro. — *Dar* foi o seu verbo. *Deu* a toda a gente o seu dinheiro ganho. E deu o, sob qual-

quer pretexto, e sem pretexto algum. Era assim n'uma especie de abandono, e parece que só duas coisas o surprehendiam : — restituirem lhe o dinheiro de um emprestimo, ou deixarem de lhe dar um coice, logo depois de elle prestar um serviço. Tinha visto mundo.

*

Ultimamente achou-se pobre, o que é tão absurdo como achar-se rico. Os que privaram com elle dizem-me que o excellente homem se atarantou. Isso acontece noventa e nove vezes sobre cem. Não é questão de experiencia : é uma alluvião de coisas complexas o que determina em taes casos a resignação glacial. E' não haver nunca tomado a sério a *fortuna ;* — saber destrinçar *responsabilidades*, e distribuil as serenamente, para ajuste de contas *opportuno* ; — ter guardado sempre alugada a trapeira dos dias infelizes, — alugada, mobilada e diariamente frequentada pelo sol amigo dos pobres e de ricos; — e não considerar a vida indispensavel.

Roza Araujo atarantou-se, porque, tendo co-

nhecido a ingratidão, nunca fixara de frente o problema da miseria individual. De *responsabilidades* não tomara nota : como um fatalista, distribuira as pelo Acaso, pelo Destino, pela Má Sorte. Nunca possuira n'uma rua solitaria a agua furtada dos dias de provação e para os dias de provação. Não percebia como se pode *passar sem viver*. E o excellente homem gostava da vida confortada, com amigos, com amor, com os regalos que a *fortuna* concede. Dotado de bellas qualidades de energia trabalhadora, de generosidade, de dedicação, faltava-lhe essa arma de defeza : — a *saciedade*, que é uma explicação da *indifferença*. Deve ter soffrido muito, antes de morrer . . .

Por mal de seus peccados, caiu na *Politica*, e em redor d'elle passaram córvos, melros, passaros bisnaus e até condores. Roza Araujo distribuiu toneladas de pasteis (*do Cócó*) por aquelles papos insaciaveis. Comeram-lhe os pasteis, depois as cavacas das Caldas, depois os fiambres para *sandvichs ;* depois, os avestruzes enguliram-lhe a armação dos estabelecimentos. Lembro-me de me haverem contado, ha poucos me-

zes — foi uma noite — que na noite antecedente, um amigo leal do excellente homem percorrera com elle toda a cidade, a pedir dois contos de réis de emprestimo, que salvariam o *Cócó* de um abysmo. Deram-lhes com a porta na cara todos os politicos de alto bordo, que *lhe* deviam absurdos de dedicação.—Que não fosse doido! Que fosse governado! E o benemerito presidente da camara municipal de Lisboa — o mais benemerito de todos — só encontrou auxilio fóra dos dominios onde collocara os sacrificios.

Dizem me que nos ultimos tempos, os da Desgraça, alguns amigos fieis se acercaram da sua desventura e com disvellos o soccorreram contra a miseria extrema. A *Politica*, que lhe levou dois terços da fortuna, e a *cidade*, que lhe deve a entrada em vida de hygiene e de aperfeiçoamento, — nada fizeram por elle. Colhido e apertado pelas tenazes de um extremo infortunio, só ouviu da *sua camara municipal* brados de morte, proferidos por Catões de alcôrce.

Não teria desdourado a austeridade, nem a parcimonia honrada de um partido e de um municipio, a iniciativa simultanea d'essas collectivi-

dades — para garantir, fóra do terreno da esmola, mas no tributo, o pão de cada dia áquelle cidadão. Mas se elle não soube fazer se temer !...

Agora, está morto, está libertado. Podem fazer o balanço das suas culpas e dos seus sacrificios: podem absolvêl-o os moralistas, que a sentença, já não irrita os frequentadores d'essa Avenida— que elle abriu, para *dar ar* ao fartum da Virtude !

A MULHER DO SENHOR HOMEM

As ultimas scenas da camara dos pares — tareias do Chancelleiros no *Zé dos carapaus* — introduziram no lar domestico do commendador Francisco uma confusão superior á que vae na cabeça do esfrangalhado estadista. E' o caso que D. Genoveva e suas filhas, sem consultarem o chefe da familia, abandonaram a casa e foram-se saracoteando até á camara, em busca de sensações politicas.

Alli as serviu com tres entradas o Wenceslau das vélas de sebo, conhecido por—o *Wenceslau ceboiorio*, par de galão branco. Por signal, que as encafuou na tribuna destinada á imprensa, o que determinou alta no azedume dos jornalistas con-

tra o parlamento e algumas biscatas dos mesmos a D. Genoveva e a suas interessantes filhas.

Sem duvida alguma, eu sou dos que se apressam em considerar a mulher susceptivel de receber suggestões economicas, philosophicas e outras. Entendo que D. Genoveva tem direito a deplorar o imposto sobre o chouriço de sangue e outras cabeçadas de *Zé dos carapaus*. Todavia, por egual me quer parecer que o saracoteio de D. Genoveva e de suas filhas pelas galerias do parlamento deixa em maus lençoes o commendador Francisco, privado de jantar em familia, e prejudica a moral das meninas e a ordem na distribuição dos *trabalhos*...

*

Porque, emfim, está convencionado que o chefe da familia gire cá por fóra, na labuta de cada dia, para arranjar o *pão nosso* — e o *conducto*. E' elle quem atura na repartição o mau humor do director geral e quem, a seu turno, seringa os continuos e os pretendentes. E' elle quem trata com um agiota da rua do Ouro o desconto

dos recibos (5 °/₀ ao mez). E' elle quem suspira pela quéda de um governo, sem mesmo saber para que hade vir outro. E' elle quem chega a casa esbaforido, a pensar nos horrores do seu orçamento e a inventar expedientes de mil diabos! E é elle quem sustenta a Soledade!

Qual vem a ser o papel de D. Genoveva, distribuido pelo destino e pela ordem social? E quaes vem a ser os papeis das duas meninas — maiores de 15 e 16 annos? Que ellas entendam e se compenetrem e se penetrem!

D. Genoveva está n'este mundo para olhar com firmeza e vigilancia pelos fundilhos do commendador, pelo correcto engommado dos collarinhos, pela prudencia no consumo de vitualhas — que a creada Mathilde estragaria com desaforo e gaudio. Tem de vigiar a moral da Mathilde contra a policia civil e a das meninas contra os alferes alumnos. Tem de olhar pelo papagaio e pelo gato *Mignon*, um d'elles desbocado e o outro porco e ladrão. Tem de ir á missa das oito, aos domingos, ás Francezinhas, e tem de lêr á noite, com os oculos circumspectos, o ultimo romance do Richebourg — esse pantomineiro!

E tem de descompôr todas as noites o commendador, seu esposo, — á conta de bréjeirices do sujeito com a esvelta e acirrante Soledade.

Tem para pêras!

Quanto ás duas meninas, cumpre lhes trabalhar com denodo em arranjarem homem — á face da Egreja, bem entendido. E' para isso que todos os dias a tia Brites vem, pela 1 hora da tarde, buscal-as, para fazerem a Avenida, onde as lindinhas se esfalfam em revira-voltas e boquinhas de fazer chorar um politico, e ás 10 da noite, sempre com a tia Brites, teem de ir cantar á *soirée* das Dias, ou á das Nunes, ou á das Pires, onde vão muitos rapazes da boa roda — gente do commercio gordo. E não lhes esquece o commentario de cada noite ao procedimento embirrante do papá, que dá sempre motivos de desgosto á maman, — por causa d'aquellas *porcarias*...

Porcaria a Soledade!

E' claro que se D. Genoveva e suas filhas dão em saracotear-se pelas galerias da Camara, á espera do que dirá o Chancelleiros, ou do que ouvirá o *Zé dos carapaus*, vae tudo de pernas ao

ar na ordem social. O chefe da familia terá de olhar pelos fundilhos, pelos collarinhos, pela manteiga de porco, pela virtude da Mathilde, mais pela virtude das meninas, pelo papagaio e pelo gato; terá de ir ás Francezinhas, de lêr o pantomineiro Richebourg, de dizer mal da Soledade, de passear na Avenida com a tia Brites e de cantar na *soirée* das Pires...

Emquanto o mulherio, na camara dos pares, com o olho no Barjona, espera ancioso que o homem diga:

— «Tem a palavra o sr. visconde de Chancelleiros!»

Ora, abobora!

NA BELLA CAPITAL!

Disse, outro dia, um homem que ha pouco falleceu: — «O meu ideal foi sempre uma quinta, com porta para o Chiado.» Queria o homem, como quem deseja o sol na eira e a chuva no nabal, gosar e evitar os especiaes confortos e as especiaes espigas da vida da natureza e da vida da capital.

Não era tolo.

Aqui, onde me vêem, sou do Minho um adorador impenitente: lembra-me de por mais de uma vez haver percorrido aquella estrada que vae de Famalicão a Guimarães, deixando á direita S. Miguel de Seide, por debaixo de uma abobada de verdura, recheiada de passarinhos em festival

berrata. Um encanto, meus amores! Eu, a cavallo, ia escutando, olhando para o sol, que punha tons quentes — como é da moda — nos campos verdejantes, e muito esquecido dos homens e muito os esquecendo, a pensar no succulento almoço que me esperava, no meu regresso á estalagem da Eugenia. Que prezuntos! Que bifes! Que gallinaceos, ó janotinhas!

Vae d'ahi produzia-se, logo que eu me installava á mesa de supra-citada Eugenia, o caso de eu reclamar para os bifes — mostarda e de se me dizer: «Só se quer dos sinapismos!» Que até n'uma cidade alemtejana me succedeu, á conta de mostarda, esta belleza:

Ao creado que me servia recommendei que me arranjasse mostarda para a carne do meu jantar. Espanto do homem. — «Para a carne... de vacca!» esclareci. Partiu o homem para os estabelecimentos de viveres e, em meu nome, requisitou *mostarda para a vacca*. Foi um escandalo! Que eu occultava uma vacca — e que tratava com sinapismos as enxaquecas do quadrupede! Doces almas primitivas!

Voltando ao norte:

Foi lá no Minho, em pleno bucolismo da santa aldeia, que eu tive no coração o que quer que fosse obrigatorio á chamada de um clinico. A' villa proxima chegou o meu enviado, a pedir os soccorros da Sciencia. Era um domingo de manhã. O Galeno unico estava ausente. Deixou-se-lhe recado, e esperou-se.

Ao anoitecer voltou á villa o mensageiro. Disseram-lhe que se tornava mister um meio de transporte para o senhor doutor. O meu creado veiu dizer-me a coisa perto da madrugada. Na segunda feira mandei inventar na villa uma carruagem, que, perto do anoitecer, me trouxe as consolações e as esperanças da Sabedoria. Receitou-me Galeno — a *digitalis*. Mandei á villa. De madrugada (3.ª feira) veiu dizer-me o creado: «que só no Porto existiria similhante *droga*.»

E n'essa terça-feira me fui ao Porto, em busca de pharmacia e de remedios...

*

Na capital, possuo um albergue que é invejado, na minha rua, pelas condições de *indepen-*

dencia. Não ha visinhança por baixo, nem por cima — e tem seu pateo, onde eu crio gallinhas e seu gallo correlativo e onde o Marius faz fogueiras de gazetas. Estou livre dos saguões da *baixa*, mas tenho no interior da casa, nos forros, uma fedorentina de terra civilisada, e do lado do Tejo chegam-me as emanações de uma coisa a que nós lisboetas chamamos decentemente *mareçia.* E' a exhalação da vasta sentina de trezentos mil cidadãos. As carroças municipaes, das sujidades, vão pudicamente cobertas; mas o Tejo, o vazadouro commum, ostenta-se indecentemente á luz do sol.

Durmo alta manhã, no Minho. Na minha bella capital é-me prohibido esse conforto — pelos gritos do padeiro, do carvoeiro, do leiteiro, do barateiro dos carrapatos, por todos que me offerecem os seus serviços. Na aldeia faço abrir as janellas do meu quarto ao Sol do bom Deus e ao ar puro. Aqui tenho-as calafetadas — que o fedor da estalagem visinha envia-me febres typhoides e os gatos lazarentos penetram no meu albergue, com intenção de despejo ! O proprio Sol apparece-me de *pardessus* feito no Gran-

della. Saio, na aldeia, em trajes de lavroste, para ir á *venda*, beber do puro summo da uva. Aqui — bebo ás escondidas a zurrapa dos charlatães, e arruino-me para sahir á rua — *decentemente vestido.*

Lá, pelo campo, raro encontro o importuno *á imagem e similhança de Deus.* Aqui, ao sahir de casa, sou espionado pelas visinhas, atropellado pelo moço de padeiro, provocado pelos fadistas... Lá não leio jornaes; aqui não tenho remedio senão lêl-os.

E fazel-os!

Oh! como tu tinhas razão, bom velho! — uma quinta, com porta para o Chiado. E a porta bem occulta!

ZÉ DOS CARAPAUS [1]

ENTRE os factos extraordinarios que me assoberbam o espirito, n'este paiz onde floresce e médra Arlequim Junior, avultam os que eu passo a expôr ás multidões, para quem as lettras sinceras são evangelho, consolação, alimento do espirito e de certo modo estrella d'alva e da tarde, entre o berço e a sepultura.

Tómo para exemplo do meu *caso* de hoje o que succede com o Roberto serralheiro, meu visinho. E' um bom homem, o Roberto, um bom operario e um bom chefe de familia. Trabalha de sol a sol, dividindo o pensamento entre os labores na officina e os filhitos, seis garotêtes

[1] Vulgo *José Dias Ferreira.*

que em casa se dependuram nas saias da mãe e irrompem n'um troça damnada quando ella, a santa mulher, os ameaça de surra. Ha uma orientação positiva para o espirito e para a vida do Roberto :

— «Tudo pela familia !»

E' assim que o pobre pae, em tempos muito dado ás delicias de uma ceia na taberna se hoje um companheiro de officina lhe fala, com encarecimento, do bacalhau com grêlos e do vinho verde no *Carpinteiro* da travessa do Forno, demora o pensamento no assumpto, um, dois, ou tres minutos — e logo depois : — «Heide ir lá, quando tiver dinheiro, mas heide levar a familia.»

Naturalmente generoso, deu á ultima hora em retrahido, á conta dos pequenos. Pedir-lhe um companheiro um tostão, de emprestimo, é erriçarem-se os cabellos do Roberto. — «Se me não pagas o tostão... E eu que recusei castanhas assadas aos pequerruchos !...»

Imagine-se o que sentiria similhante homem, se eu lhe dissesse : — «Amigo Roberto ! A estas horas, n'um gabinete, alli no pateo do Pimenta,

um sujeito que você nunca viu mais gordo e que nunca lhe pôz a vista, em você, está rabiscando n'umas folhas de papel umas *determinações*, em virtude das quaes você, que trabalha como um moiro para sustentar a mulher e os filhos, vae vêr-se grego. Por determinação d'aquelle cavalheiro, você vae ter de cortar na alimentação da mulher e dos pequenos e na sua, visto que os seus vencimentos não augmentam e o preço dos generos sóbe. E' no carvão, e no azeite, e no peixe, e na banha de porco, e no figado de vacca, e no chouricito de sangue, e no vinho... A' força de imaginação, consegue você esticar os oito tostões do seu salario, por modo que d'elle comam, se vistam e se abriguem oito creaturas. O cavalheiro do Pateo do Pimenta determina que você não possa viver com menos de dez tostões : portanto, reducção em tudo !»

Estou vendo a cara do Roberto, e estou ouvindo o meu homem :

— Quem ?! Ha um typo que pensa n'essa *partida ? !*

— «Que a tem feita e que vae ámanhã leval-a á assignatura do rei ; e depois haverá outros ca-

valheiros, que nós elegemos para nos defenderem os interesses, e que fingirão discutir e por fim approvarão as *determinações* do algôz... Salvo *conveniencias politicas* em contrario...»

E o Roberto :

— Você está caçoando ! Pois eu havia de cortar no pão dos meus filhos, porque um bólas se lembrou de nos desgraçar ? !

— «Que ha de você fazer ?»

— Não pago ! Ninguem paga ! Então nós estamos *em escravatura?* Não ha parlamento ? Não ha jornaes ? Não se grita *ó da guarda?* Não defende a gente o que é seu ? !

— «Você verá como paga tudo, como corta no pão dos filhos, como phantasia novos recursos de trabalho, e como *tudo* continúa nos seus eixos...»

*

Vem ahi os factos impulsionados pelo estadista *Zé dos carapaus*, e vem dar-me razão contra as estranhezas do Roberto. O pobre serralheiro abbreviará a sua vida, pela amargura e pelo

excesso do trabalho; os filhos não terão sapatos; o *córte* na alimentação produzirá ralhos de cada dia entre a familia innocente; e não haverá revoltas: crê-o e affiança-o *Zé dos carapaus*, muito compungido, a esta hora, porque é preciso que se chore nos lares dos pobres, para que as coisas corram direitas no córneo e dourado mundo dos felizes — desde os palacios ás cavallariças, desde S. Carlos ás *soirées* dos *parvenus*...

Factos que me assoberbam o espirito, n'esta terra onde médra e floresce a eloquencia de Arlequim Junior!

MINUCIAS

Na corrente de preoccupações em que a gente vae consumindo esta rica vida, ha a historia de nos afadigarmos em estudar o estado da nossa saude e as probabilidades e os modos de perdêl-a. Consultas a medicos e a pharmaceuticos é o menos da festa. O mais pittoresco é a leitura dos livros de medicina. Ha quem morra de tal molestia.

Vem isto a proposito de uns certos livros — dos taes, que tão minuciosamente descrevem, com os horrores de certas doenças, os vicios que as originam — depravações e perversões, o diabo! — que o mesmo é lêr a descripção do abysmo e um homem precipitar-se n'elle. Lá diz o livro do sabio Bulardoff—*Excessos e faltas*, a pag. 1.021:

«O prazer que de tal *abuso* resulta augmenta de intensidade, com a *perseverança* do vicioso. Os estragos precipitam-se...»

Pois deixal-os precipitar! E — *zás!* — o leitor precipita-se no *abuso!*...

Ora, quero eu chegar, por este caminho dos livros de medicina, ás minudencias da local noticiosa, que todos nós temos admirado no seu constante e amavel desenvolvimento. Ha sujeitinho, no batalhão da *reportage*, que tem a habilidade de, pela descripção dos horrores que matizam certo crime, suggestionar o publico, por modo que, ao termo da leitura, o mais casto dos leitores (presume-se uns typos menos castos) bérra, d'olhos em alvo, como o sultão de certa magica: — «Cheguem-m'a!»

Conta algures o Julio Janin que, ao sair da primeira representação do *Vautrin*, de Balzac, experimentou fortes desejos de empalmar um relógio a qualquer dos transeuntes. Era o genio do mal, consubstanciado no protogonista da peça, um malfeitor, a actuar no espirito e no sentimento do vulgo. Mas a *reportage* moderna, menos genial que o Balzac, é mais *catita*.

*

Hade haver, *verbi gratia*, um mez que os jornaes se referiram ao caso do José Soares, um que arrumou seis facadas na sua visinha Eulalia, que recuzara satisfazer-lhe desejos muito proprios do homem e do cão. Foi n'uma manhã de primavera, a duas leguas de Lisboa. Manhã estonteadora, em pleno campo, onde florinhas do tempo davam a visão de tapetes persas. A passarada libidinosa não estava com meias medidas: amava como quem se despede!

O José Soares cubiçava a Eulalia, mocetona de quem hade rezar a chronica. Pediu-lhe que tivesse dó d'elle — um patife de casta! A Eulalia, dengosa: — «Que tivesse juizo e que não se fizesse fino!» E foi-se andando, saracoteando-se... Vae d'ahi o José Soares, olho arregalado e faca em punho — Tóma!... Ficou para alli a mesquinha, a expellir a vida por seis buracos, que a gente encolhe-se, só de pensar n'elles!...

Prezo o José Soares, e até ahi está direito. Mas vejam-me agora a *reportage* dos meus encantos

a diluir pavôres em tentações marotas — Deus e a Eulalia lhe perdoem! O *Correio Patriotico* chegou a incommodar as familias, quando disse:

— «O gentil corpo de Eulalia achava-se estendido de costas. As pernas levemente afastadas. Os braços abertos. Dava-lhe em cheio o sol sobre o rosto lindo com uma expressão meiga e soffredora.

«Sobre uns labios rubros, um forte buço negro explicava de certo modo os furores do monstro de luxuria e de crueldade. José Soares, a féra, conduzido á presença da victima, sentiu um estremecimento...»

Boa novidade! Até eu! Até o noticiarista! E até o leitor!... Quem não daria facadas n'uma mulher assim?...

Depois do caso do José Soares, o que mais me deu no gôto foi o da *Laurinha dos Pinhões*, arrebatada ás caricias paternas pelo *Severo Pratilheiro*. E o *Correio Patriotico*: — «Pedimos aos tribunaes que sejam inflexiveis na repressão d'estes e d'outros «abortos» sociaes! Uma creança linda, no alvorecer de uns formosos 13 annos, roubada e violada por um infame, sem ter a

consciencia da situação, é o que ha de mais ignobil. A gentil menina é menor, mas não o parece: estatura alta, flexivel, uns olhos azues, humidos e pensativos, umas fórmas desenvolvidas .. Emfim, o encanto da visinhança!»

E eu, que não sou da visinhança, dei me a scismar nos casos de *reportage*— e conclui, sem offensa, antes muito commovido — *que não ha uma alcoviteira assim!*

FRATERNIDADE

CONTAVA-ME, um dia d'estes, um superior — que uma vez a mãe do Littré saira de casa, para comprar carapaus (acho que seria carapaus...) e que, ao regressar ao domicilio, foi atropellada por uma especie de operario. A pobre velha caiu e fez um *gallo* na testa. Ao entrar em casa, o Littré, muito afflicto, pediu-lhe esclarecimentos, em quanto lhe chapinhava o *gallo* — com arnica.

Narrou-lhe a mãe o succedido. Exasperou-se o philosopho, e ficou embatucado quando a santa mulhersinha lhe disse :

— «Ah, meu filho ! E' preciso amar muito o povo — para o defender !...»

Os céus são testemunhas de que em *espirito*

de fraternidade eu não fico a dever ao nosso rei em *amor á disciplina*. E' meu irmão aquelle *cabeça-coroada* que alli vae pela Avenida e *tambem* é mano aquelle gallego que á esquina da travessa da Palmeira coze uma piéla indecentissima. Tudo familia ; mas, a respeito de gallegos, peço méças á velha mãe do Littré.

Breves horas decorreram desde que o pobre de mim peccador foi cruelmente injuriado — duas vezes n'um quarto d'hora — por *honrados filhos do povo*, alli em plena rua de S. Roque, — d'uma vez porque censurou uma lavadeira saloia que lhe pizara um callo, d'outra vez porque disputou a passagem, pelo passeio, a um vendilhão de hortaliças e ao respectivo burro. Contra mim se ergueram *vozes* que eu nunca imaginara nos arrojos da minha phantasia : zurrava o burro, uivava o homem, gania a fémea, e tudo com applauso dos circumstantes — os gallegos e os fadistas, meus refinadissimos irmãos em Christo. O thema vinha a sêr : — «Estupôr de casaca ! Fazem dos pobres gato sapato !» Batiam-me, se eu tivesse melhor cara !

Amargurado, ao fim dos episodios, dei-me a

recordar-me de que em tempos eu fui na minha rua, para os lados de Campo d'Ourique, uma especie de bemfeitor. Soccorri doentes (não vale agradecer!), matei fomes, fiz enterros, auxiliei nascimentos; só me faltou desposar as victimas de seducções. Durou um anno esta marmelada, e ao termo de tal praso me constou que na opinião de todos os moradores, especialmente dos soccorridos, eu era — «um urso, um impostor, um *magico*, e que aquillo de fazer o bem era *mania*...» Creio que era mania, mas a victima era só eu, meus irmãos e amigos!.

*

Dizia o Karr — que a ingratidão dos outros é um correctivo de stultas pretensões dos bemfeitores, e não falta quem tóme a sério a cruel ironia do sceptico; e o Julio Vallés, um illustre patife, que em bella prosa descompôz e diffamou a pobre mãe, não se absteve de, na esteira do Karr, dizer as ultimas á sucia dos *bemfeitores*. Mas, emfim, passa — como littera-

tura; os coices dos *irmãos em Christo* é que dóem muito ao amor proprio: sente-se um homem — tolo!

A ingratidão dos reis! Andam-me a seringar os ouvidos, com esta banalidade, os socios do club dos *Agriões — sete molhos um vintem!* .. Ainda não conheci rei que me fosse ingrato, e nos olhos d'um — que eu conheço — vejo bem, todos os dias, alli na Avenida, o desejo de que lhe dêem um pretexto para elle se mostrar reconhecido — tirando o seu chapéu aos transeuntes, sejam do *Turf*, como dos *Agriões*. Talvez prefira os dos *Agriões* — para as cortezias!

A ingratidão do *Zé-mano* é que dóe como panaricio em crise aguda. Anda a gente por este mundo, a defender-lhe todas as virtudes imaginarias e todos os direitos... de que elle faz menos caso do que de um copo do Termo, e á meia volta — «Fóra com os estupores dos casacas!» Que! Foi por questão de fateota que vossemecês bateram palmas á morte dos Girondinos, dos Dantonistas e das victimas do Thermidor?! Vão lá ser amigos da familia, com as embirrações de similhantes estuporinhos!...

AS GOUVEIAS

SUBTILMENTE, abro a porta, para me ir á vida, e uma voz cava diz do outro lado da rua :

— Não é nada. E' o dos jornaes, alli defronte !

Estugo o passo ao longo da parede e côrro a esconder-me com a esquina proxima. Não tão proxima, que me não deixe ouvir :

— Aonde irá elle hoje de calças pretas ? !. .

São as Gouveias.

Praça das Flores ; e no prediosinho com janellas para tres ruas — graças a Deus, as Gouveias vivem n'um sarilho. E' a velha tia e são as tres sobrinhas, — duas menores e já propicias ao *crime hediondo.* Ha um velho Gouveia, *pêscura-*

dor, ao dizer da velha tia, e invisivel a olhos de profanos.

A velha Gouveia é Quiteria, as outras são — Virginia, Aurora e Candida, lindos embryões de estafermos. Ha quatro annos que eu as tenho entre dentes, a todas, e que prometto *vingar-me*, quando subtilmente abro a porta, para ir á vida, e uma voz cava diz do outro lado da rua :

— Não é nada. E' o dos jornaes, alli defronte.

Calha hoje ! Testemunhas os céus — de que eu não busco orientar pela minha vida a vida das Gouveias ; mas é tempo de flagellar o mexerico, a espionagem, o commentario perfido, a conjectura vilan — sobre a hora a que eu saio, a hora a que eu entro, o embrulho que eu trago, as calças que eu levo, a minha cara azeda, a minha cara triste, a minha cara indifferente . . .

Nefanda corja !

Para o serviço de *fiscalisação* da nossa rua, as Gouveias dividiram em *quartos* o serviço. Ha uma, que da uma hora ás quatro da manhã — as horas mortas — faz o seu *quarto* por detraz dos cortinados. Abre-se na rua uma janella, um trem passa, dois gatos liquidam casos de ciume : e

para logo a cortina se afasta, e o rosto pallido da Aurora, ou o da Candida, ou o da Virginia, surge, de olhar fixo e amortecido... E que não surja! Do fundo da casa, a voz dura e sibilante da Quiteria fará ouvir coisas do theor seguinte:

— Isso que foi ahi na rua!? Quem está de janella! E's tu Candida!? Tu deixas te dormir, Candida!?

*

Ao romper da manhã, ha relatorio em familia. Quiteria tem espionado as visinhas de cima, Aurora as do lado, Virginia as de baixo, Candida — o exterior. E Quiteria, sorvendo pitadas do meio-grosso e confundindo a immundicie do nariz com a do avental, resmunga, na varanda, olhando para quem passa:

— Não me fazem o ninho atraz da orelha!...

Fala-lhe a mulher do sacristão, a visinha engommadeira; e conta-me pormenores irritantissimos. Que a *D. Quiteria* prohibiu ás pequenas que se dessem com a visinha do lado. — Mas essa visinha estava sempre lá mettida!—E' ver-

dade ; mas contou a sua vida toda á D. Quiteria. A velha foi ouvindo... ouvindo... por fim, cortou relações e applicou lhe um : — «Tem má fama ! E depois interrompia me o *serviço !* E, depois, havia coisas que ella me não contava e que eu tive de mandar saber por um gallego — para me pôr ao facto. Não me fazem o ninho atraz da orelha !...»

*

Ha dias perguntei á mulher do sacristão :

— Que *descobriu* aquella gente a meu respeito ?

— «Hun ! Que o senhor recolhe-se ás vezes muito tarde e que traz a cara muito amarella, mas que talvez seja do trabalho nos papeis. A D. Quiteria diz que o trabalho de cabeça faz isso, mas que os senhores d'esse officio são de má casta.. »

Que grande *burla !*

SEGUNDA SERIE

Abril de 1893 a Maio de 1894

POLEMICA, ETC.

Dizia o Paulo de Cassagnac a outro typo, que lhe provocava as furias : — «Já lá vae o periodo de impetuosidade !» Queria dizer na sua — que vinte annos de tapona com meio mundo, sempre ás ordens ao primeiro toque de clarim, o dispensavam de pôr-se de pernas abertas porque um tocador de berimbau lhe pedia dois estorcegões nas encardidas orelhas.

Observadas as proporções, em relação ás circumstancias dos dois meios e, conseguintemente, á *importancia* dos individuos, póde em terras portuguezas invocar o deputado bonapartista qualquer homem que apresente carta de «especialista em conflictos» ao termo de vinte annos de lambada, quando mais cedo se lhe aborreçe

a alma do que se lhe fatigam os musculos. E' verdade, vinte e cinco annos — um quarto de seculo — são decorridos desde que me armou cavalleiro o sombrio monarcha Infortunio! Contos largos! Eu poderia ter sossobrado, sem vergonha para o meu buço de inexperiente; poderia ter pedido misericordia a boa arvore que me concedesse boa sombra: preferi a lucta bravia de *um* contra a *legião*. Muitos annos volvidos, revejo-me nas contusões honorificas e saúdo os adversarios de rija tempera — quasi todos em libertador descanço!

*

Vem isto á conta de uma e outra referencias, mais ou menos hostis e dizem me que provocadoras, que, uma vez por outra, me são remettidas, impressas em desvãos de gazetas, por almas boas e solicitas que me aconselham urgente desaggravo. E então me lembro de que *principiei a minha vida* contra o Teixeira de Vasconcellos, o unico polemista capaz de, por seus processos de cortezia ironica e por uma dialectica de gutta-

percha, endoidecer um antagonista bilioso. Não endoideci, mas irritei-me em extremo e uma vez por outra me desnorteei nas aggressões. Houve depois o *episodio* com Camillo, em que as minhas ambições supremas consistiam em não morrer litterariamente Disse-me o Mestre, volvidos annos, — que me encontrava com mais vida.

Uma lucta furiosa de alguns annos foi com a imprensa ultramontana — *A Palavra, O Futuro, O Bem Publico, A Atalaya, O Commercio do Minho.* Batiam-se bravamente assim os padres como os guerrilheiros leigos. Não se resvalara ainda á «biscata», nem á insinuação de quem tem medo porque tem cú, — uma razão de estalo quando o pontapé vasculeja o biltre, inclusivè o seu môlho cerebral.

Polemica assanhada com o Urbano Loureiro, que tinha botes secretos na sua esgrima trocista, demolidora de reputações. Idem n'uma campanha memoravel contra os Regeneradores do Porto — quando os Progressistas opinavam pela Republica; e contra os altos aduaneiros d'aquella terra ; e, litterariamente, sobre o theatro do Ennes, e mais tarde contra o Conceição, e contra

o Urbano de Castro. Depois d'este, nenhum outro a sério; apenas episodios risonhos, em que eu tenho pedido a um amigo meu a espada de cortiça — que elle conserva da infancia.

*

Não me considero muito acabado, nem mesmo um pouco. O que eu tenho é, entre a alma inalteravel e as negaças lôrpas, uma especie de desprezo, que não chega a ser um sentimento, porque tem muito de *distracção*. E' isso: estou distrahido—em recordações e em confrontações. Trabalho á pressa, para me refugiar no *gosto amargo*. Que desejam pois de mim as boas almas solicitas que me denunciam aggravos e que os malsinam de provocação? Que espera de mim aquelle que murmura ao meu orgulho: *Só tu poderias castigal-o!* e outro que balbucia á minha susceptibilidade: — *Indirectamente é com você!*» e o terceiro, que esvurma na minha paciencia:—*Parece que estás morto!?* Solertes patifes, que, se eu os convidasse para padrinhos, me roubariam a polvora!

MISSÕES

Muito azafamados nos apparecem agora os da *seita negra*, como lhes chama o homem do talho, quando lhes não impinge assém por pujadouro, e essa azafama vem á conta de os mafarricos pretenderem fornecer de frades as nossas colonias africanas. Li ha tempos um livro, por signal bem escripto, em que o auctor, um negro da Liberia, se desentranhava em considerações humoristicas sobre a sem-ceremonia dos europeus, que dispõem do territorio africano e da pelle e do gosto dos habitantes, como se de roupa de francezes se tratasse para similhantes pilhas. Tinha razão o preto, e esta agora, da creação e exportação de frades é, sobre combinações de superior velhacaria, assumpto para

que um homem como eu se faça preto de coração e mais miudos.

Dou de barato que alguns centenares de mandriões europeus invadam o continente negro, para o fim de satisfazerem as santas aspirações do Barros Gomes, mais do Fernando Pedroso, mais dos que a gente não vê, — aspirações que consistem em ir a Roma por Tavira: como quem diz— encafuarem-se na cidade do Fuschini, com volta pelo Cu-Ango, pelo Cu Recto, pelo Cu-Torto e por outros Cus da *pretidão d'amor*, como diria o épico, em horas de lyrismos. O que me revolta é o caso... mas vá lá uma historia :

Conta o Léon Gozlan, salvo o erro, que em certo ponto de um mar muito arredado, no qual mar ha ilhas de antropophagos, se estabeleceu — n'uma ilhota dezerta — um figurão, com um grande deposito de cabelleiras para vender aos viajantes. Fez especie o negocio ao capitão de um navio francez que arribou á ilhota, e muito mais o serem ruivas todas as cabelleiras. E o negociante explicou-se assim :

— «Ha alli em baixo, a umas vinte milhas, uns baixios, onde são vulgares os desastres mariti-

mos. Perto está a terra, onde tribus de ferocissimos selvagens fazem mão baixa sobre os objectos que dão á costa, despojos dos navios, e sobre os infelizes naufragos — para os comerem, crús ou assados. Ora, acontece que as cabelleiras que eu vendo são perfeitos talismans. Sujeito com cabelleira d'estas, *ruiva*, é sagrado para os anthropophagos. Quando muito, alguma pedrada, e de longe!

E o capitão:

— Homem! Muito me conta você! E a origem do caso?

— E' segredo, salvo se o senhor promette conserval o.

— Diga, e conte com um cavalheiro!

— Pois o caso foi este:

Ha tempos naufragou alli um navio inglez. Deram sobre os naufragos os selvagens e chamaram-lhes um figo. Era tudo inglezes. Mas, volvidas duas horas, pae do ceu! eram colicas, ancias, diarrhéas... um inferno! E desde então, os selvagens tal horror tomaram aos petiscos inglezes, que o mesmo é vèrem cabellos ruivos — e pôrem-se ao fresco!»

*

Vem isto á conta de um parecer razoavel: que os santos frades de exportação sejam ornados com as insignias de *governador portuguez do Ultramar* — para os livrar dos apetites gastronomicos dos anthropophagos do Cu-Torto e do Cu-Cheio. Desde que em 1621, se a memoria me não falha, elles comeram o encravadissimo Elesbão Tarouca, governador de Mijoka, entrou em proverbio a historia das diarrhéas — desde o Cu-Molle até ao Cu-Réles. Avizo aos servos do Senhor!

OS SIMPLES...

N'esta parolice com os meus irmãos em Christo, pode acontecer que eu, uma vez por outra, sem quebra dos meus dotes de boa memoria, conte alguma historieta, ou me refira a algum caso — pela segunda vez. A dar-se o infausto successo, não vejo meio de o leitor me prevenir a tempo de eu arripiar carreira para a novidade. O melhor será uma tolerancia amavel — um *accordo patriotico,* como se usa entre os partidos. Não o entendem assim?

Vem a proposito, esta reflexão sizuda, de eu me estar lembrando — á conta da paixão politica do nosso povo — de um episodio gracioso que um dia me contou João de Deus.

—«Imagine você, me disse o grande poeta, que esta manhã, estava eu á janella, ouvi tratar a questão *Paiva d'Andrade*, por uma fórma que deixa a perder de vista a lucidez, a concisão e a eloquencia do orador mais bem fadado pelo Destino...»

A *questão* Paiva d'Andrade, a que se referia João de Deus, consistia, hão de estar lembrados, na concessão d'uns terrenos em Africa áquelle nosso compatriota. A coisa provocara, segundo os nossos costumes, uma berrata que a opinião publica escutava—para ouvir a musica, não porque entendesse a lettra.

Continúa João de Deus:

—«Imagine você: a assembléa compunha-se da vizinha cá de cima, uma boa velha, que tinha descido a comprar o leite, a vizinha aqui do lado, que tambem é velha...

—E boa?

—«E que não é má e que tambem tinha ido ao leite. Estava a leiteira, estava uma creada alli do palacete, mais uma trapeira e a mulhersinha da hortaliça: seis mulhersinhas. Falavam todas ao mesmo tempo—e falavam de politica.

—E chamam indifferente ao nosso povo, em *materia de seus destinos!*

—«Para que você veja!... A principio, ninguem se entendia: eram assumptos de campanario. Reclamações da creada contra a qualidade do leite, desculpas da vendedeira, queixas da hortaliceira contra a carestia da fava... Mas depois entrou-se na ordem do dia: a *gente que nos governa!*

«Coisa curiosa: toda a assembléa era da mesma opinião! Badalavam, gritavam, um tanto indisciplinadas, as sujeitas, mas tudo na opposição. Carga nos governos! Houve uma pausa solemne, e então a trapeira, com uma voz resolutiva, disse: — Como não hade tudo ir mal, *se elles dão tudo?!*

«Referia-se aos terrenos d'Africa. Se você ouvisse a trapeira, havia de concordar em que *tudo isto* é terreno d'Africa e em que *elles dão tudo!*»

*

As amaveis bréjeirices dos *Tabacos* e dos *Titulos* de *D. Miguel*, e do *Quelimane-Chire*, e ou-

tras que teem sobresaltado as almas bem formadas, impelliram esta manhã o meu espirito a meditar sobre a conferencia das boas velhas, e, na corrente da minha admiração pela esperteza dos simples, lembrei-me de um creado que eu tive, um homem velho, antigo soldado, muito circumspecto e de poucas falas, como quem me considerava o seu coronel.

Tinha phrases decisivas o demonio do homem. Recordo-me de um dia o ter ouvido discutir com a creada a mais bella obra do Creador — claro que me refiro á Senhora Mulher, — e como quer que o sujeito houvesse experimentado dissabores em materia amorosa, resumiu os seus aggravos, pregando com esta na cara da creadita:

-- «Sabe o que é a Mulher, senhora Felismina? E' uma pouca de m . . !»

Esta emenda aos estudos de Balzac, sobre a melhor parte da Creação, fez-me vêr no homemsinho a massa de um philosopho péssimista. Ora, eu creio que quando *peior* se pensa, mais nos abeiramos da verdade; e foi por isso que, n'uma noite, ao recolher-me tarde e emquanto ceiava, só á meza e servido pelo sujeito, contei-

lhe uma bréjeirice politica d'aquella época, um esboço de futuras maroteiras.

E elle, ouvindo-me respeitoso, pediu-me vénia para emittir o seu juizo, e, obtida ella, proferiu esta phrase decisiva:

— *Se elles roubam tudo!...*

REACÇÃO! REACÇÃO!

Não me farto de discutir com os meus botões a phrase de um collega, lá das alturas (é o mestre Veuillot), segundo a qual, não merece a classificação de *homem de lettras* quem uma vez, ao menos, em sua vida, não vae de encontro á opinião do maior numero. Creio que d'esta vez, — mais uma, — me lanço em tal encontro...

Um dia d'estes, na camara dos deputados, tive o gosto de vêr discutida, com algum calor e pouca voz, a questão ultramontana embrulhada na das ordens religiosas. Pouca voz e pouca elevação. Um dos oradores, declarando-se tão religioso como os que o são (?!) denunciava as ma-

nobras dos miguelistas, semi-occultas pela *historia* dos frades: — «Derramámos o nosso sangue, nós, os liberaes, para regar a frondosa arvore da Liberdade! E hoje, como hontem, somos por *Maria* contra *Miguel!*»

Tal dizia o orador, e proseguia:

«Os miguelistas estão com o olho em nós. Vencida a questão religiosa, nós cá os temos!»

E um miguelista presente, *dando pela primeira vez pelos seus projectos*, piscava o olho e esfregava as mãos, resmungando: — «Pois já se deixa vêr»

Concluia o orador, entre um horror de applausos:

«Nós temos, sr presidente, (era o Pereira Leite) nós temos potencia e recursos para a lucta com esses abutres, com esses corvos que grasnam, etc. E não é por estes annos mais proximos que elles põem o pé no cachaço da Liberdade!...»

Parecia o José Estevão, Deus me perdôe!

Ao mesmo tempo, na onda *religiosa*, um prégador minhoto urrava pelos frades — porque não via, nem vê, nos templos senão velhos.

Parece Montalembert, Deus nos ajude!

*

A *historia* da frondosa arvore da Liberdade, regada com o sangue de nossos paes, e o episodio do abutre e do corvo, já deram fartos quinhões para o riso e para o aborrecimento. E' tempo de variar de *menu!* Se o movimento subito de reacção religiosa que ha mezes se produziu entre nós não corresponde a um movimento exterior e não se subordina, com elle, a um impulso do habil politico que, sob o nome de Leão XIII, é alvo da troça desdenhosa do club *Sola e vira*, — se não é isto assim, seja eu um *liberal* — tão *liberal* como o cavallo de D. Pedro, na Praça Nova do Porto! Subordinar a combinações miguelistas um facto que vem na vanguarda de uma poderosa transformação social, conceber mesmo que os fieis de D. Miguel sejam cumplices do facto é o mesmo (sem offensa) que julgar alliados o elephante que derruba castanheiros e o macaco faminto que por detraz d'elle estende a mão — a apoderar-se de um dos fructos cahidos!

*

Nem Miguel, nem Pedro! Estejam calados e quietos, e deixem ouvir a trovoada! Não podem fugir ao raio, mas façam exame de consciencia — e não digam absurdos! No tempo em que nas *Farpàs* havia espirito, essa publicação amavel troçava em nome da Burguezia as impaciencias e as pretenções do quarto estado. Parecia-lhes pouco, aos burguezes das *Farpas*, o predominio de um seculo — a contar da Revolução Franceza. Effectivamente, foi pouco para organisação de *syndicatos liberaes* sobre cada revolução, sobre cada desmembramento, ou cada unidade de um povo. E emquanto os *desherdados* aguçavam os dentes *e o entendimento*, a Burguezia triumphadora e dominadora excedia as philaucias de Luiz XV. Este contava com o *déluge*; a Burguezia julgava o seu advento a ultima palavra da Revolução. A *canalha*... que se refugiasse em *Deus!*

Ora, para que a *canalha* buscasse o tal refu-

gio fôra indispensavel que não lh'o houvessem estupidamente vedado. A' força de bordoada, — quer pela analyse dos pensadores *liberaes*, quer pela injuria dos *liberaes* sem coisissima nenhuma, — bordoada no *sotaina;* isto é, bordoada na *disciplina* e bordoada no *dogma*. Deus perdeu o seu prestigio entre os que não dispunham de outra coisa. Teem os irracionaes, desde o elephante ao pulgão das hortas, maravilhoso instincto de conservação; o *liberal*, victorioso e dominador, nem coisa que de instincto se approxime!

Com a logica implacavel dos pequenos e dos opprimidos, a *canalha*, sem Deus nem lei, principiou a sentir mais intensamente as angustias da sua miseria: d'ahi as reclamações — de pão, de direitos politicos... d'ahi os apetites! Para quem são os bens da terra? De quem são essas ricas mulheres, esses vinhos generosos, esses primores das ourivesarias dos *Leitões?* Então nós não somos gente?! Pois se nós somos tão finos que já nem Deus acceitamos, — por conselho de vocês diga-se a verdade!...

E agora? Agora, desata o *liberal* a meditar...

Sae d'alli asneira! Em primeiro logar, chamar em seu auxilio os padres — que ponham o *freio* da Religião aos famintos e aos cubiçosos; — depois, lançar as culpas do perigo sobre os republicanos, aos olhos da Egreja; em seguida lançar as mesmas culpas sobre a Egreja, aos olhos dos republicanos, — depois...

Depois, emquanto Leão XIII faz a sua entrada em scena, sobre a relaxação e a covardia atarantada de um *mundo velho* ao nascer, — emquanto a Egreja prepara o *freio*... para os triumphadores de ha cem annos, degenerados em correctissimos asnos,—emquanto Leão XIII e a Egreja bradam sobre a questão politica :—«A Cesar e á Republica e a Deus o que pertence a cada um!» emquanto legiões de famintos, explorados e escarnecidos e martyrisados pelos felizes da terra, escutam *o que lhes diz alli o Papa*... os zaranzas precipitam-se nas phrases :

E' a *grande familia liberal*, — é a *frondoza arvore da Liberdade*, — é o *sangue de nossos paes*, — é o *decreto inobservado do Aguiar*, — é o *governo que cumpra o seu dever!* — é a *appellação para as repressões da Lei!*...

Pobres de vós, que, ao termo de um seculo de poderio, só tendes para para oppôr a uma poderosa organisação reflectida — uma réles agitação estonteada !

A MIXORDIA

Sente se consolado um homem, quando ao termo da vida — isto está por pouco! — reconhece que trilhou um bom caminho. Por agora, alludo ao da cordura, da moderação — creio que me entendem, — em coisas de jornalismo. Se alguem está zangado, não sou eu. A meu modo, sem me esquentar, tenho dito quasi tudo o que sentia. Falta um resto: a vêr se Deus me dá vida e termos proprios!...

Firma-se esta alegria de hoje em arderem as barbas do meu vizinho, sem perigo para a integridade do meu bigode. E' á conta de diversos politicos da *liberal familia*, com applauso de varios jornalistas liberaes (os miguelistas estão ca-

lados !), projectarem uma *lei de rolhas* que deixa a perder de vista a do que o Senhor lá tem. E a coisa vem a proposito, diz alli o jornalista do saguão, de serem aggredidos o rei, mais a auctoridade — muito respeitados pelos partidos da *familia*, como é publico e notorio !

O velho Tiberio, philosopho epicurista, que está agora a semi-cupios em Espinho, faz-me observar, em epistola sobre o que lhe consta das gazetas — que é tudo historia : que os *politicos* importam-se tanto com o principio da auctoridade como elle Tiberio — demagogo com tinturas de mystico. E tão lucidamente expõe, deduz e conclue o dianho do Tiberio, que o melhor é talvez — melhor e mais prudente — ceder-lhe eu a palavra, para elucidação das almas candidas.

Vejam isto :

*

«... Coisas e tal .. quero que você me diga como é que esses diabos teem trepado e engordado e adquirido consideração, ó mizeria dos humanos ! *(Tiberio tem este feitio de declamador*

antigo) a não ser pelo desprestigio, por elles forjado, do principio de toda a auctoridade! Rebaixaram a magestade real, impondo lhe a outhorga da Constituição (*Tiberio é ás vezes legitimista);* depois, trouxeram n'um sarilho essa magestade, nas luctas civis dos cartistas, dos setembristas, do diabo! E exploraram-n'a em seu proveito, os Cabraes e os inimigos dos Cabraes, e esfarrapou a o Saldanha no 19 de maio e a fel e vinagre a puzeram os jornalistas da monarchia, desde o Sampaio aos que você conhece. E são os republicanos, que é preciso reprimir?! Eu não sei se elles teem dentes; mas quem tem mordido são os outros. Mordido — e comido!

«Mas não é só o prestigio da monarchia que os partidos constitucionaes teem arrastado pela amargura: é em geral o principio da auctoridade, desde o prezidente do concelho de ministros até ao regedor de Seide, que ha dias eu vi, com estes olhos, a carregar cestos de esterco! Veja lá você: na questão do *ultimatum* inglez, como a coisa saisse dos progressistas, os regeneradores fazem uma gralhada medonha, vão garotos apedrejar as redacções *(bem sei!)*, o Barros Go-

mes e os outros são classificados burros e traidores, e pulam os regeneradores. Bem. Destacam esses figurões o Barjona a entender se com o *beef*, e tal salgalhada arranjam que o ministerio vae de pernas ao ar, com berrata dos progressistas no parlamento: — «Traidores! burros! pulhas!» Eu bem vi e ouvi, eu que estava lá, para saber como os liberaes aguentavam o prestigio da auctoridade e das instituições!

«Ao depois me disseram, e correu mundo, que o Lopo Vaz tinha arranjado aquelle sarilho das negociações, para encravar o Hintze e o Barjona. E' de finorio; mas, para sustentar o decoro da auctoridade e dos principios e para acalmar a opinião publica sobre os *agitadores*, é de se limpar a mão á parede!

«Fazem-se eleições, e você bem os ouve no parlamento e bem os lê nos seus jornaes — d'elles: o governador civil exorbitou, como um tratante que é: o administrador do concelho está nas unhas do morgado das *Nabiças*, que lhe enche o cú de petisqueiras e de vinhaça e que o faz trabalhar pelo candidato Canellas; o regedor não tuge nem muge, porque tem cadastro de fa-

jardices : — e tudo isto se desenrola e assoalha, em homenagem ao principio da auctoridade ! Você sabe d'isto como eu.» *(Bem sei!)*...

*

Estas ponderações do Tiberio, se por um lado me fazem tremer pela *independencia nacional* (com ellas, ou sem ellas), pelo outro lado deixam-me em paz com o futuro. Póde surgir nova lei de rolhas, ou de batoques : eu não preciso, não gosto ! Cauto, cordato, pacifico e a entrar pelo meio-grosso : tal sou eu, no meu crepusculo !

AI DE VOS!

Havia outrora um «conselheiro» das minhas entranhas, que, ao ouvir qualquer referencia ás *bréjeirices* do *Pimpão*, punha em alvo os olhos de goraz cosido e na caréca rubra as mãos de vitella com tomates, e arrancava do bojo das hypochrisias e das flatulencias — por egual pestiferas — este brado de condemnação: — «E' um jornal impossivel! E' uma creação obnoxia e quiçá radicalmente perturbadora!»

(Inutil dizer que todos os dias, olho atraz, olho adiante, o meu homem comprava o amaldiçoado jornal no kiosque vizinho da Cotovia, — todos os dias em que o jornal se publicava. E no seu leito solitario enchia de jovialidade o papinho!)

Creação obnoxia, e quiçá radicalmente perturbadora!...

*

E' provavel que o *Pimpão* não ponha mira ambiciosa em supplantar no lar domestico a influencia da *Moral em acção*, nem a do *Ramilhetinho de Puericia*. Aos paladares tenros talvez prejudique a pitada do colorau picante; mas não vem a desproposito examinar a singela gallinha cozida que os restaurantes pacatos fornecem nos jantares aos domicilios. Tanto mais que os *chefes* dos restaurantes, muito lidos em «equipolencias» do Arlequim Junior, citam os «picantes» do *Pimpão* assim em tom desdenhoso e algo solemne de velha alcaiota enriquecida e reformada em devota!

Vamos a esse caso do carpinteiro Lobo: assassínio, roubo e fogo posto. Está muito bonito para descrever-se e, decerto, a mãe da menina Laura não terá duvidas em lhe esclarecer, com a sua pratica da vida, pontos escuros da narra-

tiva que os meus graves collegas — os da innocente gallinha cozida — offerecem á indignação das boas almas. Pergunta a Laura: — «Mas, ó mamã! Como foi que o cofre appareceu aberto, se o ladrão não poude abril o?» E a mamã, pratica da vida: — «Nem só os ladrões abrem cofres, menina!» E poderá mesmo adduzir factos constantes de suas recordações.

Sobre o caso do fogo posto, a joven Laura terá, por exemplo, d'estas duvidas: — «Como é que a carne assada fica torrada, se a creada *se esquece* uns cinco minutos, e com um carvão que não arde, — e a carne do homem, besuntada de petroleo, e com molhos de carqueja, ficou de camisola e piugas?» E a mamã, experimentada e mystica: — «A camisola e as piugas são a mão da Providencia, minha filha!» E' uma noção sobre as roupas brancas, afora o resto...

Mas, que hade responder a mamã de Laura a sua innocente filha, quando esta, de gazeta séria em punho, — não o jornal prohibido e amaldiçoado, mas um que anda por toda a caza, com indicações de generos alimenticios por meio preço, — quando a menina, puxando pela bata

materna, perguntar, no anceio de instrucção, á causticada auctora dos seus dias:

—«Que quer dizer, mamã, *(lê:)*—«o infame confessou casos de pederastia e attribuiu, chorando, o seu crime, a ciumes do doutor e do Silveira, os quaes, pelos modos, mantinham relações de intimidade peccaminosa»—que quer isto dizer, mamã?...»

Ha varios recursos: fazer o jornal em bocados, allegar ignorancia, dar uma explicação tola, dar dois bofetões na Laura. Tudo asneira! A curiosidade que não foi satisfeita, que se pretendeu illudir (e é difficil embaçar uma creança), ou que foi castigada, não descançará emquanto não obtiver explicação. A Laurinha perguntará á creada, ás amigas no collegio... imagine-se a infiltração de porcaria na almita da pobresinha!

Não entrou em casa, aquella peste, no guizado de «pimentos» do *Pimpão;* foi na singela gallinha cozida de um dos prudentes cozinheiros para paladares puros! Não entrou clandestinamente, pelo jornal que o papá lê a occultas; foi nos jornaes que correm todo o lar domestico—uteis e moralisadores!

*

Não fui eu: foi o Christo nazareno quem disse:

Ai de vós, escribas e phariseus hypochritas, que sois como os tumulos: por fóra sois formosos, na verdade, mas por dentro estaes cheios de ossos de mortos e de todas as immundicies!

TRABALHO! TRABALHO!

Conheço tão bem como conheço os meus dedos, e conheço desde que nasci, os homens que trabalham. Vivi sempre entre elles. Nos raros periodos da minha vida em que não tenho trabalhado tenho vivido só. Com mandriões nem para o céu! D'esta theoria e d'esta pratica se origina a minha sympathia profunda pelos *trabalhadores* — quer elles abram caboucos para um predio, quer escrevam o *Amor de Perdição*.

Sympathia condoída, no primeiro caso. Sympathia respeitosa, no segundo.

Estas historias de crise operaria suggerem-me considerações que não primam por originaes, o

que não impede que sejam muito minhas. Quer dizer: resultaram talvez da critica do meu vizinho, mas é certo que *me resultaram* da minha critica. Como quer que fosse, estou no meu direito e no meu dever, pondo cá para fóra tudo quanto, sobre o assumpto, me referve no intimo.

Troçou, ha tempos, com razão e graça, o Marianno, dos calculos orçamentaes feitos por outro jornalista, sobre a alimentação do amanuense. Aquillo, por parte do orçamentologo, era um asneiar á sobre-posse em coisas de bacalhau com batatas. No tuberculo e no peixe salgado se consumiam dois terços dos vencimentos do funccionario, mas dava gosto, e quiçá abria o apetite, a voracidade d'aquella familia de demonicos!

E' preciso ter sido muito pobre, ter-se vivido *sem nada*, para se saber como se vive *com pouco*. Não ha na vida do pobre orçamento prefixo. Tudo falha — em calculos. O que ha certo é o que as donas de casa hoje dizem:—«Desde os ultimos dois annos o que se fazia com dez tostões custa doze ou treze.»

Quer dizer: — 20 % de augmento na despeza.

E o chefe de familia accrescenta: — «E quem ha dois annos ganhava quinze tostões, ganha hoje dez tostões, pouco mais ou menos.»

Isto é: — 30 % de diminuição na receita. Pouco mais ou menos.

Fazei contas: ahi tendes o *deficit*.

*

Ora, esta *crise* — pois que assim lhe chamam — assaz dura para os *trabalhadores* que abrem caboucos e para os que constroem os edificios de pedra e cal e de madeira e ferro, não poupou os outros *trabalhadores:* os que escrevem livros no seu gabinete, os que escrevem artigos nas redacções, os que escrevem officios nas repartições publicas, os que vendem ao balcão, os que escripturam as transacções commerciaes, os medicos, os padres, os advogados e os procuradores, e os negociantes e os industriaes em geral. Pedi ha pouco a um opulento negociante, meu velho amigo, que admittisse no seu escriptorio um pobre rapaz trabalhador, honesto, intelligente e sem pão. O meu bom amigo justificou a sua

recusa: — «Imagine você: não despeço os meus empregados, não porque precise d'elles; é porque teem bons serviços antigos. Ordinariamente, não tenho que lhes dar a fazer.»

Pobres operarios! Sem duvida, a existencia tem espinhos e amarguras: a quem o dizeis vós, meus amigos!? Todavia, — isto é velho e revelho, mas parece que o não acreditaes! — muito mais soffre o *trabalhador* d'aquelles outros *officios* — o homem de lettras, o jornalista, o empregado publico, o empregado do commercio, o medico, o padre, o advogado, o procurador, o industrial e o negociante, do que vós outros, carpinteiros, pedreiros, etc., soffreis com as inclemencias da crise. Retrahe se o editor de livros, os jornaes reduzem os honorarios, obrigados pela reducção na venda e dos annuncios, o funccionario soffre reducções, o caixeiro vê o patrão em vesperas de fallencia, ao medico deixam os doentes de pagar as visitas, os demandistas ferram o cão ao doutor e ao procurador respectivo, o padre não cobra a sua congrua, o industrial e o negociante só fazem negocios *a credito:* e toda essa gente, addicionando-lhe professores, officiaes do

exercito, com familia, e outros que não me occorrem,—toda essa gente tem de *apresentar-se:* isto é, de mascarar as suas desditas, no seu traje, na sua habitação, nos generos que compra á mercearia. Se o escriptor publico ou o funccionario apparecer rôto, em publico, está perdido; se o caixeiro de commercio fôr jantar á *Rosa do grão* está desacreditado; se o medico morar n'um pateo, em casa de dois mil réis por mez, é um homem morto! ..

Estaes comparando, e percebendo.

*

Ora, vem isto para dizer que o problema da vida pobre é muito conhecido, fóra das *construcções civis*. E, todavia, ainda está por apparecer na legião dos *trabalhadores* que pedem *trabalho ou chumbo*—em bandeiras—um unico d'aquelles martyres da Economia. Como demonio se explica este phenomeno—de mais retrahidos e silenciosos serem os que mais soffrem? Brada-me d'alli o carpinteiro:—«Tenho em casa mulher e filhos!» E o jornalista? Tem-n'os em casa

do visinho? Berra-me o estucador: — «Veja este maço de cautellas do prégo!» Ah! bom homem! se cada um de nós mostrasse as suas?!... Vocifera-me o pedreiro: — «Não é digno ir comer o rancho dos soldados!» Quantos trabalhadores do espirito bemdiriam o rancho, em horas inconfessaveis da sua tormenta?!...

*

Conclusão? Eu não trago aqui o que se chama conclusões. Apenas tenho observações. Observo, por exemplo, que nem um só operario deixaria de julgar-se deshonrado, se acceitasse o conselho de, interinamente, fazer recados, á esquina de uma rua. São modos de vêr. Eu conheço um official do exercito, de superior graduação, que faz escripturações de mercearias, para educar os filhos; conheço um funccionario muito distincto, que talha em casa a roupa que sua digna mulher cose — para sustentarem duas velhas enfermas, a mãe d'ella e a mãe d'elle. Não é animador o exemplo? E, *pela parte que me toca*, eu, jornalista ha vinte annos e tanto, com uns vinte

volumes publicados, tendo sempre respeitado a dignidade profissional e contando entre os nomes dos meus amigos alguns nomes celebres, ainda ha pouco agradeci e acceitei a proposta de *passar recibos* de uma empreza industrial — para ajudar-me no pagamento do meu pão e do pão dos que me são caros na vida. Serve-lhes o exemplo?

Ora, pois, as difficuldades da sorte não auctorisam o egoismo sobre a base do orgulho. Egoismo, — que outra cousa não é a reclamação isolada e berradora de um grupo, sobre o soffrimento de todos!

EDUCAÇÃO

Tenho para mim que no accidentado caminho da Perfectibilidade, por onde vamos caminhando como uns catitas, rebenta-nos ahi á meia volta um «curso de velhacaria» obrigatorio,—que tão urgente é elle como a vaccina. A meu vêr, o que nos perdeu a todos na primavera da vida foram os bons conselhos e a *Moral em acção*, desajudados de positivos esclarecimentos, ou de rudimentos, sequer, sobre o que nos esperava n'este mundo. Não faço paradoxos, nem chalaça, palavra d'honra! Quero que me digam se a educação vem apenas como relevo de prendas *naturaes* e subsidio de dotes *artisticos*, ou se deve habilitar o homem a aguentar-se nos *contractos* da vida!

*

Vejam me aquelle pobre rapaz, convencido, ao sair da infancia, de que a sociedade se orienta pelo *Amae-vos uns aos outros!* Disseram lh'o o pae austero, a mãe amoravel, os auctores moralissimos, os sérios amigos da casa e os dramas do Principe Real. Põe o pé na vidinha pratica, e, desde o periodo dos exames até aos naufragios da velhice, é de se benzer, arrepelar e *arnicar* nos lombos o infeliz crente. Estudioso, foi reprovado, quando o condiscipulo relaxadão obteve distincções—á força de corrompêr examinadores; depois, se lhe repete em concursos publicos a scena de patifaria; nas luctas da vida, armado de probidade, de boa fé, incapaz de mentir, de intrigar, de bajular, de sorrir a preceito, de atraiçoar, de se prostituir, de se alugar, de se vender, meticuloso em pontos d'honra, severamente crente na lealdade dos contractos, limitando as suas relações a meia duzia de magicos da sua estofa, encarando ferozmente os velhacos e tendo para os triumphos dos insignificantes

um mixto de espanto e de desdem,—ao termo da vida, por uma cruel lacuna em sua educação, o homem intelligente e trabalhador e leal achar-se-ha preterido e escarnecido pelos *outros*, deslocado na existencia, annullado para os gosos do espirito—os que só resultam de «observar exacto.» Acodem lhe então os velhos chavões melancolicos: *Se a mocidade soubesse*... e, como o Balzac registra: *Que mal fiz eu á Sociedade?!*—a exclamação dos nescios.

*

Tudo porque as vozes austeras e as vozes amoraveis, dando lhe lições de virtude, se abstiveram, affavel e estupidamente, de lhe ensinar *o resto!* Cuidadosamente evitaram revelar-lhe—que só abre caminho o mais temido, ou o mais calculadamente sabujo: o que troveja, ou o que sorri a preceito: o que abre as portas a pontapés, ou o que lambe o patamar, para que lh'as abram. Não lhe disseram que ha em torno de cada homem de algum valor dezenas de seus irmãos em Christo empenhados e obstinados em

comêl-o, ou em perdêl-o,—por conveniencia directa e immediata, ou por instincto de concorrencia. Não lhe permittiram suspeitar que se, ao termo do dia, apertou duzentas mãos, *é mais que provavel* serem dois terços d'ellas de indifferentes e um terço de inimigos. Desconheceu, ao esboçar um contracto, que n'elle arriscou a vida, ou a honra, ou o descanço da existencia, ou o direito ao respeito proprio. Ignorou que os nobres, elevados e puros ideaes e as palavras que os formulam são *principalmente* applaudidos pelos tratantes—afim de que os honrados crentes se obstinem na pratica da boa-fé. Não vingou aperceber-se de que, entre todas as bestas-feras da Creação, só a que dá por *Homem* é methodicamente malvada: as outras obedecem ao instincto, ou ás urgeucias da necessidade...

*

Na corrente, que dia a dia se avoluma, d'estas matizadas mizerias, torna-se pois de séria conveniencia que os paes e os mentores da infancia lhe abram os olhos sobre o que a espera na vida

pratica e não encham de minhocas o cerebro da Innocencia. Isto para o seculo que ahi vem; — o que já existe é facto consumado. Não haja perigo de que esta prosa venha a desmoralisar um innocente, ou a converter um patife!

PARA OS INFELIZES!

A vida é amarga como o cú d'um pepino. Estudar as causticações da existencia não adianta, não resolve, nem consola. Ha umas que vem da Natureza, outras da organisação social, outras do temperamento de cada um: não ha reformas com geito, em beneficio do nosso descanço. Sob a fórma de grandes desgostos, ou de réles seringações, cá vamos indo em tropeções e em escorregadellas, até cairmos de bruços, ou de costas, no supposto descanço final. A differença está em que uns recebem a sua conta de infortunio em maços de notas de vinte mil réis e outros vão recebendo em cédulas de meio tostão.

E' certo que nada se remedeia, ao repizarmos as origens das nossas maguas; mas é bom desabafar com os amigos. Sou d'esta opinião do Carlos Jorge, meu velho condiscipulo nos Jesuitas em Campolide, que em desabafo me contava hontem, ao fazermos o alto da Avenida:

*

—«Solteiro, sem encargos de familia, com o meu emprego— que me chega para o passadio, descrente da Mulher e indifferente ás doçuras do femeaço, rasoavelmente ignorante, com saude, sem maroteira na vida e sem medo da Morte, pódem julgar-me um dos felizardos da terra. Aposto que me julgas um felizardo!

—Nem por isso.

—Nem por isso?

—Não. Tu, que não tens grandes desgostos, é porque tens muitas semsaborias.

E o Carlos Jorge, esgazeando-se n'um sorrisão:

—Como diabo tu acertaste! Como diabo tu resumiste! E' que é exactamente isso! Chega a

ser uma theoria: ou grandes desgostos, ou muitas semsaborias! E' bem apanhado, menino!

Puz embargos ao enthusiasmo do meu velho amigo, com a seguinte nota grave, em tom solemne:

—Mas ha excepções diversas.

—Conta-me isso! Põe para ahi duas diversas!

Puz-lhe para alli duas diversas.

*

—Tomámos como regra geral: ou grandes desgostos, ou muitas semsaborias. Temos agora o sujeito carregado com ambas as *especies* e temos outro sujeito *sem especie alguma*.

—Nem semsaborias, nem desgostos? E' o homem feliz.

—Pelo contrario: é o verdadeiro desgraçado.

—Essa agora!

—Segue o meu raciocinio, ou vae á fava! Tu, Carlos Jorge, sem familia, sem maroteiras, com saude e com o teu emprego, és susceptivel de irritações, porque o teu chefe é descortez, porque a tua creada é porca, e porque o teu visinho

te faz barulho; e de tristezas, porque vês famintos e não pódes soccorrel-os e porque, sendo honrado e intelligente, assistes ao triumpho dos malandrins obtusos. Tens a tua conta em semsaborias; não te vejo tempo para o bem-estar.

— E' isso que tu dizes.

— Bem. O outro sujeito, que tem semsaborias e desgostos, era um negociante de truz. Falliu ao tempo em que lhe fugia a mulher. Desgostos de achatar um homem. Tem semsaborias: unhas encravadas, dois crédores que o seringam e um filho maluco. Mas os desgostos—a perda da fortuna e a deshonra conjugal—absorvem lhe o pensamento e o sentimento e tornam-n'o insensivel ás semsaborias. N'uns dados momentos, a intensidade das *grandes maguas* como que o anesthesia. Vem a conformidade, a resignação; é susceptivel de *bem-estar*—que tu não disfructas.

— Homem! acredito: isso é da lei das compensações! Acredito; mas o outro — o que não tem desgostos grandes, nem semsaborias vulgares: como diabo é elle *o desgraçado?*

— Imagina tu que um homem, á força de co-

mer petiscos a toda a hora perdeu as faculdades digestivas, o apetite e o paladar. Colloca esse homem em frente de uma meza bem sortida, e colloca te tu á mesma mesa, — tu, que não passas de bacalhau e grêlos, de açorda e de zurrapa do Termo e que, comendo sempre ás horas e com moderação forçada, tens paladar, apetite e estomago de avestruz. Comes e bebes com furor e delicias e, oito dias depois, ainda gozarás a recordação do brodio. O tal sujeito — sem desgostos, nem semsaborias — sem fomes, nem jantares de açorda — olhará para a mesa posta e para o teu apetite, com olhos de Abeilard a quem introduzissem no serralho — depois da operação. O tédio e a saudade sem acido : uma porcaria! Em resumo — a sensibilidade morta pela falta de dados comparativos: ahi está *o desgraçado*. Tens entendido ?

E' esperto o Carlos Jorge. Tinha entendido.

COMPASSIVOS!

Que diabo fazes tu, por este sitio, a esta hora da noite?!

(Interpella-me o meu velho Victoriano, e accrescenta, portuguezmente maligno:)

—«Com os teus ares de magico!... Tu não estás aqui por bom!...»

Era na praça das Flores, ás duas da noite de ante hontem. Vinha, retardado, do Lyrico, o Victoriano. Eu girava, em redor da praça, parafusando—*com os meus ares de magico*,—no que muito se preoccupavam um guarda-nocturno e um policia: que não se tratasse de espera, ou de suicidio.

Eis no que eu parafusava, a proposito de certo caso da semana :

*

... De que diacho procederá esta coisa ?! Ha um momento em que *todos nós*, n'uma conformidade patusca e *inconsciente*, censuramos e condemnamos, sem appellação, as mais rudimentares affirmações da justiça e da consciencia individual:—a *Vingança*, que vem a ser o *Desoggravo*,— a *berrata* do protesto, que é o grito da *Moral*. E censuramos e condemnamos, com a mão e com o olho virados ao coração. Tudo por bondade, por misericordia, por compaixão! E ha phrase justificativa—no Padre Nosso :— «Perdoae-nos as nossas duvidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores!» Muito bem inspirados — os caloteiros!...

... Onde diabo está a origem d'esta miseria? Coisa do *coração*, já se deixa vêr! Sae caro — o tal coração — em desassocego, em despezas, em insomnias sobre a suspeita do aneurisma e, afóra

estas miserias,—em contradicções á Moral. Obnoxio musculo!

*

... Vejam-me vossemecês d'estas: — Guarda, um homem, durante vinte annos o seu justo resentimento contra uma celeste croia — que lhe empeçonhou a mocidade, ao converter-lhe em sentina de bestas dinheirosas um altar que o sujeito lhe erguêra, com todos os ramilhetes da alma pura. Ao termo de vinte annos, referve-lhe ainda o rubro sangue do Romantismo, mal contido pela crôsta da punhalada. Não perdoou, nem esqueceu. Espera ainda — o que? Espera a doce hora em que a afocinhe sobre as ossadas das bestas dinheirosas a quem ella no altar abriu sentina...

Hade vingar se! Está no direito e no dever da sua consciencia e da absoluta justiça. Hade vingar-se, pois que ha na sua alma de peccador uma particula divina — d'aquelle Creador «que se vingou» dos anjos rebeldes, precipitando-os nos

infernos escuros! Pois, como canta, minha velha!?

Subitamente, informa-o um velho amigo:—«Cá vi hontem a sujeita. E' camarera n'um café de «lépes», e soffre do hemorrhoidal!»

Mão e olho virados ao *coração*... E está perdoada a azêmola. Perdoada e deplorada!

*

Outro caso. Em plena vida de tranquillidade, cae sobre um homem uma quadrilha, com estatutos. Alapardam-se lhe na boa-fé — e roubam-lhe tudo. O sujeito *tóma nota;* vae tratar da vida — e todas as noites conversa com o travesseiro, sobre os perversissimos ladrões e sobre a hypotheca do socego *d'elles* á boa memoria *d'elle.* Eram quatro — os bandidos. Um d'elles, menormente criminoso, vae-se, do leito da morte, a envenenar os vermes da sepultura, com as especiaes podridões do seu sêr. *Esquecido!* Outro, mais saciado de ladroeiras do que a mulher do Claudio — de bréjeirices, deshonra um tiro na cabeça-caverna e deixa o roubado a contas com

o *coração:* — «Deus tenha a sua alma em descanço!»

Faltam dois. Que não se matem! Que não fujam! Mas se o diabo os leva, cá lhes ficam préces do condoído indigena e lagrimas de misericordia — sobre as gazúas e a fecharia dos trabucos...

Que o portuguez é compassivo!

*

... Foi n'estas alturas que o meu velho Victoriano me disse: — «Não andas aqui por bom...» Duas horas da noite. Deitei-me; mas não sem beijar o Marius *adormecido:* modo de dizer — *a conversar com Deus!*

S. EX.ª

Uma senhora, minha amiga, *e muito séria* — explicava-me assim, ha dias, a sua separação conjugal, que ella tinha requerido.

— E' porque *elle* tem muito má bocca.

— ? !

— Desde pela manhã até á noite, um inferno de gente a bater á porta, — a pedir dinheiro : é o homem do talho, é o carvoeiro, é o padeiro, é a lavadeira, é a peixeira, é o rapaz da tenda, é a mulher da hortaliça, é o pequeno dos jornaes, é o homem da agua... Santo nome de Jesus!

— Mas isso...

— Mas isso não é motivo ?

—Decerto. São difficuldades da vida, e v. ex.ª, como boa esposa...

—Devo amparar o meu homem?

—Pois, já se vê!

—Eu lhe explico como amparava o meu homem. Quando vi que no orçamento havia *deficit*, como os senhores jornalistas dizem, tratei de reduzir as despezas. Ao almoço, foi ha quinze dias, puz na meza sardinhas assadas — um cheiro delicioso! — depois de despedir a creada. O meu marido pôz os olhos nas sardinhas, e berrou: — «Que vem a ser esta porcaria?!» Objectei lhe que muito boa gente comia, com satisfação, *porcarias* d'aquellas. Replicou-me que a sua educação não lhe permittia almoçar sardinhas; berrou — que queria bifes e fiambre; e quando soube que eu despedira a creada, por falta de recursos, disse-me que eu era uma creatura réles, com a nostalgia do serviço de cozinha!

(Pausa).

—E' duro, ou não é duro, sr. João Braz? perguntou-me a senhora.

—E' um tanto... ratão.

—O senhor comia as sardinhas, ou não comia?

– Eu devorava-as, minha senhora, — com rabanetes, ou sem elles!

A pobre senhora riu se. Eu consagro-lhe o resto d'este artigo.

*

Sua excellencia, o meu visinho alli de baixo, é deputado do intestino ministerial e é funccionario de posta gorda. Vive com sua esposa, seis rebentos do tal connubio e duas creadas: total — dez estomagos. As creadas vae em seis mezes que não vêem cedulas — diz m'o a lavadeira, — mas a patrôa e as meninas (tudo meninas!) trajam sedas. Quando a familia passa, para a missa, cá pela minha travessa, correm á janella as Gouveias, e é um rozario de besbelhotices: — «Tudo junto, o que a mãe e as filhas levam em cima, não está em menos de cem moedas!» — sentenceia a avó, manhosa e pratica besta.

S. Ex.ª, mal o junho desponta, vae-se ás Pedras Salgadas, mais a sua obrigação, e só regressa em setembro. Diz a avó das Gouveias — que é «para se esquecerem... os crédores.» Seja as-

sim! A verdade é que *s. ex.ª* olha para mim com altivez desdenhosa: sabe que eu não saio de Lisboa — a não ser até á Porcalhota — aos gatos de caldeirada. Uma das creadas foi mesmo destacada pela esposa de *s. ex.ª* a observar os barris do lixo da visinhança. No meu só viu folhas de couve e cascas de cebola: pelintrice! Que no barril de *s. ex.ª* ha cascas d'ostra, de lagosta e de banana: um barril de feliz maroto!

Diz-me a lavadeira, a tia Gertrudes: — «Vossoria não imagina! Tenho lá cinco mil réis, e a porca da figurona diz que os não paga, porque eu lhe perdi meia duzia de lençoes novos, de linho, — coisa que ella nunca teve, que aquillo de roupa é só rodilhas! E' uma gritaria n'aquella escada: o carvoeiro, o leiteiro, o padeiro, o tendeiro, a peixeira, o homem da agua, a mulher do figado, a mulher da hortaliça; e não pagam a ninguem! Pouca vergonha assim! E tratam-se!... Tomára vossoria!»

*

Tomára eu, realmente!... Mas ando a dis-

cutir um problema, e talvez se demore a solução: — Se, a hezitar entre boa pessoa, com barril modesto, de folhas de couve e cascas de cebola, e com fato de dois annos sobre o meu bojo: se, a hezitar entre essa condição e a de importante cidadão, deputado e o resto, com barril que se préza, cascas d'ostra, de lagosta e de banana — e cem moedas de tecidos na lombada da familia: se n'estas duvidas eu não sou um pedaço d'asno, digno do desprezo do vulgo... Deus de meus paes! E' certo que não berram no meu portal o homem da tenda, o homem do talho, a peixeira, o leiteiro, o rapaz dos jornaes e a mulher do figado; mas não vou ás Pedras Salgadas, não entro pelas ostras, nem pelas lagostas, nem pelas bananas.. D'ahi, *s. ex.ª* importa-se tanto com a vergonha como eu com os opusculos do Arlequim Junior!

Não poderiamos, nós todos, ser assim?

MOLESTIA DO DIA

Eu bem dizia áquelle jagodes, meu visinho do lado e meu antigo companheiro no collegio do Camara, que Deus lá tenha: — Tu estendes-te! Tu gostas do que é bom: és como eu; mas põe os olhos em meus correctos costumes! Quando sorri a Fortuna, entro pelo *Porto*, mas em horas de indigencia alterno o *Cartaxo* com o branco do Alviella. E agradeço a Deus a saude!

E o Britinho, com tregeitos de tédio:

— Eu não te peço sentenças. Cada um governa-se. Tu tens lá essas *manias* de mysanthropo: refocilas-te nas privações, para alimentares o mau humor *(é bem achado!)*, emquanto que eu

gósto de passar bem, de gosar a vida — para andar alegre e não amargurar o proximo *(é bem mettido !)*. Tu abusas da liberdade que tem havido entre nós, para examinares, a toda a hora, o meu orçamento !

— E' o que faz toda a gente.

— O que ?!

— Toda a gente quer saber como é que tu gastas seis contos por anno, em tipoias, comes e bebes, villegiaturas, pulos a Paris, etc., etc., ganhando tu setecentos mil réis no Correio !

— Que vão fazer contas á mãe que os lambeu ! Mettam-se vocês todos com as suas vidas ! Eu cá me entendo e arranjo.

E arranjou-se. Elle lá vae a sete pés, não sei por onde ; e a familia cá fica — a pedir chuva.

Eu bem o disse ao Britinho !

*

Todos nós, rapazes ha vinte annos e velhos antes da hora, sabemos o que é *gastar dinheiro*. Mas ha para o caso processos *de consciencia* e outros que vem a ser... o contrario. *Estragar*,

cada um, *o que é seu* póde ser desapêgo ao dinheiro, desequilibrio sentimental — em proveito das necessidades alheias, esperança em breve termo da vida : variantes de «telha». *Estragar* o que é dos outros — fia mais fino. Ora, é justamente do mais fino que esta linda sociedade está fiando ! Cada bréjeirinho das praias não o faz por menos de dez e quinze contos para cima E, apoiado em protecções de familia, ha quem chegue aos *oitenta* e aos *cento e trinta*.

Quer isto simplesmente dizer que ha, n'esta hora maldita, menos vergonha e mais falsas noções da inviolabilidade do alheio — do que em tempos que longe vão ? Ha, sem duvida, um bocadinho de tudo isso : desvergonha e falseamento de noções. Mas ha outra coisa : *a febre de hombrear com os de cima*.

Alli n'aquelle ministerio, o chefe da 1.ª repartição ganha o seu contito e uns pós. Vae todos os annos a Paris, tem camarote em S. Carlos, possue trem, dá reuniões, come e bebe do fino ; mas auxilia os vencimentos de funccionario com os juros da sua fortuna pessoal E' proprietario e é jurista. Produz-lhe tudo, incluindo os venci-

mentos, uns oito contos annuaes. Gasta sete: faz um vistão, e sobeja-lhe.

E' o que não quer perceber o chefe da 2.ª repartição, que apenas dispõe dos vencimentos e de um *deficit* respeitabilissimo por sua idade. Se o collega vae a Paris, tem assignatura na Opera, possue tipoia, dá reuniões, come e bebe do fino, *é claro* que se lhe não deve «ficar atraz.» A' lucta!— como quem diria á unha!... aos preconceitos. Se ha *cofre* nos dominios do nosso homem, temos obra, — e que ninguem se metta com a sua vida! «Que elle lá se entende e se arranja!»

*

O que me parece, dados os estragos de tal molestia, é que seria tempo de o Estado deixar de proteger a epidemia. Não vejo que outra coisa seja, senão uma decidida e amavel protecção, isso que se está usando por parte dos altos poderes para com os gordos desavergonhados. Olhos fechados, orelhas idem, e a garra da justiça caindo sobre o *Caipira*, que *roubou* treze vintens ao

Gadacha, — emquanto s. ex.ª o patife gordo passa a fronteira, ou se hospeda em casa dos protectores!

Não é em nome da Moral que eu barafusto. Cada um tem uma, para seu governo. E' em nome do direito que me assiste — como contribuinte — a deixar as minhas décimas em *relaxação perpetua*, dada a relaxação torpissima com que a *molestia do dia* é tolerada e bafejada pela «Junta de saude dos poderes publicos!»

AZEDOS!

DERIVA-SE, ás vezes, o azedume de bem pueris circumstancias. Conheci no collegio, ha trinta annos, dois rapazes irmãos, um dos quaes se tornou sombrio de caracter, á força de se conservar sério — para não mostrar os maus dentes. O outro, felizmente dotado em primores de dentuça vidrada e de talhe correctissimo, andava sempre com os primores á mostra; d'ahi lhe resultou sair um alegre banaboia, que, se não é tolo, parece-o lindamente.

Uma vez, as *Farpas*, em polemica alli com um jornalista, deram-se a classifical-o de *azedo*, e depois a definir a *seita*. «Que taes sujeitos vivem amargurados — pelas mulheres que não gozam,

pelos vinhos que não bebem e pelos charutos que não fumam.» Iniquidades das *Farpas*, com seus laivos de tolice! A'quelles sujeitos chama-se *invejosos*.

Azedos é outra coisa.

*

Deixemos em paz o grupo dos melancolicos por coisas de temperamento e o dos desgostosos por coisas particulares, e não faltará em que nos entretermos — com os azedos pelo espectaculo da vida. E' n'este ponto que os *alegres* teem de justificar as casquinadas — senão querem que a gente os filie entre os «maluquinhos d'Arroyos.» E' certo que não falta na vida materia para galhofa. Mas a galhofa é justamente extrahida das pretensões dos «felizes da terra» a que os tomem a sério.

Vamos lá por partes :

Colloca-se um homem com o maldito sestro da observação — na varanda mysteriosa em que a gente se debruça para a Vida (é alli em cima). Saiu ha pouco da adolescencia o curioso. Bota o

olho ao cortejo, e a principio não lhe vae mal ás reclamações da Moral privada. Os criminosos são castigados; os virtuosos são alvo de acclamações; ha ricos e pobres — como cumpre á harmonia gocial — e as riquezas são fructo do trabalho e a pobreza é a resultante da inepcia; a mulher e a creança, essas fraquezas, são protegidas; em baixo, sobre a miseria cae a jorros a coisa da Caridade, e, no alto, o Estado tem azas protectoras e bico previdente em fructos de instrucção, de ordem, e de equidade... o rico amor!

Está direito! Desce da varanda o homem, e mergulha no cortejo.

*

Volvidos annos, succede-nos um dia lançarmos para o *observatorio* do sujeito um olhar de curiosidade. Que será feito do rapazola? Alguem occupa o logar. E' elle, é o observador de antigas éras. Deus de nossos paes! Como está mudado o pobresito! Tuberculos? Unhas encravadas? Amores mal correspondidos?

Interrogamol-o, cá de baixo. Não é isso que suppuzémos. *Tem vivido...*

Ter vivido—é ter perdido illusões que consolam e ter conservado apenas, crystalisadas, crenças que dilaceram. E' ter duvidado, ter desesperado e, por fim, ter edificado sobre o desespero a conformidade, como um palacio sobre o bico d'uma agulha. E' ter-se empeçonhado no inferno da má familia — porque ha só duas : a infernal e a redemptora ; — é ter-se contundido e dilacerado, pelo atricto, em todos os horrores sociaes, que são da sua especie, das suas relações, da sua rua... E' ter visto e sentido — sombria visão e pungentissima dôr ! — todas as injustiças que brotam do egoismo e que a covardia tolera e a hypochrisia mascara : o alto criminoso impune, o honrado trabalhador em crises escarnecidas pelo tratante cortejado, a mulher e a creança, essas fraquezas, exploradas e perdidas, explorada e *castigada* a boa-fé, e o cortejo harmonico da primeira hora convertido em *pagode* de malandros: as distincções, o poder, a gloria rapida conquistados — não pelo direito do mais digno, mas pelo *direito* do mais pulha !

*

D'ahi se deriva o *azedume* do que outrora desceu da varanda á praça publica, a encorporar-se no cortejo. Estamos longe dos *invejosos:* pois não é assim? Apenas illusões perdidas e crenças crystalisadas: crenças na Justiça, que o vêl a coberta de lama pelos malandrins não é para que deixemos de adoral-a... O mesmo seria desprezarmos nossa mãe, porque uns garotos a apedrearam na rua.

A NINI

A ideia da *igualdade* bebida pelo mestre pedreiro Lopes fez-lhe grande desarranjo na economia animal irracional. Tem elle uma filha, a *Nini*, que está no preparo da situação matrimoniavel: vae para os quinze e tem toleima para vinte. Diz o mestre: — «Quero a preparada para tudo. Todos somos iguaes.» N'estas condições, *Nini* prepara-se com *franciú* e faz a janella sacada — com *poses* de «menina e moça», e olho de caxuxo agonisante, a vêr quem passa pela travessa. Embirra com as «porcarias» do lar domestico: arranjos de cosinha, de roupa esburacada, de limpezas. Os fundilhos paternos é a mamã quem os deita e o resto das «porca-

rias» é com «quem quizer». *Nini* é fraquinha e promette desfallecimentos de sensitiva. Um bom preparo — para tudo!

Espera o mestre a paixão de um ricaço pelos olhos de caxuxo da *Nini*. Ricaço com palacete na Avenida e quinta em Azeitão e *chalet* acolá em baixo no Estoril. Dos trez paraizos — para inverno, para ares e para banhos — tenciona utilisar-se o mestre: que todos somos iguaes e filhos de Deus. Mesmo assim, o Eterno Padre sempre tem muito pedaço d'asno na familia!

Espera gosar — o mestre — as delicias da Fortuna. E acha que se lhe não faz nada demais. Foi elle quem fez a *Nini*, entre dois rebôcos. Foi elle quem a pôz assim, graças á colher e á trolha! E' certo que seus paes — avós da *Nini* — lhe não deram, a elle, o verniz conselheiral, mas elle enverniza sua filha: — *franciú*, janella sacada, olho de caxuxo agonisante e horror ás «porcarias» do lar.

E salta de lá o rico matrimonio rico!

*

Fazem-me dó estes paes, tolos algozes de seus filhos. Certamente, todos somos iguaes : dil-o a Moral social, dil-o a Religião : só a Pratica da vida sacode a coices tal verdade. Mas ao alcance do entendimento de outro pedreiro, que ainda não preparou a sua *Nini*, apraz-me distinguir e esclarecer o *Devemo-nos preparar para tudo.*

Se o homem abastado, pae de um filho e de uma filha, faz aprender ao primeiro um «modo de ganhar a vida», como se não tivesse *fortuna :* se o mette no commercio ou na officina e lhe leva a dentro do espirito a comprehensão de que é o Trabalho o redemptor e o salvador ; se, ao passo que faz instruir a filha em *prendas* do seu meio social, lhe dá noções praticas do arranjo da casa : isto é, se, portas a dentro, lhe dá *o curso de uma boa creada de servir:* se tal homem rico assim procede, é evidente que *prepara os filhos para tudo*, comprehendendo que *todos somos iguaes* — perante a Religião, e a Moral social e, para o azar, perante a Pratica da vida. Pode a

qualquer hora desmoronar-se a *fortuna* d'aquelle homem: o rapaz não será um rico herdeiro, mas estará armado para a lucta da vida, com as habilitações do labor modesto; a filha não será requestada por um caçador de herdeiras, mas poderá ser a digna companheira, esposa e auxiliar, de um modesto e honrado trabalhador.

Comprehende — *o mestre?* Que tem a objectar o meu amigo?

(Fala o nosso homem.)

— «Acho que não fica mal a um pae, porque é pobre, dar instrucção a seus filhos...»

Acha vossemecê muito bem achado. E' claro que não lhe fica mal fazer ensinar a sua filha quanto poderá servir-lhe para subir na escala da vida; mas o que lhe fica assim á laia de orelhas de burro artificiaes em cabeça de estudante cábula é abrir a sua filha as portas da Toleima — o que seria risonha coisa, e talvez as da Desgraça, — o que não faz rir ninguem. A noção torta da *igualdade*, não a que prevê os desastres e se arma contra elles, mas a que sonha com os esplendores e se desarma para a lucta da vida: isso é que dá foros de sandeu. Gradualmente,

alli o seu collega foi convencendo a *Nini* de que altos destinos a aguardam; não lhe deu instrucção valiosa como subsidio para caminhar pela existencia: deu-lhe *prendas*, que assentam na filha do *mestre* como uma sobrepeliz n'um cautelleiro; tornou-lhe antipathico o lar domestico — «essas porcarias»; grudou-a á janella sacada, a rebolar os olhos de caxuxo; enfraqueceu-lhe o corpo, pela ociosidade e pela escagarrinhação dos «anhelos e devaneios»: não fez uma mulher; fez uma delambida, que desprezará o pae — porque elle veste como operario e porque não sabe *francês*.

E agora, imagine o pae morto, antes de surgir o problematico matrimonio rico. Que vae fazer a *Nini*, sem fortuna, com horror ao trabalho, sem geito para as «porcarias» caseiras?... Até agora a rizota. Começa o que desperta lagrimas!...

*

Moral em acção? pergunta-me vossemecê. Não é isso: é uma nota á margem sobre origens e causas da embrulhada miseria em que por ahi se vive.

O VISINHO DO LADO

Se o vissem, como eu o vi ha trinta annos e pico! Faz a gente velha um diabo assim! N'aquelle tempo ainda o pae era vivo, e todo o santissimo dia, aos domingos e ás quintas feiras — dias de feriado — o Albertinho punha a visinhança em sobresaltos. Era pedrada desde pela manhã até á noite, com os filhos do homem do talho, e vidros quebrados, e transeuntes rogando pragas... Querido Alberto dos meus peccados!

Na escola era o terror de seus mestres e não menos de seus condiscipulos. Turbulento, intrigante, mandrião, mentiroso: um encanto. Foi mesmo á conta d'essas bellezas que o Novaes,

professor de philosophia e que tinha visto mundo, disse um dia, afagando o rapaz:

— Hade ir longe este Albertinho!

*

O pae morreu-lhe, estava elle a completar preparatorios. Foi a D. Genovêva Couceiro, uma tia rica, em segundo grau, quem metteu o Albertinho em Coimbra e correu com as despezas da formatura. Fez época nos seus doze annos de formatura — o raio do rapaz! Bebedeiras, sujos idyllios com cachopas, *rapozas* em barda, desgostos e afflicções de cada hora chovendo sobre a carcassa de sua veneravel tia. Não houve *gréve* nem chinfrim coimbrão em que elle não tomasse parte—o nosso amigo. A these para o bacharelato foi o *Nunes enguia* quem lh'a escreveu, a troco de vinte e quatro mil réis; e ao sair de Coimbra disse-lhe o *Mendes dos oculos*, velho pratico em maroteiras e em marotos:

—Você tem futuro, ó Albertinho!

*

Caiu o rapaz na Arcada do Terreiro do Paço, e ao terceiro dia recebeu-o em particular o arguto estadista Alipio, o mais avelhacado explorador de vocações pandegas. Nomeou o Alipio seu secretario privado, e para receber pretendentes não havia memoria de tão mirifico e solerte gajo. Basta dizer que trouxe enganados durante dois mezes tres concorrentes á parochia do Rio Secco, apanhando um horror de moedas para si e os votos de todos elles para as eleições do Alipio.

Foi n'estas condições que o seu protector e introductor na politica lhe disse um dia:

— O' Albertinho! você tem dedo. Hade-se fazer alguma coisa de você!

*

Metteu-se no jornalismo e ás duas por tres estava director da gazeta. O que elle mentiu, calumniou e intrigou, durante uma campanha eleitoral, dava para condemnar tres almas no tribu-

nal do Altissimo! Tambem, veiu logo n'essa occasião deputado por Azeitão. E logo na primeira semana entrou na questão dos pharoes, com uma tal pujança, que foi nomeado relator da commissão encarregada de estudar e emittir voto sobre a momentosa questão da pesca do atum. Deu brado o relatorio do Albertinho, e ainda hoje é citada a phrase final d'esse trabalho:—«Concluo, dizendo que a falta do atum é uma calamidade social!»

E o Alipio:—O' Albertinho! Eu não lhe dizia que você trepava?!...

*

Aqui ha tempos, hão de estar lembrados, foi caso para pêras a attitude da provincia dos Mijokas na Africa Occidental. Os Mijokas queriam a republica ou a separação, e o governador veiu corrido. Quem hade ser o homem de confiança? Precisava-se de muita ronha, muito cynismo, muito pouca vergonha. O Alipio indicou o Albertinho. Para lá foi, com plenos poderes. Intrigou os cabeças de motim, subornou, corrompeu, fez

promessas descaradas. Pôz tudo a direito, e voltou triumphador. Foram esperal-o a bordo os do governo, e, diante de todos, o Alipio pôz-lhe ao peito o habito do Lagarto e disse-lhe estas palavras memoraveis:

— Agora, Albertinho! Deixar ir!

*

Começou a deixar ir— como quem diz *deixar correr*. Está director geral e deixou de cumprimentar a vizinhança. E' par do reino vitalicio. Não ha maroteira em grande em que lhe não saia a *taluda*. Cazou rico, com a viuva do millionario Arsejas. No parlamento falla em tom compassado, todos os dias, e poucas palavras. Acha que tudo vae bem, comtanto que se respeite a Carta. A tia Genoveva, cahida em pobreza, vae ás vezes procural-o; e elle não lhe fala, mas manda-lhe dar cinco tostões todas as semanas. Nos ultimos tempos, sempre que se fala em atrapalhações financeiras, o nome d'elle é citado como uma esperança. E cá na rua é um rei!

Faz um homem velho — e tolo!

DEVAGAR

DEVAGAR *se vae ao longe:* esta é cá das nossas, das de bom cunho luzitano. E' a quintessencia d'aquell-outras—*A Roma ou Pavia não se vae n'um dia,—Nem por muito madrugar se amanhece mais cedo,—Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.*

Saturados d'esta sã philosophia, aqui estamos n'este preparo, que faz a inveja do orbe. Quem não está de barriga, está de costas,—sem contar os que vão de lado. Obnoxios séstros!

*

Faz-se mister qualidades de arromba, em phrenesis e em tezura, para que um rico filho

d'esta mãe-patria se não deixe arrastar pelo exemplo e se não estenda ahi nos bancos do Rocio, ou lá em baixo no areial d'Algés, á espera de que a Providencia bondosa lhe metta pelo esophago duas pêras. Madraços de taes artes e natureza só me lembra tel-os visto em Constantinopla, onde, estendidos na rua, deixam que as tipoias os recalquem, — só para não arrumarem o trazeiro. Mas os madraços de lá teem figura de cão.

Foi ha annos, sete ou oito annos, que eu, mais o Narciso de Lacerda e o Francisco d'Almeida, partindo de Lisboa, no comboio, em direcção ao Norte, vimos encafuar-se na carruagem que occupavamos um conspicuo luzitano desconhecido, — ahi pelas alturas do Pombal. Encafuado o homem, deitou-se, puxou para os olhos a manta de viagem e pegou no somno...

— «Coimbra!»

O homem abriu os olhos, ergueu se sobre um cotovello, espreitou pela vidraça, para a *gare*, resmungou: *Coimbra* — e deitou-se outra vez, fechando os olhos.

— «Mealhada!»

Ergue-se o homem, com ar desvairado, vae espreitar pela vidraça; volta se para mim, erguendo as mãos ao tecto, e brada:

—Então passámos Coimbra!

—Pelos modos...

— Mas eu vinha para Coimbra?

— *Vinha* talvez do Pombal: mas agora tem de *ir* da Mealhada.

— Mas o senhor não sabia prevenir-me?!

—Eu? A gente tem obrigação de tomar nota. Tambem o senhor não me preveniu de que é tolo, e eu estou-lhe descobrindo a prenda.

— O que quer o senhor dizer na sua?

—Quero dizer-lhe que não perca tempo. Salte já para a *gare*, e safe-se para Coimbra! Não faça esperar a Minerva!

Com um ar embezerrado, o homem coçou se na cabeça, ás mãos ambas, deu uma patada na alcatifa, e vociferou:

—Olha que espiga!... Oh! com todos os diabos! Lá se me vae o estupor do comboio!...

Era o estupor do comboio que se punha ao fresco...

E da Mealhada a Mogofores levou o filho da

mãe-patria a remexer em trouxas, e foi preciso que nós trez, eu e os meus dois amigos, o baldeassemos á estação, com trouxas e tudo, porque o patife tratava de se enroscar de novo nas almofadas, como o meu gato *Mignon* nos opusculos juridicos do *Arlequim Junior*.

Foi á conta de o homem nos dizer que o esperavam em Coimbra, para padrinho de um baptisado, que o Narciso de Lacerda opinou:

—«Quando este padrinho chegar a pôr os pés em Coimbra, já o afilhado faz parte dos 7.500 do Mindello!»

*

D'outra vez, foi no Alemtejo. Eu vinha de Hespanha, e em Elvas entrou na minha carruagem um sujeito já idoso, typo de boa pessoa. Disse-me que era a primeira vez que viajava, aos sessenta annos e pico, e que não queria morrer sem vêr Lisboa. Indiquei lhe os *Dois Irmãos Unidos*, como boa pouzada, comezainas, roupas lavadas, economia, ponto central; preveni-o contra os larapios; disse-lhe que fosse vêr os macacos ao

Jardim e os deputados a S. Bento, e dei-lhe minha morada — para qualquer *novidade*.

Muito grato, offereceu me o bom velho pão e chouriço e, platonicamente, a sua casa em Elvas, — e viémos andando...

— «Abrantes!»

Quiz descer o vélhote, e eu recommendei-lhe presteza: dois ou tres minutos. Assobios da machina, e eu inquieto, pelo velho. Partiu o comboio, e elle lá ficou em Abrantes.

Na estação immediata chamei o revisor; contei-lhe o caso, entreguei-lhe a mala do sujeito, e eis-me a caminho de Lisboa!

*

Decorreram quinze dias, e recebo em casa uma carta d'Elvas, firmada pelo tal amigo. Assim rezava a epistola:

«... Morro sem vêr Lisboa. Soffri muitos desgostos, e renunciei. Em Abrantes perdi o comboio, por um minuto. Fiquei á espera do outro, mas quando elle chegou deu-me outra vez *vontade de demorar-me*. Assim com'assim, puz-me á

vontade, e deixei-o partir. Depois, não sei que mudanças houve de carruagens, e no Entroncamento engataram-me para outra parte. Fui ter a Chão de Maçãs. Queixei-me, e pregaram commigo em Castello de Vide. Cá estou em Elvas, e não caio n'outra! Quero dormir e fazer tudo o que é necessario—sem que ninguem me apresse. Já estou velho para innovações!»

Mais ou menos, todos nós Portuguezes damos razão ao homem.

A TAL COISA!

CONTAVA-ME, ha dias, um rapaz meu amigo — que, em certa familia, visitada pela Morte, é como que um dia de festa religiosa aquelle em que morre *mais um*. Resam todos, não pelo morto — porque é uma familia de justos, — mas em agradecimento a Deus, que foi servido de chamar a si mais aquelle membro de familia, livrando-o das miserias do mundo. Esta *philosophia* contrariando o judicioso parecer de Montalembert: — «que a Religião tem por fim a felicidade da vida terrestre e não as questões de além da campa», — desperta, ainda assim, uma certa inveja aos que não crêem como aquella gente. Eu, por mim, creio na existencia de Deus — alheio á

Egreja e á Carta Constitucional, eterno, omnipotente, omnisciente, a fazer mundos, mas indifferente á moral social dos seus planetas e á sorte das mesquinhas creaturas. Não posso crêr diversamente; mas concebo o ineffavel jubilo em que vive, — com difficuldades ou sem ellas, — o meu proximo, convencido de minudencias. Deve ser de grande allivio contar a Deus, em intima palestra, as apouquentações da existencia, as velhacadas dos egoistas, dos patifes e dos gatunos e de todos os insignificantes que nos escalavram a paciencia, a dignidade de homem e o socego do espirito. Deve ser um encanto!

Alli esteve na livraria Gomes, ao Chiado, um retrato meu — um primor de Columbano, retratista d'almas, — o qual retrato arrancou, aos visitantes e a alguns criticos da Exposição, commentarios d'este theor e sentimento:

— «Uma vida torturada!»

— «A tortura viva!»

— «O azedume doloroso!»

— «A preoccupação do infortunio!»

E' de eu não ter familiaridade com o Eterno. Não lhes conto nada a respeito dos Mortaes!

*

Ora, vem tudo isto a proposito da excitação cerebral produzida pela morte de Carnot. Está aqui a *Nação*, orgão dos legitimistas, redigida por gente honrada e instruida, a qual *Nação* declara alto e bom som — que em face das bellezas sociaes «seria tambem anarchista, se não tivesse uma convicção profunda na existencia de Deus.» E accrescenta o respeitavel jornal — «que ainda mais pela razão do que pelo desespero, entraria n'essa jornada tragica de odio á sociedade.»

E aqui temos nós outro filho de Deus, a nutrir a convicção profunda de que o Ente Supremo se preoccupa em nossos males e terrores: nos coices que soffremos dos velhacos, dos egoistas e dos patifes, e no desespero pela sorte futura dos que nos são caros na vida! Deve ser esta, por igual, a convicção dos bemaventurados promotores da procissão do Coração de Jesus — que em Lisboa se realisou um d'estes dias. Reagiram os descrentes contra a «ostentação do beaterio,» — e eu tenho por certo que se tratou, um tanto

diplomaticamente, de chamar a attenção do Eterno em favor da «sociedade em perigo.» Se eu não creio na efficacia do caso, não deixo de admirar a compuncção. Que a Fé opéra grandes prodigios! Talvez se não arranje repressão valiosa, pelos processos energicos dos governos; mas é possivel que Elle se enterneça lá dos poderosos céus, aonde, se o proverbio falha, chegam vozes de .. peccadores contrictos.

Talvez se arranje!

*

E' n'essa orientação que o illustre Leão XIII, Pontifice Catholico, prepara uma nova encyclica, na qual insiste em affirmar — que só a Egreja póde resolver a chamada «questão social.» Todos que attribuem aos Jesuitas o assassinio do Henrique IV, pelo Ravaillac, concordam em que a arma d'esse fréguez foi tão mortifera como a do assassino de Carnot. Por este lado, tão bem *resolvem* os Jesuitas como os anarchistas: não ha sombras de duvida. Mas Leão XIII, não pôz a mira em protervas insinuações. O Papa quer ape-

nas dizer na sua — que a religião catholica adoçará os corações dos miseraveis, — com injecções de crença na Bemaventurança.

Conciso e algo sinistro, produz-lhes este commentario, aos esforços do Pontifice, um jornal anarchista *(A Propaganda)* que se publica em Lisboa:

— «Pois sim, padre!»

Vão lá tractar com gente d'esta!

*

Ainda com igual concisão, e cada vez mais sinistra, commenta a folha anarchista os seguintes dizeres das *Novidades*, sobre a morte de Carnot:

«O anarchismo vingou se, mas a sociedade não será vencida.»

Commentario *d'elles:*

— «Veremos.»

E apoiam seus projectos e propaganda em noticias d'esta ordem:

«O barão Hirsh, judeu e banqueiro austriaco, celebre pela sua fortuna, acaba de comprar um

cavallo por 67:500$000 réis, e mandou o ás corridas de Paris, em um luxuoso wagon.

«Este Hirsh é societario de varias emprezas que lhe rendem avultadas sommas, amontoadas por operarios, que vivem na maior miseria »

Miserias da vida! O que me dá cuidado é aquillo do Chateaubriand, auctor do *Genio do Christianismo*, — portanto, bem informado, — e sujeito que sabia e escrevia melhor do que nós todos:

«Estou vendo o hospital em que agonisa a velha sociedade. E é preciso que ella morra!...»

TYRANNOS

Vejo n'um jornal do Porto que «na sala da Associação dos Trabalhadores o operario *Placido* fez uma conferencia sobre a Mulher e a Creança nas officinas.»

Mais informa o jornal:

«O conferente mostrou com dados bastantes a exploração de que são victimas as creanças e as mulheres, e espraiou-se em considerações sobre a necessidade de se remodelar a organisação social.»

Como quer que o Trabalhador se enfeite para entrar em scena, e nos principaes papeis, não lhe ha remedio senão principiar a ouvil-as—gordas e têzas. Emquanto sua mercê foi victima im-

belle, só d'aqui apanhou lamentações: habilita se a «poderoso da terra,» — cae nas unhas da Critica. E' dos livros.

Esta questão da Mulher e da Creança, desprotegidas em plena Civilisação, tem-me arrancado protestos, pela vida fóra — que nem os imagina o meu leitor adventicio, e que já causticam os effectivos leitores. E' mesmo um dos raros documentos com que eu me habilito á entrada no Paraizo: é certo que tenho incommodado os do meu sexo — os que entraram na idade da maroteira, mas a Mulher e a Creançada apanharam aqui um causidico.

Com toda a placidez devida ao operario *Placido*, devo pois dizer ao digno conferente:

— Não é só na officina; é tambem no lar domestico. O senhor Placido não faz ideia!...

*

Creio que não faz ideia, porque o não supponho, sem provas, um cynico, que em conferencia publica contra os patrões — que são realmente crôstas de peccado — diga o que em sua

casa não pratica: — que é preciso proteger a Mulher e que é preciso proteger a Creança. Não faz, portanto, uma ideia, o sr. Placido, das patifarias que as mulheres e as creanças do quarto estado soffrem por este mundo, em coices dos chefes de familia. Com o devido respeito pelas excepções!

Olhe o sr. Placido que eu sou talvez o unico jornalista que conhece bem de perto os Trabalhadores. Sou filho d'um, que não teve rival — em probidade, em energia, em intelligencia pratica e em protecção aos seus camaradas, convertidos em seus assalariados. Elle só foi *aspero* para o senhor seu filho...

Filho do *patrão*, convivi com os Trabalhadores, desde a remota infancia até ao gozo ineffavel do meu buço. Olhe o sr. Placido: vi na classe embryões de tyrannos que deixavam a perder de vista a exploração e a tyrannia do *burguez*. Conheci-os que, aturando durante o dia de doze horas as violencias dos chefes d'officina, desaggravavam-se á noite, espancando a mulher e os filhos — a Mulher e as Creanças da conferencia. E conheci um que, petiscando e embebedando-

se todas as noites na tasca, ia, ao recolher-se a casa, dizer aos filhos esfaimados a lista dos seus comes e bebes; e, quando as creanças excitadas choravam de fóme e de *excitação*, chegava-lhes «um calor» — que vinha a ser o seu café e cognac — como se fosse um burguez.

Ai! sr. Placido! Vae muita malandrice por este mundo, e não ha classes que não compartilhem dos maus instinctos! Não me diga que só o burguez é maroto: o Trabalhador *também* o é. O seculo XIX estende-se no tremedal, mas eu não vejo *virtuosos* que empunhem as rédeas e o chicote da civilisação nova, — em direitos novos. Perdeu se em coração quanto se ganhou em cabeça, e eu estou por aquillo do medico inglez: — «Dentro em cem annos, o homem será todo cabeça.» Coração — *nicles*, e fressura — temos conversado!

E' o que lhe digo, sr. Placido!

PELA BELLA POLITICA

Disse, pouco mais ou menos, o litterato Zola que os politicos são na ordem dos talentos — uma raça inferior. Concluiu pois que os litteratos superiores mettidos na Politica são politicos subalternos. E' tambem a opinião do Gaudencio, litterato de frizas e politico das varandas — como é sabido.

Tambem se conclue — que o politico de alto bordo não dá litteratura acima do discurso da corôa: de se lhe tirar o chapeu!

Vou me chegando ao ponto em que a situação politica do nosso paiz se consubstancia na triste quéda do *Zé dos carapaus* e na *risonha* ascensão do Fuschini que vós vedes e que de ha muito sen-

tis. Guardem-me as fadas de eu suppor, menos ainda affirmar que esse morto venha a ser pelo vivo substituido com vantagem de bom-senso e de boa consciencia; mas não me abstenho da obra misericordiosa de espargir sobre aquella sepultura as perolas d'orvalho da minha meditação.

Chamo as orelhas do meu collega contribuinte para este cumulo de pittoresco:

Sabido é que, durante vinte e dois annos, *Zé dos carapaus*, em especialissima attitude de «feliz independente», e *olhando a um tempo para os dois partidos*—graças a especiaes mimos da Providencia,— distribuira por esses agrupamentos piadas de porcariço, rhetorica de fiel de feitos e satyras mordentes de batoteiro depennado.

Não esqueceu ainda a sessão memoravel em que o homemsinho respondeu aos applausos dos regeneradores — quando elle se escagarrinhava contra os progressistas:

— «Não applaudam, que eu já lá vou!»

E todos riram. Era assim uma especie de Juvenal maluco!...

Declaram-se impotentes, os dois partidos, para

salvar o paiz; porque, emfim, escangalhar um relogio não é razão para que o concerte quem o escangalhou. Desatou alli o rei a procurar um salvador; e depois de provados, espremidos e furados todos os talentos de chupeta, e de amarrados ao carro de salvação,—o cão com o gato e o sapo com a dóninha,—appellou-se em ultima instancia para o tal que durante vinte e dois annos, graças a especial mimo da Providencia, *olhara ao mesmo tempo para os dois partidos oppostos e* por elles distribuira o que vós sabeis.

*

Symptoma em extremo importante, em que talvez ainda não reparasseis, e não me consta que as gazetas por elle déssem:—Apenas *Zé dos carapaus* empolgou a poder, sentiu se narcotisado o paiz! E' como lhes digo. Estavamos a pão e laranja, quando cairam os antecessores do sujeito: descrédito lá fora; dividas a monte; promessa de um terço aos crédores e impossibilidade de arranjar esse terço; fome em caza; os partidos arrumados e a *hydra* a dar ao rabo, como gato

em furias cupidineas; o Inglez a namorar nos as pernas e o Hespanhol os seios, e tudo estonteado, á laia de parvoeirão acossado por crédores ferozes... Subitamente—narcotico! Em vinte e quatro horas — calmaria nos espiritos!

E' a serio que lhes estou falando. Tinha *esquecido tudo*, quando o diabo do parlamento se abriu e o Chancelleiros e os outros principiaram de jogar a catapulta ao amigo dos mangericões. Tenho ideia de, em horas de ocio, me haver dado a perguntar a mim mesmo: — «Seria tudo um mau sonho?» E provava-me que não fôra um sonho—a circumstancia de eu continuar a dispender na alimentação, na minha e na da familia, mais 40 % sobre a despeza de ha dois annos e de trabalhar noite e dia — para não me tornar insolvente. Era certo: tinha havido tempestade. Mas, que diabo queria dizer o silencio dos de caza e o silencio dos de fóra? Que especie de accordo existiria entre as aranhas e as moscas?...

Abriu-se o parlamento — e tudo se destapou! *Destapou-se:* é o termo. Destapou-se o bacio das insignificancias, dos expedientes bôrras, sem audacia e apenas de *ganhar tempo!* E viu-se, pela

primeira vez, desde que o mundo é mundo, esta coisa unica:

O homem que durante vinte e dois annos, por dom especial da Providencia, *olhara a um tempo para os dois partidos oppostos* e lhes dissera coisas de entupir, posto á ultima hora em frente d'elles — que o interpellavam, que lhe davam cacholêtas, que lhe davam piparotes no nariz e que o intimavam a despejar o nicho, — e elle gaguejando: — «E' verdade, não serve o imposto de consumo; mas arranja se outra coisa!»

— E que tem você, em logar d'elle?

— Eu *por ora* não tenho nada! Mas talvez os senhores possam indicar-me...

— Mas você veio ao poder, justamente porque os partidos nada tinham!

— Lá isso é verdade!

— Então, rua!

— Isso vae elle!...

— Você não tem vergonha!

— Isso é verdade!

— Rua! Rua!

— Pois não foste! ..

E não ia, se não se dá o caso de o Diabo e o

Destino concordarem á ultima hora n'esta coisa ultra-pittoresca : — *Que seria muito peior do que o Zé dos Carapaus o Fuschini, que ahi fica em logar d'elle.*

Vamos vêl o e sentil-o !

TRAPALHADAS!

Um facto curioso, que desnorteia o commendador Francisco, é a especie de cynismo amavel que caracterisa o homem publico, depois de alguns mezes de *pratica*. E' natural — não o espanto de Francisco, mas o cynismo dos outros. Não ha sujeito limpo que se gabe de haver atravessado a Politica, sem haver recebido na fateota alguns punhados de lama, atirados pelos *outros*. E d'ahi succede que os *outros*, ao verem-se malsinados pela Opinião, desatam a berrar, com o fogo das consciencias puras: — «E' o que acontece a todos os homens de bem! Olhem para o *Procopio* e para o *Albino!*»

Os quaes, *Albino*, e *Procopio*, foram enxovalhados por *elles*...

Vamos lá com Deus: que a rica Opinião e alguns dos seus orgãos collaboram activamente na trapalhada!

Ha cidadão lisboeta para quem *ministro* é synonymo de *bandido*, — e eu, porque protesto, não me livro da accusação de *pulha*. E' isto que justifica uma do Carlos Bento, — um estadista com cara de velha, que tinha muito espirito e que ha mezes se foi para o outro mundo, desconsolado d'esta choldra da vida. Refiro me a um caso no parlamento.

Era ministro o Carlos Bento e saltara-lhe á perna um galfarro da opposição. Disse-lhe as ultimas o pae da patria, e, por fim, tirando do bolso uma gazeta, bradou:—«E' extraordinario que o sr. ministro não responda a accusações tão formaes e tão graves como as que lhe dirige este jornal!»

E o Carlos Bento, assestando a luneta:

— Que jornal é?

— E' o *Clamor Universal!*

— E' d'hoje?

— E' sim, senhor! E' o de hoje!

— Ainda não li o de hoje, mas custa-me a crêr que elle traga novidade...

...Todos os dias me chama coisas, ora *ladrão*, ora *besta*, e eu nunca almoço sem haver lido o que de mim diz esse conspicuo luzitano. Escapou-me, esta manhã, e o almoço resentiu-se. Comi mal. Acho, todavia, que o amavel escriba principia a reproduzir-se. E' monótono!...

Toda a gente se riu, e o caso é triste — não pelo *supposto* cynismo do estadista, que era um homem honrado, mas porque a inconsciencia dos ataques collocava esse homem honesto no plano onde se rebólam os indignos sem vislumbre de vergonha. Ainda ha pouco tempo, haverá dois annos, vi entrar para o poder uns homens de quem um politico matreiro dizia, n'essa occasião, saracoteando-se:

— «Aquelles estão promptos. Basta chamar-lhes *ladrões*. Teem muito pêllo!...»

Symptomatico; pois não é? Não me dou a defezas pessoaes, nem os politicos honrados precisam d'ellas. Livres da hora cruel em que o *pêllo* se manifesta, devem sentir-se bem com a singela consciencia do seu dever cumprido e com

a certeza de que *no fundo* da opinião publica ha, para elles, um sentimento de respeitosa justiça. Mas, não seria mau que essa justiça viesse do fundo á superficie: ha homens honrados com poucas disposições para a resignação corajosa que espera a pé firme os embates da calumnia e que não confiam n'um futuro proximo ou remoto — que separe o trigo do joio, que liquide responsabilidades e que distinga, entre os accusados, os honestos e os indignos.

Esses, os que teem *pêllo*, synonymo de brios delicados, afastam-se, depois de irritados, e deixam o campo livre ás manobras dos cynicos e dos luctadores mais energicos, que á superficie se confundem com aquelles.

*

Venho eu a dizer na minha — que é mau caminho o da Politica, n'esta terra, onde todos collaboram n'ella, com as suas ideias — algumas em extremo macacas — e com as suas imprecações, algumas um tanto maloias. E mais digo que bom

seria não fazer martyres, deixando apenas como sahidas aos martyrisados — converterem-se aos principios da maroteira, ou inventarem um Valle de Lobos, onde tratem dos *seus azeites!*

ENTENDÂMO-NOS!

E' raro o dia em que não nos deslumbra um novo meteóro — dos que vem *preencher mais uma lacuna*. E hão de ter visto que, n'estes tempos de iniquidade, não ha recem-chegado que não venha verberar e causticar a podridão que ahi lavra nos costumes e corróe, qual cancro obnoxio, a sociedade portugueza — *tão digna de melhor sorte*. Applaudo como amante da minha patria (amante platonico, bem entendido!) quando venha a redundar em melhoria de rancho, — isto é, de moralidade e de hygiene; mas ha uma coisa que me dá cuidado...

E' que nós vamos enfermando de um terrivel abuso de critica, e d'aqui a pouco teremos aca-

bado com os réus -- porque estará tudo arvorado em juiz, em accusador e em advogado de defeza. Sob o ponto de vista culinario, lembra um bife sem carne, uma açorda sem pão, uma caldeirada de peixe... sem peixe. Tudo temperos! Muitos tomates, carradas de cebolas, canastradas d'alhos, ondas de azeite e vinagre, manteiga a rodo; mas a respeito de carne, de pão e de peixe — temos conversado!

Sob o ponto de vista de organisação militar, dá idéa de um regimento sem soldados. Tudo estado maior — e musica! Os officiaes commandam a manobra; a musica toca a marcha bellica, mas os soldados não se mexem — porque estão na massa dos impossiveis. E de tudo isto concluo que a Providencia está-nos castigando as *faltas* de moral, com os *excessos* de moralistas.

*

Não me quer parecer que um intuito de especulação arme a legião dos Juvenaes contra as mazellas contemporaneas. Ha por alli boa-fé, decididamente. Não são postiças similhantes indi-

gnações. Antes se me quer afigurar, mais scientificamente, que está prestes a realizar-se aquella previsão de a raça humana vir a ser uma tropa fandanga de homunculos com pernas de aranhiço e de grande cabeçôrra cheia de bossas criticas e outras — mas principalmente criticas. A minha creada Maria Candida tem um sobrinho, de seus quatro annos, que é o espanto de todo o bispado de Leiria — diz ella. O corpinho e as pernas são mesmo do *feitio de uma aranha* e a cabeça é muito grande, cheia de coisas que parecem nozes — conclue vegetalmente a Maria Candida. Deve ser um exemplar acabado, que vem na vanguarda dos Taines enxertados em Tacitos. Perguntei á rapariga — se o monstrosinho faz critica, e ella respondeu-me — que sim : que faz, ás vezes, na cama, e que a mãe o castiga com açoites. Uma confusão !

Não pode, como quer que seja, continuar assim. Não indago dos costumes, bons ou maus, dos flagelladores. Todos nós, filhos de Deus, temos costumes bons e maus e pessimos. Tampouco me dou a preoccupações sobre os meritos de prosador, que auctorizam ou desauctorizam os cen-

sores que verberam, seringam e causticam. Cada um é como Deus o fez e se *aperfeiçoou.* O que importa é, talvez, escrever menos, não porque eu tema a concorrencia, — já tenho a minha freguezia, — mas porque as *artes* estão periclitantes. Não tenho sapatos, senão com tres semanas de demora — porque o *official* está a contas com o ministerio; e, no *café Martinho*, o Valentim, deixa de me servir, perdido em lucubrações sobre os casos do Hersent e de Panamá... Não desgósto do cheiro da caldeirada, — do refogado, — mas onde diacho se metteu o peixe, filhos de Deus!? .·

AS MIXORDIAS

Queixava-se o Affonso Karr de lhe acharem graça e de o julgarem no fabrico de paradoxos, quando elle dizia — que tão ladrão era o padeiro que falsificava o pão como o sujeito que furtava um pão ao tal padeiro. Peço que me não considerem na maré da pura chalaça, quando eu venho bordar considerações sobre mixordias da nossa alimentação.

Não me lembra se já um dia lhes contei aquella historia do engenheiro meu amigo e do vinho que eu lhe recommendei... Creio que não; e, n'esta hypothese, deixem-me contar-lhes a historia...

Foi ha mezes. Veiu do Porto, estabeleçer re-

sidencia de familia, um engenheiro meu amigo. Encontrei-o no dia da sua chegada, e o rapaz, appellando para os meus conhecimentos praticos da *capital*, perguntou-me onde poderia vir a fornecer-se de vinho «que se bebesse.»

Para logo lhe indiquei uma casa, que não cito —para não ajudar os concorrentes, com o final da historia. Casa de vendas *sérias* — barril posto em casa do freguez, lacre e carimbo na rolha, como nos officios de uma direcção geral.

(A casa era alli pelos *Paulistas*...)

Agradece-me o *tripeiro*. Dias depois encontramo-nos de novo. Pergunto-lhe — que tal é a pinga. Elle, com um olhar profundo, diz-me:

— A tua pinga é extraordinaria!

— Eu não dizia!?...

— Não. Tu não dizias, nem podias suspeitar. A tua pinga não é uma pinga *natural:* é uma concepção artistica!

— Tu assustas me! Concepção artistica «em casa do consumidor, — um tostão o litro!» O' menino! Desembucha nos seios da amisade! Conta-me esse pagode!

— Eu te conto o pagode. Comprei o vinho —

um barril d'almude. Ao jantar, fui-me a elle, com certa desconfiança, *porque vocês os de Lisboa teem má fama, a respeito de alimentação.* Bebi. Côr de vinho, sabor de vinho, força alcoolica... Augmentou a minha desconfiança... N'uma palavra: *analysei-o.*

— ?!

— Em tres palavras: — *não tinha uva!*

— ?!

— E' o que eu te digo, com muita admiração pelo engenho dos nossos compatriotas. N'um paiz vinhateiro, n'uma região vinicola, fabricar *vinho independente da uva,* vender esse vinho a uma população «que lhe carrega», —nas barbas d'uma fiscalisação... de capital: é de se lhe tirar o chapeu!

— O' filho! isso é mania tripeira: dizer mal das nossas coisas — de Lisboa! Pois nem um cachosinho no barril d'almude?!

—Por alma de meu avô! *Nem um bago!...*

*

Foi ha oito dias que a minha creada me disse:

— Sabe o senhor uma coisa ?

— Talvez ignore. Dize lá !

— Não beba mais leite !

— Conta-me cá isso !

— E' que não é leite, não é nada. Quero dizer... eu fervo o leite ; vae-se a vêr : apparece-me agua quente, com farinha, no fundo da cafeteira !

(Pausa. Vagamente, lembrei-me da tal pinga.)

— Agua e farinha ? E' da vaccaria o leite ?

— Pois já se deixa vêr. E tenho ido a umas poucas ! Nunca é hora de *mugir* as vaccas. A pouca vergonha já está dentro das bilhas !

— Vae lá buscar o *leite !...*

Veio o liquido ; engarrafei-o, lacrei o frasco, carimbei-o — como um officio, — e remetti o, com um bilhete meu, ao tal amigo da pinga. No bilhete havia apenas um ponto de interrogação — e a minha assignatura.

No dia immediato — bilhetinho do *analysta:*

«Nova concepção artistica ! Leite á altura da Pinga !»

*

Não lhes falo do *azeite* sem azeitonas, — dos phosphoros sem *phosphoro*, ou sem cabeça, — do *cafésinho* de favas torradas, — do *chá* de malvas — dos cigarros de *pontascas*, — dos charutos com talos de hortaliça (já n'um d'elles encontrei um pequenino côrno); não lhes falo do pão com gêsso, nem da *banha de cheiro* substituida por aquell'outra coisa. Falo-lhes das «duas gallinhas gordas» da tia Felizarda, minha visinha taberneira...

Dizia-lhe eu ha dias:

— Que formidaveis gallinhas, ó sr.ª Felizarda! Que belleza!

E ella:

— «*São para os policias...*»

— Para os policias?!

— «Sim senhor: são dois policias que eu *lá* tenho, para me avizarem de quando ha *novidade:* vizita de saude, ou quando vêm metter o nariz nas coisas que uma pessoa vende...»

E vem d'alli o pequenito pedir-me que lhe conte *historias de ladrões!*

OS DE TORNA-VIAGEM

Agora, que tanto se fala e se chóra a proposito *d'aquellas coisas do Brazil*, não será demais quanto se produza em apontamentos sobre aquelle alfôbre de patacaria. Devo insistir n'este ponto, antes de tudo mais : eu fui lá, demorei-me e regressei, mas nas seguintes condições : — arrependido de sahir de Portugal, logo ao sahir a barra de Lisboa ; tomando a respiração logo ao sahir de *lá*, e arrependendo-me de ter vindo—logo que de *lá* sahi. Não deixei no Brazil rancores, nem dividas, nem assumpto para dizerem mal de mim. Deixei inalteradas as affeições que já lá tinha. Se quizerem testemunhas, é pedir por bocca!

N'estas condições, sinto-me desembaraçado para dizer o bom e o bonito, a respeito de certos usos e abusos de ingratidão com laivos de ridiculo indecente. Vamos ao caso!

*

Não me esquecerá tão cedo que, ao *rebentar* eu em terras brazileiras — como se diz no alto Minho, — um pratico das terras supra me ouviu de confissão sobre os meus projectos: — fazer vida pelas Letras. Que eu tinha a vencer as minhas pessimas disposições para o officio — considerou o pratico; e ao sobresalto da minha vaidade offendida atalhou, explicando:

— Você lembra-se do Bezerra?

— Qual Bezerra? O do café da Mouraria? O da viola?

— Justo. O Bezerra que tocava viola nos cafés da Mouraria. Você sabe o que é o Bezerra, cá no Rio?

— Eu sei!... Emprezario theatral, hein?

— E' engenheiro constructor de caminhos de ferro! Não esteja você a abrir a bocca! O Be-

zerra chegou aqui, e trazia uma carta de recommendação para um deputado.—Diga o que sabe fazer!—Tudo!—Seria você capaz, hein? de fazer a linha de Carapatujá?—Faz-se a linha de Carapatujá; pois porque não se hade fazer? E fez a linha. Que diz a esta?

—A' linha, ou á historia?

—A linha está optima. Que lhe parece a historia?

—E' um encanto, meu rico amigo! E o Bezerra: que mais fez depois d'isso?

—Achou-se com duzentos contos fracos. Pôz um estabelecimento de conserva de minhocas; prosperou; tem hoje os seus mil contos fortes, e vae partir para a Europa. Vae gozar *e dizer mal de nós.*

(Pausa).

—Você lembra-se do Osorio caréca, o dos sonetilhos?

—Lembro. Que faz esse diacho? Era um poeta ás direitas, genero Tolentino.

—Pois era. Hoje negoceia em carne secca e em coiros de Minas. Cazou com uma filha de um senador (tempos do imperio) e fornece de coi-

ros e de carnes a guarnição do Rio. Tem seus quinhentos contos.

— Fracos?

— Fortes e têzos! Você o que quer fazer?

— Queria entrar para um jornal.

— Não lhe digo que não. Entre para distribuidor da folha. E' por onde começam os grandes proprietarios.

E citou-me a primeira folha do Brazil.

Eu estava pasmado; mas os *factos* caiam em terreno ingrato: no coração de um romantico incorrigivel! Pude verificar as allegações do pratico. Foi quando vi uma especie de *gallego* francez — chamavam-lhe *Monsieur Picot* — a emendar artigos de quatro «jornalistas» abancados n'uma grande redacção do Ouvidor. Falei-lhes ainda agora do meu arrependimento, por lá não ter ficado. Insisto: eu bem poderia a esta hora *cultivar* os coiros de Minas, em vez de... Viola no sacco — e adiante!

*

Cá estou no mundo velho, e um dos meus de-

leites é a má lingua do Bezerra, mais a do Onofre, mais a dos outros, que dos coiros de Minas e das minhocas do Rio (em conserva) extrahiram consideração, titulos, commendas, tudo que vem no coice da patacaria! Má lingua desdenhosa, insultante, trocista: má lingua *critica!* De quando em quando, nos jornaes do outro mundo, escorrem prosas vingadoras, a assoalhar maroscas, calotes, intrujices, industrias dos maldizentes.—«Pois sim, *macacos!*»—mastiga alli o *Zé da Horta*, que lá foi, do *Refilão*, fazer-se banqueiro e titular, e que para cá voltou — sempre burro!

Bem feito! Veja o Brazil de ámanhã a que casta de bichos entrega os coiros e as minhocas —· e ponha no seguro as Letras!

CÁ POR CAZA

Não me lembra a quem se referia o homem que explicou o fato preto de certa classe —pelo *luto das illusões* Creio que seria á classe ecclesiastica; mas poderia ser á dos advogados, ou á dos tabelliães,—ou á dos jornalistas.

Illusões mortas! Véda-me o segredo profissional o esclarecimento de mysterios; mas não me abstenho de levantar, em desforço proprio e da classe, uma pontinha do véu—como sóe dizer-se da coberta de retalhos do poial do pote, mais da dos baixos da chaminé vizinha.

Foi hontem, pelas dez da noite, na cervejaria da Trindade, que eu, peccador, folheando distra-

hido a *Illustração* hespanhola e olhando, tambem distrahido, para uma hespanhola sem illustração, senti penetrar-me nos ouvldos e na limitada attenção disponivel as seguintes arestas d'uma cavaqueira luzitana:

— «Como diabo soube você que era verdade?

— «Pelos jornaes.

— «Pelos jornaes?! Pois você dá credito a jornaes?!»

Não escutei o resto. Mergulhei no abysmo das considerações, e esbocei o artigo de desaffronta: quatro palavras dôces...

*

Como quer que eu estranhasse, um dia, a um dos mais finos empreiteiros do jornalismo portuguez as prosperidades do seu estabelecimento, felicitando-o pelos carinhos da Fortuna, o meu homem pôz em mim olhos ironicos, e:

— Você não aguentava uma empreza assim?

— Quer dizer na sua: não realisava similhante coisa?

— Isso.

— Creio que não. Tenho pessimos costumes.

— A quem você o diz! Conheço-o como aos meus dedos. Você não é homem de calculo!

— Isso! Isso!

— Pois ahi está. Ora oiça o que me aconteceu ha dias:

«Houve ahi uma *soirée*, concorrida por toda a gente do costume. Foi lá um dos meus *redactores*, — para tomar apontamentos. O *rapaz* viu quem estava e quem não estava. Fez a noticia; compôz-se a coisa, ás duas da noite; ás tres, o jornal entrou na machina e eu metti-me na cama.

(Pausa.)

«Estava eu no primeiro somno, quatro para as cinco. Batem-me á porta. Accórdo em sobresalto; pergunto que patifaria é aquella e dizem-me que é *coisa do jornal*. Levanto-me, e vejo á porta o Labruja; — você conhece o Labruja?

— O conselheiro?

— Justo! O conselheiro Labruja, que me mette á cara um numero do meu jornal, ainda fresco, e que me berra, fulo: — «Isto é uma desconsideção, e hade-lhe sair cara!»

«Espavorido, ólho para a gazeta; o dedo do

Labruja pousava convulsivo na noticia da *soirée*. O'lho para o homem do dedo, interrogando; e elle: — «O senhor sabe quem eu sou? — E' o sr. conselheiro Labruja. — E mais nada? -- Que me conste... — O senhor não sabe que sou commendador ?!

«Para atalhar razões. O diabo do *rapaz* esquecera-se de citar entre os convidados *o ex.mo conselheiro e commendador Labruja:* a noticia dizia apenas o *ex.mo conselheiro.*

«O que é que você fazia?

— Eu?...

— Batia no Labruja?

— Pois, decerto!

— Ahi está porque você não aguentaria a empreza! Eu dei todas as satisfações, e prometti uma noticia na primeira pagina, noticia que lá saiu. O Labruja representa dez assignantes e tem relações, influencias, o grande diabo!...

*

Este caso do Labruja, ó homem da cervejaria! é o de mil e um patetas que a toda a hora caus-

ticam as gazetas, a solicitarem a noticia do parto da esposa, do exame do filho, da ida do pateta á Outra Banda. Tudo isto fórma a legião grotesca da Vaidade, da Toleima, — quando não entra em scena o contingente da Intrujice; e justamente mais berram contra os jornaes e a inconsciencia d'elles os que mais imploram a sua condescendencia em favor das expansões do Ridiculo!

E foi o tirocinio n'essas miserias o que nos matou as illusões — a todos nós!

VIVE LA POLOGNE!

Não sei por onde diabo se sumiu aquelle Floquet, amigo dos mangericões, que ás bochechas do Alexandre II, vizita de Napoleão III e da nação franceza, atirou gentilmente o *Vive la Pologne, Monsieur!* Teve pejo, é o que foi, o bom Floquet, ao vêr os algozes da sua *Pologne*, os sicarios do «Urso do Norte» nas palminhas da França republicana. Outro que teve pejo: o Mac-Mahon, que ha quarenta annos na Criméa devorou moscovitas, como um simia-troglodytes a devorar bananas. E esconderam-se ambos: o Floquet na escuridão da sua alcova, o Mac-Mahon na liberdade do tumulo.

Ai! Dá-me pena para chóros, a minha inepcia como caricaturista! Que bella papa muito fina aquella mascarada em que a Russia colloca os seus emprestimos e os populares de Paris cantam:

C'est l'Alsace qu'il nous faut! para garantir a paz do mundo!

Se eu amo a Republica? E' coisa que se me pergunte, lindezas?! Claro que amo a Republica e clarissimo que amo a França; mas não é assim—com o meu ideal arrastado a enthusiasmos de folha de Flandres! Os senhores estão vendo a Convenção Franceza a emprestar dinheiro e a pôr a meza dos banquetes em homenagem a um estado que lhe accuda contra os exercitos colligados? Phantasiam essa ignominia? Concebem as almas generosas da Gironda — o Vergniaud, o Guadet, o Gensonné, o Louvet, o Péthion e os outros — e as almas severas da Montanha—Dantonistas e Robespierristas — a erguerem mãos supplicantes á Catharina II, contra o bretão Jorge III! Pae dos poderosos ceus! Não lhes parece vêr a torre Eiffel á beira de um abysmo «sem fundo». Lá no alto canta-se a *Marselheza* contra

os tyrannos; lá em baixo tambem a cantam — para lhes deleitar os timpanos!

*

Foi espancado, durante as festas, por diversos franco-russos bebados, um emigrado portuguez que se afigurou italiano aos cavalheiros: conta-o alli o *Seculo*. Não influe o facto no meu modo de pensar, nem no meu modo de discutir. Vejo nos inclitos patriotas, que «querem para alli a Alsacia» os mesmos que em 1870 berravam: *A Berlim!* Pois não foram a Berlim; e suspeito que só irão á Alsacia... quando a Russia pagar os emprestimos...

E depois que desorientação concomitante! Muitos respeitos e amores populares pelo marechal Canrobert, que sahiu da tóca. Sim? Não vos lembraes do Canrobert, que foi um dos agentes de Luiz Bonaparte, no golpe de estado de 2 de dezembro? Ou a immortal infamia do *Principe Prezidente* tambem á ultima hora merece acclamações do povo?

Se é como gloria militar da França, que sau-

dam o Canrobert, não esqueçam que elle na França só teve uma virtude : a modestia da sua inepcia. Se alguem lhe deveu favores foram os Russos. E' bom homem o predecessor do Pélissier!

*

Não é *politico* isto que lhes estou dizendo? Já cá o suspeitava, no inicio d'estas divagações. Diz-me alli um jornal republicano — «que os gritos de *viva a Russia* significam *Viva a Democracia*, e que tambem nós podemos gritar *Viva a Russia*, pois que se trata do direito á vida.

Ora, se *a Politica é o direito á vida*, eu não posso admirar-me de que á luz de similhante critica as meninas parisienses retribuam, galhardas e frescas, as beijócas que lhes atiram os moscovitas, nem que o neto do *grande Carnot* todo se escagarrinhe em lérias de cunêna ao Urso branco, que lambe as patas entre Paris e a Siberia. E' tudo questão de *arranjar a vida*. Rica vidinha sem sal! Ah! deve ser brincadeira do

collega republicano, pois que elle bem sabe praticamente que não se arranja a vida a farpear gatunos, mas a commungar com elles !...

*

Et... les Français
Sont toujours gais !

A TALUDA!

Diz o grande João de Deus: — «A sorte grande é uma coisa que sae aos outros.» Não é d'esta crença dolorosa o Ramos da papelaria, ha vinte annos menos pico. *Brancos* noventa e nove por cento. O centessimo, que não sae branco, sae *do mesmo*. E quando ao Ramos se objecta amigavelmente—que, para lição de bom juizo, devem bastar os vinte annos, elle, de pés á parede: — «Pois é por isso que deve sair agora!»

Ha aqui muito da santa estupidez dos fanaticos—os de religiões novas, ou de croias de meia edade. Deixem correr!...

*

O que ha de encantador, entre jovial e melancolico, na pertinacia do fanatico da *taluda* é o que elle goza entre o momento da habilitação e o quarto d'hora da chumbada! Sobre «o que lhe cabe em premio» formúla um rol de despezas — que dá gosto vêl-o. Em cada loteria ha um rol diverso, mas em todos elles está o bom caracter do homem — com as suas doçuras, mais com as suas fraquezas. Vejam isto:

— «Loteria numero 27. Bilhete 3.754; um decimo; premio 900$000 réis.

«Despezas:

«— Dividas a pagar.....	420$000
— Fundo de reserva.....	300$000
— 8 dias *alegres*..	80$000
— Esmolas.....	50$000
— Livros.....	40$000
— Sapatos (4 pares).....	10$000
	900$000

O que ella gosa durante os oito dias, ou quan-

tos são! Livre dos crédores que o não seringam, — mas seringa-o a a consciencia! No fundo da caixa um deposito, em libras, para um dia de apuros tragicos, como seja o dia da revolução social! Oito dias de regabofe, com uma menina decente e o almocinho a engachar-se com a ceia, tudo comidas finas — e a menina papa muito fina, — pobre Ramos, sem estomago, sem coisissima nenhuma!...

... E esmolas ás avósinhas trémulas e aos nétinhos loiros! Petizada, que se enlambuza com pasteis de nata! Vélhada, a enlabuzar-se com a alegria dos pequenos! Bravo Ramos!

... Livros: romances de capa e espada; mosqueteiros: uma boa edição illustrada dos *Trez Mosqueteiros* e a seguir, com o d'Artagnan solerte e brigão, o Athos altivo e nobre, o Porthos bondoso e athletico — ás ordens, — e o Aramis, profundo velhaco! E espadeirada e pontapés em sarilhos! Ah! que as gerações d'hoje não dão pontapés que se veja: apenas os levam, sem se saber quem os dá!

... Quatro pares de sapatos. Nota prudente! Muito se gasta em coiros! A's duas por trez,

está um homem com tudo de fóra—meias e dedos *intra!* Quatro pares: já uma pessoa se mexe, sem andar sempre a olhar para o cabedal! Ramos cauto e sabido!

Dia da roda. Vamos lá a vêr o 3.754!... O 3.752 tem cem mil réis e d'ahi salta ao 3 761.—«Bem! E' por isso mesmo que deve sair agora!»

*

Convém notar que o Ramos da papelaria é o que ha de mais puro—em bom pae de familia. Faz como o Henrique IV, que andava de gatas, com o futuro Luiz XIII, mais com o Gastão d'Orleans escarranchados no lombo: é aquella coisa erudita—um embaixador a surprehendel-o n'aquelle preparo, e o bom rei a dizer-lhe: —«Se você tem filhos, não lhe digo nada!»

Tambem o Ramos anda com as mãos pelo chão e com dois Ramitos a sovarem os paternos lombos, debaixo d'uns fundilhos que não contrariam com seus remendos as Escripturas: a mulher do Ramos põe sempre panno velhissimo em panno velho...

Bom pae de familia e correcto inquilino — a pensar na renda, desde o dia 18, contribuinte só relaxado por força das circumstancias, o bravo Ramos, com suas phantasias, é um dos meus encantos n'este planeta pifio, pulha, pestifero e mais coisas que eu não direi. Ha vinte annos, menos pico, que o bom Ramos sacrifica o seu descanço, e por vezes a comezaina da familia, ao 3.754, mas é tudo para bem d'elles: que por isso mesmo, porque sae branco, é que a taluda alli vem, a caminho...

*

Não é esta sorte a do *inventor* genial que arruina a familia — porque deseja dar-lhe venturas? Não ha coisa que me faça rir como um artista de Letras, a quem falta assumpto. Falta verdura n'esta floresta da vida?! Com effeito, muito me contaes, lindezas! Suspeito que o que vos falta é — miolos! Eu acho que não ha meio de tomar um copo de rhum no *Tavares*, ou uma caneca de verdasco no *carpinteiro* da travessa do Forno, sem que o «tragico» ou o

«burlesco» nos morda o nariz ou o cotovello. A questão é ter cotovello e ter nariz, com a respectiva sensibilidade. Agora me diz um amigo velho, que tinha vinte annos quando eu tinha vinte e que tem hoje quarenta — quando eu tenho cem : — «Lembras-te de um que tu vestiste rôto e engordaste faminto ? Chama-te infame e adduz historias por toda a parte do mundo. Tu que dizes ?» E eu :—«Digo-te que eu já o sabia: esse repenicado ladrão serve-me para a *omelette* que eu estou cosinhando. Entra o toucinho da Bondade nescia, a dos que esperam a *sorte grande*, e entram a raspa do côrno e as freçuras de solertes pulhas. A *omelette* chamar-se-ha *A Taluda* — saldo por um especialista em torresmos.»

... Como eu vim longe do Ramos !...

A ESCOLA SCEPTICA

Não se evóla o meu espirito atravez da idade moderna, mais da idade média, até ir pousar em scepticismos gregos. Os da escola em actual evidencia são «os da colonia gallaica» — como delicadamente lhes chamam os periodicos, ao passo que chamam «patifes» aos marroquinos. Esta iniquidade, seja dicto de passagem, é de panno para mangas... Mas, vamos alli á nossa gente!

Sceptico — o André Rubio, natural de Vivero provincia de Lugo. Faz a existencia no Chiado, agiotando, alcovitando, etc., por conta da humanidade afflicta. Em seus torcicolos na estrada da existencia, o André tem conquistado materiaes

para um edificio de muita rônha, muita resolução, e muito de boa troça — que tomaram dois humoristas possuil-a. E' um homem, o André, e dos de espirito catita. Mas é o vulgar nos espiritos *gallaicos*. Burros — só os marroquinos!...

*

Ora, succedeu-me um dia, por signal de noite, ser eu incumbido por uma das minhas relações cordeaes, mas respeitosas, de averiguar se uma determinada senhora da sua amizade já teria regressado á sua casa de Lisboa, de uma villegiatura não sei onde. Como quer que eu me sentisse fatigado, destaquei o André Rubio á descoberta. Que visse se havia luz na casa, e que, em ultimo caso de duvidas, interrogasse o dono de um estabelecimento visinho, apresentando-se-lhe como enviado de uma familia séria — para não «comprometter», hein?

Parte o André. Eu installo-me a uma das mezas do *Tavares*. Decorre meia hora. Chega o André, e da porta da rua me faz um signal de intelligencia. Abeiro-me do sujeito, e eis que elle,

piscando-me o olho, entre ladino e severo, assim me diz ao espirito apavorado:

— «Póde ir!»

— Posso ir aonde?!

— «Vá, que ella está á espera!...»

— Ella, quem, bandido?! Que fizeste tu, malfeitor?!

Sereno, assim se expressou:

— «Não me pareceu decente ir lá perguntar ao homem da tenda. Bati á porta. Veiu ella mesmo abrir, — caramba, que é bem guapa! — Eu disse-lhe que ia saber se ella já tinha vindo; perguntou-me da parte de quem eu ia, e eu, para não estar com fingimentos, disse-lhe que da parte do senhor, *e que, se podia lá ir agora...*»

— E ella?! Ella, que disse, malvado?!

— «Pôz-se com historias: que lhe parecia impossivel; que o senhor é um cavalheiro; que havia *mystificacion*... muita léria; *mas eu, que conheço mundo*, disse-lhe que o senhor gostava muito d'ella e que podia fazel-a feliz...»

— E afinal?...

— «Afinal, diz que aquella casa está ás suas ordens.» *E' o costume...*»

Ahi está o leitor a saborear a minha agonia e a vêr como eu descalço esta bota... Pensei, enviei á dama o sórdido gallego, com uma carta de explicações sobre a imbecilidade do miseravel, e pedi-lhe mil perdões, etc. Meia hora depois, o André chegou á minha presença, com uma carta da graciosa senhora: congratulava-se a mimosa pela decifração do enygma, e agradecia-me as explicações.

Mais socegado, expliquei ao André a embrulhada; e elle, sacudindo a cabeça: — «O senhor podia ter aproveitado. *Ella agora é que não ficou contente...*»

*

Outra. D'essa vez não eram castos os meus projectos. Foi quando eu disse ao André Rubio:

— N'aquelle estabelecimento ha um homem e uma mulher. Estão quasi sempre juntos, de modo que eu... não sei se me entendes... Quando vires que não estão juntos, vae a correr, chamar-me!

Duas horas depois, conversava eu alli... se

lhes digo onde era, descubro tudo. Appareceu, correndo, o André, e disse-me :

— Agora!

— Agora, hein?

— Agora, *que está o homem sósinho!...*

Pondo em duvida a sagacidade do André, eis que me enfureço:

— Para que quero eu o homem, grande estupido!?

E elle, accendendo um cigarro :

— Vá pelo homem, que é o melhor caminho... *Olhe que tenho visto muito mundo...*

Completo!

ECONOMIAS

Não ha para estudar o *homem* como estudal-o em *petiz*. Não será esta minha descoberta a gazúa que tem de abrir-me a porta da Academia,—mas o leitor solerte vae medir, a palmo, ou a cordel, o alcance d'aquella verdade de costa arriba.

Ganha o Cosme nos Proprios Nacionaes seus vinte e dois mil e quinhentos, descontados direitos de mercê, caixa de aposentações e mais lérias. Ganha o Cosme na linda batotinha, em saltos á dama e em cêrcos ás de baixo, seus cincoenta mil e pico. Ganha o Cosme em escripturações para conceituados negociantes, que vão

quebrar, a média de quarenta mil réis. Por tudo isto: cêra nos Proprios Nacionaes, pescanços no *Bucha* e maroteiras por partidas dobradas, — dá para cá uns quatro mil réis por cada dia do bom Deus!

Anda o Cosme mal vestido com fateotas morango e leite — quero dizer casaco de homem do Norte e calça de filho de Piauhy. Seus sapatos, côr de burro quando foge, dão assim ares de canôas de estrompado fundo. Barba de gatuno pobre. Maneiras humildes e atarantadas — de pelintrão sem horizontes de bonança. Faz dó o Cosme dos Nacionaes!

*

Perguntei-lhe um d'estes dias—foi á noite nas *iscas* da Atalaya — se uma perversão de gosto, ou falta de cobres, o impellia áquellas humilhações do bife sombrio e da sociedade de litteratos e de varinos. Respondeu-me o Cosme, cuspinhando com caroços de azeitonas novas—para as costas do «creado de meza»:

— E' por espirito de economia. Sabes o que é?

— Economia em espirito? Não sei. Mas conheço a economia obrigatoria. E' d'essa?

— E' e não é. E' a theoria da economia, posta em pratica por força das circumstancias.

— Bom. E' o espirito obrigatorio. Estás sem vintem!

— Pouco mais ou menos, velho Philisteu!

— Mas em que gastas tu cento e vinte mil réis por mez? Tu não tens vicios: não soccorres o similhante afflicto. E's um homem sério; um egoista; creio mesmo, se bem me lembro de ti nos tempos do collegio de Campolide, que deves ser um tanto patife...

— Assim, assim.

— Como diabo não tens tu um fundosinho de reserva, para as afflicções?

— Ahi está. Tu lembras-te dos tempos do collegio?

— Com «gosto acerbo de infelizes!»

— Lembras-te de eu gastar em «amendoas sortidas» o dinheiro que meu pae me mandava uma vez por outra?

— Tenho uma ideia muito vaga d'essas gulodices. Os amargos de bocca teem sido tantos!...

— O que tu conservas é a mania de dize phrases tristes.

— Parece-te ? E' para me rir da sensibilidade. Sirvo-me das lagrimas, para deitar no tinteiro : é assim que eu adelgaço a tinta. Ha um precipitado, e depois sae troça das bôrras.

— Troça negra ?

— Em fundo branco. Em preto, é clara. E' o processo das moscas.

— Comes tu mais duas iscas ?

— Mais quatro iscas ! E fala-me das amendoas sortidas !

*

Fala o Cosme :

— Comprava dois arrateis das sortidas ; espalhava-as em cima da cama e principiava a separal-as em montinhos,—para guardar. A um lado as de chocolate, a outro as de canellão, aqui as lisas, que parecem ovos de pomba, alli as verdes, além as côr de rosa, etc. Separava-as ; depois, fazia cartuchos...

... Primeiro cartucho — as de chocolate. Mas

acudia-me uma reflexão. Por que diacho não havia eu de saborear, *ao menos*, as de chocolate? A' falta de objecções — zás! cartucho ao mar!

—Tenho entendido. De lote em lote, de classe em classe, comias os dois arrateis d'amendoas.

— E's perspicaz. Dá gosto falar ao teu bestunto. Comia-as todas, e depois...

— ?

— Depois, estava um mez, ás vezes mais, á espera de que me viesse mais dinheiro. Nova remessa: nova compra, nova *divisão de classes* — e tóca para o bucho!

— Tem assim ares de parabola. Applica isso á historia d'hoje!

— A historia d'hoje vem a ser que eu realiso, por exemplo, cem mil réis — para coisas de urgencia e de seriedade; — um fato completo, um chapéu, roupa branca, sapatos, guarda-chuva, luvas, concerto de relogio, córte de cabello, uma escova para unhas, um espelhosito pequeno, um frasco de conserva...

— E bananas? E um par de suspensorios? E um *bidet* de loiça? Para quando guardas tu esses *comestiveis?!*

— Deixa-te de chalacear com o meu destino! Tu vês a situação, hein? Tenho alli os cem mil réis e tenho o rol das despezas. Faço montinhos, hein?

— Montinhos *d'amendoas?*

— Justo. Faço montinhos. 1.º—Quinze mil réis, para a fateota; 2.º—Trez mil e quinhentos, para o penante; 3.º—Dez mil réis, para roupas brancas, e assim successivamente...

... Agora vê tu os perniciosos effeitos de uma desorientação irreprimida na infancia! Olho para o *montinho* do «guarda-chuva» — dois mil e quinhentos. Raciocino: «Agora não é tempo de chuva. E quem diabo me manda apanhar chuva?! Metto-me n'uma escada, e, se houver pressa, metto-me n'um trem. Sebo para o guarda-chuva! Com dois mil e quinhentos, cômo eu um jantar d'arromba, no *Internacional*. E estou no meu direito! Era o que faltava: eu a privar-me de alimentação, para dar dinheiro ao homem dos guarda-chuvas!...

... E zás!...»

— Lá se vão as «amendoas de chocolate»!

— Como canta! Temos o segundo cartucho:

tres mil e quinhentos para o chapéu alto. Que tal está o da rabeca ! Trez mil e quinhentos, podendo eu com seis vintens concertar este rico chapéusinho, que fica como um recem-nascido ! Trez mil e quinhentos : duas garrafas de Champagne de inebriar um puro anachoreta ! Historias da vida !...

... E zás !

— Vae-se o cartucho de «canellão !»

— É como dizes. Ao fim da historia, eis-me a esperar nova remessa de fundos e... queres tu mais iscas ?

— Não.

— Quero eu... e has de tu pagal-as, hein ?

— Pago.

Paguei.

OS MATHIAS

O solerte conselheiro Mathias foi, até aos ultimos arrancos do *Zé dos carapaus*, um Progressista de uma canna. A chamada do *D. João de Caneças* á prezidencia *in partibus* do gabinete João Franco (é assim que se define a historia) levou a consternação a dentro dos subterraneos da alma do partidario, e lá fez rebentar o fel das mais hediondas suspeitas. No aguçado criterio do conselheiro, os Progressistas ficaram, desde aquella hora, a c... onspirar n'uma alcofa; e, se o Parreirinha do *Correio da Noite* esguichou «severidades criticas» contra os Donas Marias, foi ao vêr apagar-se-lhe a estrella dos

Navegantes no horisonte do conselho de Estado.

Que elle não o fazia por menos!

*

Conselheiro Mathias, que tem algo de unhas encravadas, não tinha d'olho coisa pessoal: tudo pelas venerandas tradições! Perdoaria ao rei que o sacudisse do fôfo logar de director geral; mas o filho de D. Luiz Primeiro afundou-se-lhe n'um menospreço de mau agouro, quando revelou o proposito de encravar por todo o sempre na montureira do Ostracismo o pau da bandeira dos Passos. Desde essa hora, os olhos piscos, pero ardentes, do conselheiro seringaram a lista geral dos partidos, das seitas, dos embryões e das esperanças, — a vêr onde installaria as suas crenças.

Foi n'uma das expansões com que elle me honra, umas vezes na cervejaria da Trindade, outras vezes no café Marrare — para onde eu fujo ao *convivio litterario*, — foi n'uma d'essas mutuações de critica e de sentimento que o meu no-

bre amigo de Peniche--tenho mil e um d'aquella origem,—me pôz para alli, sobre a mesa do café supra, a quintessencia das suas matutações.

E foi assim que elle falou:

*

—«Lá com a Republica, meu rico amigo,—hade perdoar,—não me entendo, nem desejo entender-me. A fé politica é em mim uma religião—que bebi com o leite de minha santa mãe. Não era progressista a excellente senhora; mas era monarchica das pontinhas e muito capaz de amaldiçoar um filho que desatremasse de tal crença. Você respeita estas coisas, ou ri-se d'ellas?»

—Eu nunca me rio, senão por condescendencia.

—«Bem. Monarchico inflexivel, vejo as coisas mal paradas para a minha doutrina de *partidario*. Republicano não posso sel-o...»

—Por amor de sua santa mãe.

—«Por amor de minha santa mãe: é como

diz. Regenerador — é obra! Eu sou um leão: não me bandearia com os tigres! Mas o partido dos leões — o meu partido — está um tanto... quero eu dizer...»

— Um tanto urso?...

*

Fêz-me a fineza de sorrir-se, e offereceu-me da sua caixa. Servi-me do Mazalipatão, e elle proseguiu, baixando a voz a tom do conspirador que se préza:

— «Pensei em D. Miguel II. Que me diz o meu lucido amigo?»

— A minha lucidez precisa de esclarecer-se, conselheiro! Esse D. Miguel é o representante do Absolutismo, ou um rei constitucional?

— «Constitucionalissimo! Pois que cuida? Então o meu amigo julga que o Mathias, filho de liberaes monarchicos, iria desafiar as maldições de seu honrado pae e de sua santa mãe, renegando as crenças d'esses dois entes queridos?!»

— Dê me outra pitada!... Bem. E explique-me agora o meu honrado amigo como diacho é que se julgaria um renegado, acceitando o D. Miguel como elle veiu ao mundo, e considera o D. Miguel absolvido ao renegar a fé politica de seus paes? Não lhe parece que o pae de D. Miguel II o amaldiçoaria, do tumulo, se o rapaz transigisse com os desejos do conselheiro e d'outros amigos politicos da ultima hora? Se o meu amigo não quer *trair* a Liberdade, como quer que o D. Miguel II *traia o direito divino?*

— «Eu lhe digo: é que a posição especial do principe obriga-o a modificar o sentimento, em harmonia com as imposições progressivas do espirito humano.»

— Quer dizer na sua que o «progresso do espirito humano», que justifica a passagem do principe, do *Direito divino* á *Liberdade,* não justifica a passagem do conselheiro — da Carta Constitucional á Republica? Por outra, nos soldados a *lealdade* é um dogma e no porta-bandeira é uma excrecencia sentimental. Tenho entendido.

*

Concentrado e ruborisado ao de leve, Mathias guardou silencio por dois minutos, ao termo dos quaes, inclinando-se ao meu ouvido balbuciou:

—«E tambem já pensei no Socialismo! ..

PHILOSOPHANDO

CONTAVA-ME um dia d'estes, alli na livraria Bertrand, um dos meus velhos e melhores amigos, que é tambem um dos melhores escriptores da nossa terra, o seguinte caso divertido, que me teria feito rir ha vinte annos. Foi á conta de reflexões nossas sobre a especie de *popularidade* a que se refere n'estes termos o Camillo, no prefacio a um livro meu: — «O auctor não conquistou a *popularité populacière*: para isso falta-lhe escrever mal.»

Faz se o que se póde, vamos lá com Deus!

*

Dizia-me o tal velho amigo :

— «Já lá vão uns vinte annos; nunca me ha de esquecer! Eu tinha escripto no *Illustrado* um artigo que contrariava a opinião publica. Saltaram-me em cima os cortezãos da sujeita, e foi piada e descompostura de meia noite. N'um d'esses dias de expiação, entro eu n'um barbeiro e deparam-se-me uns cinco ou seis freguezes, a saborearem uma descompostura que eu apanhára n'esse mesmo dia. Applaudiam todos, e não os interrompeu a minha presença : eu era, ao tempo, um desconhecido. O leitor frisava, em bérros triumphantes, as melhores passagens da trépa, e de todos os lados ouvia-se um horror de ápartes :—«Bem dada bola !» — «Isso é que é escrever!»—«Chucha, para não seres burro!»—«Abençoada intelligencia!» Era a intelligencia do homem que me descompunha...

«Ora no diabo do artigo havia uma transcripção de palavras minhas no *Illustrado*. O leitor foi lendo as minhas palavras como do articulista que as refutava,—lendo por innocencia, já

se vê. E o auditorio, tão intelligente como o leitor, julgando que as minhas palavras faziam parte do artigo contra mim, desatou a berrar: — «Bem dada bola!» — «Isso é que é escrever!» — «Chucha, para não seres burro!» — «Abençoada intelligencia!»

«Era a minha intelligencia — a abençoada...»

*

— Ha muitos burros, não soffre duvida: commentei melancolicamente. Mas a que diabo queres tu chegar em conclusão?

E elle assanhadiço:

— «Quero saber se não te incommoda a *maioria* dos leitores! Julgas que essa *maioria* te percebe e applaude as «caganifancias» de syntaxe e as metaphoras e as entrelinhas e as phrases de dois gumes e as «esguichadellas» de estylo: as artimanhas da tua construcção?!»

— Julgo que não percebe, nem applaude; mas não é isso que me tira o somno: são as fisgadas do rheumatismo. Eu escrevo o peior que me é possivel — não porque almeje «popularidade»

aquecida á forja dos sandeus, mas porque a minha creada, pobre aldean curiosa, me não afflija, causticando-se, a pedir-me explicações ácerca dos meus artigos, quando eu lhe pergunto pelos carapaus—á ceia. Quando a rapariga percebe a minha prosa, dá-me o gosto de ouvll-a a discutir, com outros pobresitos, varios assumptos da vida social. Venho eu a dizer na minha—que me é indifferente a *comprehensão* dos «parvos» e que me sinto comprehendido pelos «infelizes.» Se tu visses o epistolario de revoltados, que eu possuo entre os meus papeis de algum valor... O soffrimento é meia comprehensão. Tapados em absoluto—só os contentes com a sorte!

....

*

Agora mesmo, dias depois d'essa palestra com o meu velho amigo, se dá o caso de eu receber uma carta—14 paginas muito bem escriptas—de «um constante leitor» que eu busquei inutilmente reconhecer. Diz-me este correspondente — que me lê ha vinte e annos, que não tem

instrucção primaria e que appella para as diversas circumstancias, que elle diz concorrerem no meu trabalho, para me pedir esclarecimentos Deve dizer opiniões.

Espraia-se em considerandos de muita lucidez, sobre factos da vida historica d'este fim de seculo; confronta systemas *politicos*, e desconsola-se, porque não vê attenuado por algum d'elles o que é resultante da molestia *social;* borda commentarios amargos sobre desorientações, abusos, mal estar, perigos, sem notar que em todos os pontos onde fermentam essas miserias, a causa, a origem, é inexoravelmente a mesma: é o *egoismo da Burguezia*, que predomina, que absorve, que corrompe, que excita, que géra as fermentações e os perigos. E as revoluções *politicas*, que curam unhas encravadas, figadeiras, enxaquecas e furunculos, são impotentes para as molestias de cerebro e de coração. Isso é da *social* — que a Burguezia poderia ter chamado ao terreno da consulta e que preferiu desdenhar affrontar, provocar, amalgamando odios, amontoando fel ..

«RESPEITAVEIS» E «OUTROS»

Em modesta mediania vegéta o Ephigenio, procurador de causas perdidas e possuidor de uma consorte e de quatro Ephigeniosinhos assaz rabugentos e enlambuzados. Toda a familia se governa com bacalhau, açorda, carapaus e outras mixordas que o hotel Braganza conhece de reputação duvidosa. A época difficil e dura como chavelho é a da renda da caza: o 20 de maio, mais o 20 de novembro, duas manchas negras no horizonte do Ephigenio!

O meu rico procurador fecha olhos e critica aos pavores, até ao dia 18 de cada um d'esses mezes nefastos. Tem muitos proverbios e phrases philosophicas ao serviço da sua fingida indif-

ferença: — Nem por muito madrugar se amanhece mais cedo,—D'hora a hora Deus melhora,— O que está para vir a Deus pertence, — A vida são tres dias... etc.

Chega o dia 18, e o Ephigenio principia a verse grego. Faz uma lista de conhecidos e entra em campanha, e com tanta felicidade que ainda não lhe succedeu chegar á manhã do dia 20, sem a mordaça para o ferocissimo senhorio. E a proposito me conta elle o seguinte, que eu offereço aos Ephigenios do meu paiz e da minha geração:

*

— «Na lista de bemfeitores que eu arranjo no dia 18, ante-vespera do dia sombrio, tenho o mais ardiloso cuidado em só incluir os nomes de sujeitos de *reputação immoral.* Os homens *respeitaveis* são cuidadosamente excluidos, desde que com provas me demonstraram que esses austeros cidadãos teem pedra no coração, emquanto que os *immoraes* só a teem na bexiga. As ultimas provas foram estas:

«O Miranda Lima é o que ha de mais *respeitavel.* Bom pae, bom esposo, vaccinado, fato limpo, luvas frescas, charuto caro, contas pagas, missa ao domingo e confissão annual. Nem uma pinga a mais, nem uma mulher a mais do que sua esposa!

«Foi no dia 18 de maio ultimo que o *respeitavel* cidadão me disse: — «O suicidio é um peccado e um absurdo. Para os desgostos moraes ha Deus. Para os infortunios moraes ha os nossos irmãos.» E eu disse lhe: — Mas se eu não tiver ámanhã, ou depois, 40 mil réis para uma afflicção? — Venha ter com os seus amigos!...»

«No dia 19 escrevi-lhe, a contar-lhe a minha afflicção. Elle tem os seus 300 contos. Respondeu-me — que a crise chegava a todos; que tivesse paciencia. Eu, por mim, tinha carradas de paciencia. O meu senhorio é que a não tinha.

*

«N'essa tarde, desesperado, com a ideia de simples desabafo, fui-me a visitar um dos nossos estadistas, que todos os homens *respeitaveis* con-

sideram um cumulo de devassidões. A minha ideia, repito, não era pedir soccorro ao homem; todavia, não me pude conter: azedei e chorei. Elle, que estava a contar-me cynicamente uma das suas *immoralidades*, notou a coisa e bradou-me: — Que diabo tem você?!

— «Não é nada...

— «Diga! Hade dizer!

— «Miserias!

— «Conte você isso!

«Contei tudo...

E o *immoral* sujeito, pallido e com os olhos humidos, tirou d'uma gaveta um dinheiro e disse-me: — Estão aqui 10 libras e alguma prata Fico com a prata, para as despezas d'amanhã. Leve você as libras.»

*

«Foi tres dias depois que, n'uma reunião politica, o Miranda Lima, muito grave, disse, entre applausos, ao auditorio attento: — «O nome d'aquelle homem está banido, por *immoralidades* do sujeito.»

«Referia-se ao outro. Eu calei-me. Que me diz você: *Haverá Deus?*

—Creio que sim; mas não se mette em porcarias. Tem visto muito mundo...

CHICANA

É conhecida a phrase resolutiva do nosso estupidissimo policia: — «Embrulho-o em meia folha de papel!» Quer dizer, o villanaz, que em meia folha de patifarias sem grammatica, e sem vergonha, *embrulha* a honra e o decoro de qualquer cidadão, dos que lhe pagam a libré e o sustento. E é muito bem combinado, desde que ha lei que, sem quarentena, recebe os dejectos do estafermo e sobre elles procede solemnemente.

Coisa assim e peior é a meia folha em que a Chicana diz aos tribunaes que a propriedade do Quinhones é do Alcobia — porque o Alcobia offerece a esta sujeita um terço da propriedade

do outro. A's vezes vae mais fundo, onde é mais negro, em maroteira : diz em meia folha que o innocente é criminoso e n'outra que o criminoso é innocente. Ponto está em que a coisa deixe ! Se é um jornalista quem advoga ou ataca, *é um maroto ;* se é um advogado, é um *habil causidico*. Abotoêmo-nos !

*

Vae em quinze annos que um amigo meu, — o intimo, — veiu de Nidji-Novogorod, onde negociava em ovos molles e mexilhões d'Aveiro, receber a Lisboa a herança paterna e a materna, sobre o fallecimento repentino dos dois auctores da sua causticada existencia. Habilitara se o homem, provando :

1.º— Que era o filho unico;
2.º— Que era o unico herdeiro;

E adduzira declarações dos auctores supra:

1.º— Que era o filho unico;
2.º— Que era a elle que deixavam tudo.

Não havia duvidas; pois não é assim? Mas havia base para a Chicana. Apresentou-se ella.

E de meia folha se derivou a um caderno, a dez cadernos, a dez resmas, a dez tonelladas de almaço, e n'esse vasto terreno se espojou, com mentiras, com intrigas, com porcarias, allegando os direitos de terceiro, pondo a faca aos peitos, pedindo um accordo, replicando á negativa com mais papel, associando ao assalto a Justiça, a Lei, os magistrados, os tribunaes, por modo que só ao termo de *quatro annos* o «olho vivo» retrocedeu esborrachado, occultando a gazúa e o punhal, sellados, e tendo conseguido:

Que o herdeiro houvesse perdido um terço da sua fortuna, no pleito judicial.

E que outra quadrilha, aproveitando as demoras, lhe houvesse empalmado outro terço.

A Justiça reconheceu a existencia dos salteadores — quando elles não produziram mais; entregou *os restos* ao herdeiro; lambeu se com o seu quinhão, e enroscou-se sobre a magestade da Lei — como um cão vadio sobre um capacho esmolado...

Quem vier atraz que a mande ao hospital de Faro!...

*

Liguem vossemecês estas coisas...

Ha dias tomava eu o meu café, alli em baixo, no *Marrare*, em companhia de um velho amigo meu — um advogado dos mais considerados do paiz. Abeirou-se da nossa meza um sujeito, que trocou duas palavras com elle. O caso era, pelos modos, urgente, pois que me pediram, os dois, licença para uma cavaqueira secreta. Durou a coisa seu quarto d'hora, decorrido o qual, o advogado despedindo-se do tal sujeito, voltou ao seu logar, á nossa meza, e alli me disse:

— «Fiz agora um bom negocio, e lastimei que o não fizesses tambem. Mas a coisa *era suja — para ti*. Este ratão tem entre mãos um negocio torto como dois chavêlhos. Vae para os tribunaes, e ganha — porque tem dinheiro. Ganha: é um escandalo torpissimo. Precisava, disse-me elle, de um advogado *chicaneiro*. Fiz-lhe a conta; acceitou. E disse-me, por fim, que precisava de um jornalista que apoiasse a historia, e per-

guntou-me se tu acceitarias. Eu respondi-lhe que não, é claro. Estas coisas são optimas para a Chicana; mas é preciso *afastar o caracter...*»

Achei profundo e achei subtil. Defender um patife, com auxilio de industriaes da trampolina, pôr em praça, com espalhafato, reputações vêsgas de esperteza — aliás sovadas pela probidade scientifica (isto é alli com o *outro)*, appellar pelo saracoteio dos charlatães para o applauso dos lorpas, e de toda esta mixordia extrair elementos *de defeza*, é para um rabula se orgulhar em familia—que a *honrasinha* nada tem com isso. Conservar immaculado o caracter e encher a bolsa, no auxilio á Maroteira, deve ser obra para consolar o espirito. Agora percebo eu como o tal do «olho vivo» me faz signal de amizade quando me encontra. É que afastou o Caracter — da Chicana. Mergulhou na vaza, mas com uns coiros de emprestimo — para salvar a honra do convento. Tenho entendido.

CABEÇA PROGRESSISTA

Sem embargo de a boa Pelitica produzir o mais que se póde em vitualhas para o banquete do Riso, é certo que eu, peccador, passando alli, uma vez por outra, é sempre como *gato por brazas*. Escrupulos, coisas! Mas o periodo obnoxio, e quiçá causticador, que atravessamos, abre as reprezas da expansão patriotica, dos direitos e dos deveres civicos. Urge que se metta o bedelho!

A parte do espectaculo nos dominios da critica ridente é a indignação ameaçadora dos Progressistas, em frente da *annullação* do Parlamento. Dois ridiculos em um só facto: ridicula a

indignação e ridicula a *ameaça*. Importa remexer tudo isso...

*

Com a morte de Anselmo Braamcamp «inaugurou-se» no partido Progressista uma dissolução rapida. Expirava o periodo dos «venerandos», com a forte cohesão partidaria firmada na auctoridade prestigiosa dos chefes e no respeito de uma especie de principios: restos do Romantismo. A dissolução do partido effectuou-se, pela derivação dos mais intelligentes e audaciosos á lucta pessoal, justificada pela eleição do novo chefe. José Luciano de Castro estava longe de possuir o minimo dote que estorvasse, violenta, ou suavemente, a quebra de compromissos politicos. Em trinta annos, ou quantos fossem, approximadamente, da sua carreira, revelara-se mediocre e mesquinho: mediocre em seus dotes, mesquinho em seus processos. Nem parlamentar, nem publicista, nem homem de estado. Especie de *palaciano* dentro do seu partido, quando este reproduzia nas eleições do Porto, ha

dezesete annos, as rudes e magnificas estrophes da *Maria da Fonte* e quando Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro apressavam *involuntariamente* a derrocada, — o improvisado successor de Braamcamp deixou cavar entre si e a opinião popular um abysmo de especial antipathia. Falava-se das intimidades cortezans da «sua gente» no «paço dos nossos reis», intimidades que alardeavam os *parvenus*. O povo perdoou a Fontes a sua dedicação á Monarchia, porque chegou a crêr n'essa dedicação. Nunca perdoou ao improvisado chefe progressista as suas manobras palacianas — porque só viu maroscas, e nunca a sinceridade.

*

N'esta situação do partido, com um tal chefe, era natural que os partidarios de valor se considerassem desligados do chefe, do partido e de uma teia politica urdida com a lã do *crochet* — estaes percebendo. Morre D. Luiz, ao tempo em que duas novissimas correntes se desprendiam do partido : uma d'ellas penetrava no paço, onde

se fundia com os resentimentos do novo reinado contra a politica de *crochet;* da outra desligavam-se os élos e cada um d'elles buscava um novo norte.

Temos, pois, Antonio Candido—o prestigioso orador, Oliveira Martins — o almejado Necker (em oitavo, imprensa da Universidade), arrastando comsigo os da primeira corrente. Conheceis os fortes élos da segunda: Marianno de Carvalho, e não vos esqueceram os restantes...

A' volta do *chefe*, ahi ficou a miscellanea que se está vendo, uns restos de crentes no principio da auctoridade e no prestigio da bandeira, e a grande massa dos aventureiros furiosos que a *esperteza* do tal chefe improvisou ministros, directores geraes e parlamentares. E' esta parte da *mayonnaise* a que mais se «indigna» contra a *annullação* do Parlamento e a que atordôa o estadista de *crochet*, impellindo-o para o terreno das ameaças, para o campo da lucta.

Para o *campo da lucta* José Luciano e os seus bravos! Não vêem alli o Navarro? Não vêem alli o Marianno—a rirem-se nos bastidores?...

*

Na esphera do simples protesto pela Constituição, os brados dos Progressistas são a mais cruel expiação que se tem visto no pôtro da pura Asneira. Com o olho gazeo no poder, estes desgraçados teem consentido em tudo: desde a exauctoração dos partidos, pelas aventuras nephelibaticas, até á incrivel monstruosidade da formação de um parlamento *furta-côres!* Inventou-se um chefe de situação, chamado José Dias Ferreira; pôz-se-lhe atraz dois correios e o illustre Telles de Vasconcellos, e empurrou-se tudo contra a aparvalhada cara do paiz. Está direito; admittido — *por vir de quem vem.* Mas que José Dias Ferreira fizesse *um parlamento seu:* que essa aberração legislativa, que essa violação do Systema fôsse por um dos partidos — pelo Progressista — considerada a expressão suprema da legalidade e da magestade do tal Systema: que elles, os *fieis ao crochet* considerassem aquillo de José Dias o reducto do partido progresista, em allianças com o rábula contra os Regeneradores,

e esperassem que estes sanccionassem a marosca: é fazer ao *herdeiro de Lopo Vaz* a injuria de o suppôr o *herdeiro de Braamcamp!*

Consummado o facto que indigna os Progressistas, vamos ter a peça dos *seus furores.* Vae ser falado. Ha comicios populares? Contem-nos isso! Vae-se appellar do rei, para o povo? E digam-me cá: — Quem é que distribue ao povo as batatas com que elle deve acolher a appellação do antigo «partido popular» — quando o *crochet* não existia ainda?

MIÚDOS PROGRESSISTAS

Ha muito quem se queixe de que não aprende: porque é tapado e impenetravel ás injecções do Saber! Mas agora me seduz o Paradoxo — quando, no Saber de experiencias feito, vejo referver a pura e alva Tolice : existe pois um *Saber de tolices?* E' bem achada!

Está alli n'um jornal politico um publicista, chefe de partido (é o illustre José Luciano), a explicar as crenças republicanas pelos «erros dos governos constitucionaes.» Lava as suas mãos sobre o caso nefando, porque nunca errou: estaes vendo o solerte homem! Mas, emfim, cá temos a historia do tal Saber!...

*

Na corrente de orientação do chefe progressista, não se é republicano por uma serie de deducções criticas, mas sim porque José Luciano deu mil contos, para as festas, ao rei D. Luiz, nos tempos da politica de *crochet*, ou porque o Fontes deu ala ás ambições dos compadres. Eu, de mãos na cabeça, pergunto aos astros e ao Arlequim Junior como foi isto de, na aurora causticante do meu viver, indifferente ás maroscas do Systema, tendo encarado o Privilegio, cá do baluarte Robespierriano — os Direitos do Homem, — eu me haver lançado no *in pace*, becco sem sahida para as dignidades e para os arranjos, dado que eu me furte a *opportunismos!* Interrogo Deus, a Sciencia, o Arlequim Junior e os meus botões e, ou José Luciano diz tolice, ou eu não soube o que fiz!

*

Buscar nos erros governativos de certo systema a razão de ser da condemnação do systema

pelos *jacobinos* do Radicalismo, é talvez abusar do pudor dos homens! N'essa ordem de considerações *phi lo-so-phi-cas*, é claro que, se ámanhã nos apparecer em Constantinopla um sultão virtuoso, illustrado, impeccavel, reformador audaz, intelligente, justo, e de poucas fémeas, eu, velho republicano, dou ao diabo os principios que obrigaram o auctor dos meus dias a repellirme, ha vinte e cinco annos, do seu affecto, — e declaro que não ha outro ideal, assim amoravel e correcto, como o do governo absolutissimo dos *padischahs*. Eu, avêsso á intervenção do Catholicismo na minha crença religiosa e nas minhas relações com o Creador, se alli vejo intelligentes, benignos e humanos, o prelado da minha diocese e o priôr da minha freguezia, lanço-me nos braços ou nos tentaculos da Curia, e adeus minhas encommendas de livre-exame! Deve-se entender que eu fui republicano, por causa dos maus sultões, e independente em materia religiosa, por funesta mercê dos maus pastores!

*

Que um chefe de partido constitucional côlha similhantes noções de crença na pratica dos conselheiros e dos galopins — está na conta para ser chamado e para acudir á chamada, lesto e presto. Que elle, porém, subordine a similhante Critica o proceder dos que pensam, dos que sentem e dos que sabem porque crêem e porque duvidam, — então me permittirei suppôr que para ser chefe partidario constitucional é preciso menos discernimento do que para guiar as muares do Jacintho, desde o Arsenal á Pampulha!

TERCEIRA SERIE

Junho de 1894 a Janeiro de 1895

CAMILLO

Em *de junho,* e ás 9 horas da noite, nas redacções de Lisboa, cae, sob a fórma de telegramma, este raio maldito:

«FAMALICÃO, 1-6-90. Suicidou-se hoje, com um tiro, Camillo Castello Branco.»

Pois que é certo haver na ironia passagem para a tragedia, — assim na obra dos altos espiritos como no trabalho da mediania conformada, — é licito que eu hoje preste, em vesperas do cruel anniversario, um tributo de saudade ao extraordinario prosador: ao que nos deu com a

fascinação das suas lições o desespero de completo aproveitamento.

*

A quem estas linhas escreve e que foi, dos discipulos de Camillo, o menos aproveitado, teem alguns collegas proposto, nos ultimos tempos e ainda agora, n'estes ultimos dias, uma especie de *conspiração*. E' para o fim de arrancar aos poderes publicos a trasladação dos restos de Camillo ao Pantheon nacional. Ha quatro annos que esses restos do grande homem, prolongando-se o infortunio no ultraje, esperam *no jazigo de Urbino* a intervenção decorosa, que os liberte d'aquella ignominia, e ao paiz— d'uma relaxação crystalisada em infamia. Para tudo chegou e de tudo sobejou tempo n'estes quatro annos de maldição: para todos os episodios e incidentes da decadencia á voragem, para os sobresaltos e pavores reaes ou simulados, para os desalentos da covardia extrema, para os protestos velhacazes, dos mais charros especuladores, e, nos intervallos de *seriedade*, para a celebração das glorias

da «navegação» e da «conquista» — ostentação de fidalgo pelintra, batoteiro e «mão de rédea,» a alardear a tradição da prosapia de ha oito seculos! Horas e dias para toda a farça, escorrencia da tragedia, — com resalva á sinceridade dos crentes! Só o tributo urgente áquella gloria encontrou embargos de «inopportunidade» na situação economica do paiz e nas consequentes afflicções!...

*

Garra formidavel, garra amoravel e bemfeitora, despedaçou-nos a repreza das lagrimas e dilatou-nos as fauces — para o riso. Deu-nos as duas expansões, consoladoras e humanas, da alma condemnada ás dôres. Este o beneficio a todos nós, os que o temos lido com amor. Para os obreiros das suas officinas, — os que exploram em honrado esforço os veios da lingua portugueza, — teve beneficio especial, a toda a largueza d'uma prodiga generosidade. Despontou o Mestre as arestas do «vernaculo» e deu á prosa de Vieira toda a concisão, toda a maleabilidade, toda a ele-

gancia, todo o nervosismo da *paixão refinada* da nossa edade. A pagina de Camillo, onde quer que o sôpro do seu genio desça a todo o vigor, é pagina de deslumbramentos: a prosa portugueza aquece ao rubro, e d'alli resaltam, simultaneas, em turbilhão, ou alternadas, contidas pelo artista, a ironia, a colera, a amargura, a troça, a invectiva, o desprezo, a dôr, o desespero, e, a espaços, como protestos da Fé, um hymno de paz e de perdão! Todo o vasto e formidavel teclado e as mil boccas sonoras, ou commovidas, ou terriveis, do orgão colossal que só n'elle encontrou executante!

*

Deve-lhe a Patria, com o povo portuguez e com a litteratura nacional, o seu quinhão de serviços. Em toda a historia das nossas Letras, ahi escancarada nos remotos e nos modernos periodos, não ha outro forjador da nossa prosa, que assim vastamente a vulgarisasse, como Camillo, com honra e gloria para os do seu torrão. Os editores que mais o exploram e que mais o

calumniaram poderão calcular o alcance da vulgarisação, — sem esquecer as contrafacções do Brazil. Acode lembrar que morreu pobre, como sempre viveu, o creador de duzentos livros que são orgulho de um povo. E morreu talvez a tempo de não ver cortado pelas «economias» dos «salvadores» o magro subsidio que á ultima hora lhe votou o parlamento portuguez...

Pois bem, está ahi no actual governo um ministro sobrinho de Camillo Castello Branco e muito seu bemquisto como escriptor e como homem. Está alli na Academia das Sciencias, como presidente dos seus homens de letras, um antigo adversario de Camillo, que teve tempo de reconciliar-se com o Mestre. A esses dois homens, a Antonio d'Azevedo e a Theophilo Braga, devemos pedir, nós todos que, por honra do Governo e da Academia, desempenhem essas collectividades e as Letras e a Nação — das dividas contrahidas para com o grande homem. Abra-se o Pantheon nacional a Camillo Castello Branco, e resgate-nos um pensamento nobre da relaxação que tolera sobre as feridas da patria a engorda das varejeiras que a vão sugando!

MÁS LINGUAS... E «OS OUTROS»

A morte recente de um escriptor brilhante e algo aggressivo (refiro-me ao *Beldemonio)* deu alento ás expansões da moralidade, mais ás do correcto bom-senso alli dos vizinhos do pateo — uns que teem nos lombos seu ponto negro, de operações do *Beldemonio* no terreno do *Pim-pam-pum.* Veiu a Morte, como é sabido, libertar os alvos — do atirador, e libertar o amargurado homem das suas «distracções» e das porcarias d'este mundo. Dia immediato ao do enterro, e sobre a descrença em que *elle* resuscitasse, partiu-se com grande estardalhaço o dique das moralidades, e cada um dos sacerdotes e dos sachristas por ahi gaguêja — em cama-

rins, em redacções e em cafedórios — o mais que se póde contra o «escriptor mordaz.» E desenvolvendo sua ideia «purificadora,» envolvem na condemnação os outros *más linguas* que ainda ficam á espera de mau fim sobre cruel destino.

Dá-se um dos sacristas ao regalorio de uma suspeita : a de que os *más linguas* já estiveram mais em voga. Raça que se extingue, como a dos mammouths, — que o *reinado* é dos cães vadios e dos chimpanzés !

*

Effectivamente, os homens da Dissidencia devem acabar por acabar. Eu, ao termo de vinte e cinco annos d'esta embrulhada, inclino me a pensar que desatremei do são criterio e dos sãos processos, sempre que marquei um ponto na focinheira ou na lombada do meu vizinho. O bicho Homem não é lá grande coisa em historias de Bondade, mas é infinitamente mais tolo do que perverso. Passei horas a discutir o assumpto com um sujeito nem perverso nem tolo, que me escolheu para amigo, creio que á falta de outros.

Chamava-se Camillo Castello Branco, e a surprehendente memoria surge-me com um sorriso intelligente, quando eu, distrahido, dou corda a um orango-tango, ou a um idiota, ou a um réles patifuso com correntes de latão no latrinario bojo da alma de chicharro. Então, succede que no isolamento e no silencio se concentra mais e mais fundo o meu glacial entendimento. Deixar correr e depois estagnar-se em vasa a mixordia dos arranjinhos da vida, das parvoiçadas, das covardias, dos rancores de cão sovado! Deixar apodrecer, e depois brilhar as azas dos mosquitos, ao sol do Creador!

*

Lubrico como os sonhos de um homem casto! — diz o Victor Hugo. E' assim, pela exposição de agora. Com que então, *más linguas*, filhos meus!? Vejo, depois das severas moralidades contra o *Beldemonio*, as censuras á pornographia do *Pimpão*, e a um tempo suavemente approximo dos dejectos varios os narizes de diversos delinquentes. Lá em cima, no Alto de S. João,

começaram os vermes a sua faina: são os da Natureza implacavel: á vontade sobre a carne decomposta! Os vermes «artisticos» hão de soffrer embargos á sua furia contra o que é dos espiritos!

Lubrico como os sonhos de um homem casto! E' assim, primores da arte séria! é assim que ha quatro dias, ao lambisco dos «jacobinos» execrados, e derivando-se das violencias d'elles á obscenidade mais torpe, ahi vemos a emporcalhar o sol do bom Deus os rebentos das almas conselheiraes. E' sobre a nomeação d'um ministro que era hontem no grupo dos Progressistas uma esperança, uma gloria, uma especie de *leader*, um embryão de chefe, e que é hoje,— nos *sonhos* escriptos e vulgarisados, *dos homens castos* — aquillo que o *Beldemonio* pensou de muitos e de ninguem escreveu, aquillo que o *Pimpão* apresenta em phantasias sem alvo, e com ligeiro véu que os hypochritas despedaçam nas porcas solidões de suas alcôvas!

Diga-me agora um grande poeta que tem medo de que os jornaes caiam nas mãos de sua familia — diga-me se não vale abrir uma excepção,

em homenagem á Moral, contra os dejectos de moralidade politica expellidos «em defeza do rei contra os seus conselheiros!» E supponhamos que o ministro alvejado se lança nas reprezalias... Não ouvi eu já referencias monstruosas a uma *carta-consulta* que excede todas as depravações da mentalidade decomposta? Aberta a provocação, não surge, acaso, a evocação de escandalos praticados pelos conselheiros provocadores e alapardados nas respeitaveis conveniencias? Estão na linha correcta os partidos que combatem o Systema: republicano e legitimista. Os «amigos do Systema,» esses que de horror empallidecem, quando suspeitos de ligações com os jacobinos, ahi estão a refocilar-se na vasa das allusões ignobeis, das insinuações immundas, das provocações insensatas — porque todos sabem e dizem o que diriam as comadres — *se ralhassem todas!*

*

Descance em paz a *má lingua* do prosador que nunca viu fechar-se um lar domestico, em nome do decoro, aos mais crueis desabafos do

seu espirito! Esse vulto só deve *temer* que, ao confrontarem n'o com os de maxima seriedade e alta importancia politica, lhe voltem costas as maiorias, cujo paladar venha a exigir a *petisqueira* imposta a Ezequiel: está alli nas sentinas publicas!

CARIDADE E COISAS

Um dia d'estes, á porta do governo civil, parou uma tipoia, da qual se debruçou uma formosa dama, perguntando ao mandrião de sentinella — se estava alli o chefe da Sanitaria.

— Que já tinha sahido. E a mão perfumada da catita estendeu aos narizes do homem um pacote de papelinhos.

— Tome! Faça favor de dar ao sr. chefe da Sanitaria. São 5o senhas da sopa economica, para elle distribuir *por quem quizer.*

Para distribuir pelas «meninas infelizes.» Não lhe chegou a lingua.

*

Esta da formosa dama não tem pés nem cabeça! Eu não insulto a mulher cahida, — conheço os meus auctores e não esqueço que só Deus e ella sabem do pezo do trambolho .. quero dizer — do pezo do *infortunio*. Mas não me despeço de levar a dentro d'aquelle desnorteado espirito caridoso umas indicações, especie de chamada á ordem — para o fim de suster o mundo, quanto possivel, no resvalo de romanticas maluqueiras. A boa dama desatremou do bom senso, ao bebericar da geropiga sentimental da George Sand, — por mais que me digam! Ora vejam se eu não tenho razão: «tenho ou não tenho?» — como diria o Baltar do *Janeiro*...

E' quando digo:

As «perdidinhas resvaladas á voragem» não comem sopa economica: governam-se do armazem das iscas, ou da tasca do André, onde libam, com seu *chulo*, a taça dos affectos malandros. Não vão agora, alli da travessa do Poço, ou lá de baixo, da rua do Capellão, em cata da sopinha, lá para o cemiterio dos Prazeres, — salvo se-

ja, ó Aniceta! «Só se estivesse doida!» Por setenta réis e sem receber esmola — por setenta réis, «honradamente ganhos» no seu officio, alambaza-se ella na tascória do Zé Chato: feijão encarnado, besugos, pão e vinho até lhe tocar com a unha. O chefe da Sanitaria, que conhece o «seu mundo», deve se ter visto grego com as senhas: naturalmente teve de recorrer a mulheres honradas!

*

Essas sim! Entre essas, rica leitora da George Sand, não escasseiam urgencias de sopa. Mal imaginam as catitas caridosas que se preoccupam no ventre das «cahidas!» Conheço pessoalmente familias, mais de dez, que me lembre, para as quaes duas senhas desprezadas pelas «impuras» seriam um dia de felicidade. Um dos filhos famintos iria lá ao pé do cemiterio, buscar os jantarinhos para a mãe e para os irmãos, e ainda ficaria para o pae, quando elle á noite regressasse do trabalho, a dizer mal á sua vida. Olhem que ha muitas casas, onde durante semanas não se

accende lume: não ha carvão, nem haveria que cozinhar. E n'este tempo, e com creanças! A senhora janota, que soccorre as relaxadas, ainda não viu soffrer creanças? Pois veja e acuda, se quer saber o que são gósos do coração, sobre horrores de mágua! E é mais *religioso*, — deixe lá falar do Christo a proteger peccadoras!

*

Por occasião do julgamento do Lobo carpinteiro, observei que a Policia e a Justiça não faziam outra coisa senão perguntar ao malandro — se queria comer alguma coisa. Até elle já estava enjoado de tanta comida e de tantas attenções! E é menos vulgar que se pergunte a um homem honrado e sem pão para si e para os filhos, — se querem comer alguma coisa. O que é vulgarissimo é recusarem lh'o, quando elle o pede. Pois não é assim, queridos irmãos em Christo?!

Ora, esses jactos de sympathia pela sorte dos patifes e das relaxadonas, contrastando com o abandono que por ahi encontram os que se es-

falfam e espatifam no trabalho honrado e improductivo, fórmam um documento de parvoice com algo de malvadez, que me desgosta da collectividade e que me auctorisa a andar só e casmurro e a pensar coisas feias — de tudo isto. Apostar que na rua lá da tal senhora ha n'uma agua-furtada, ou n'um rez-do-chão, uma familia composta de pae desempregado, de mãe fraca e adoentada, a trabalhar em costura dezeseis horas por dia, e de cinco filhitos magros, sempre famintos, sempre a pedirem pão—e a mãe a responder: «Agora não ha pão!» Apostar que ha d'isso lá na rua?!

A mãe que interrompe o trabalho, para dizer aos filhos — que não ha pão... e a Caridade janota a distribuir senhas pelas meretrizes!...

Pois, ricas senhoras, — não sei dizer-vos o que esta alma sente, mas não é coisa boa!

DESGRAÇAS NOSSAS

Hoje tem a palavra um velho amigo meu, que o leitor reconhece — quando se vê ao espelho:

—«Paiz explorado! Paiz explorado! Vem um estrangeiro; põe uma quitanda, tudo lhe corre prospero! A fortuna só foge dos nacionaes! A's duas por tres, o rico aventureiro faz fortuna á nossa custa e lá se vae com o nosso dinheiro— a dizer mal de nós, a chamar-nos tolos!...»

«Isto está na bocca e no espirito de toda a gente. Pois, senhores... Deixem-me contar-lhes *um caso*...

«Como chefe de familia, que comprehende, physica e moralmente falando, as suas obriga-

ções, fui-me um dia d'estes ás compras, logo na manhã seguinte ao dia em que recebi os quarenta mil e pico da repartição. Levar para casa é o meu ideal. N'esse ponto pareço uma formiga. A minha mulher dava bem uma cigarra, Deus lhe perdôe! E ahi tinhamos nós a fabula!...

«Saco do meu papel de apontamentos:

«— *Costelletas de carneiro.* Vamos aqui ao talho do Euzebio!

«Está cheio o talho. Sopeiras, gallegos e senhoras vizinhas, n'uma producção de mexerico e babozeiras de irritar uma lesma! Ninguem tem pressa, a não ser fingindo. — «Veja se se avia, ó seu Izebio!» E o *Izebio* cantarola a *Portugueza:* — O esplendor de Portugal... E' alcatra ou rabadilha?!!

«Tres quartos d'hora. Chega a minha vez.

—«E o senhor o que hade querer?

—«Costelletas de carneiro...

—«Tenho alli — para *roast-beef.*

—«Carneiro para *roast-beef?!*

—«Olé!

«Saio fulo.— E' bruto, ou ladrão! E tres quartos d'hora perdidos!

«Entro no talho do Onofre. Não ha ninguem. O cortador, com um dedo no nariz, como o *Zé das colchas*, olha para uma panella de manteiga de porco...

—«Costelletas de carneiro!

—«O que?

—«Costelletas de carneiro!

—«De carneiro?!

—«Sim, homem!

—«E' de carneiro que o senhor as quer?

—«Pois, porque não heide eu querêl-as de carneiro?!

—«E' que só as tenho de cabrito, *que ainda são melhores.*

—«Coma-as você!

*

«Saio, meio doido. Isto acaba mal! Renuncio ás costelletas...

«O'lho para o papel dos apontamentos. *Ferro Bravais.*

—«Bom; aqui está a botica...

«Entro. Deserta, como a minha secretaria no

dia 2. Bato palmas. Ao fundo apparece uma especie de cabeça...

—«Ha de querer alguma coisa?!

— «*Ferro Bravais!* E a minha voz faz fugir um gato preto e emmudecer o papagaio.

«Arrasta-se do fundo da loja um typo de somnambulo, e vem á minha beira, com ares sinistros.

— «Com que então... *Bravais?* E' para o meu caro amigo?

—«Qual amigo?

— «Se é para a pessoa .. e indica-me, com um dedo assim com ares de minhoca.

—«E', sim. E' para mim e para você. E' para toda a gente! Mas avie-se!

«Cóça-se. Abre uma vidraça. Tira uma, duas, tres caixas. — « *Ferro Bravais!* Cá está!» Destapa uma, e outra e a outra. Cóça-se outra vez.

—«E' boa!

—«E' boa o que?!

—«Não teem nada dentro.

—«O'lho para elle com ferocidade. Põe-se a rir. Digo lhe uma inconveniencia de rachar pedras, e saio cambaleando. .

«Rol das compras. *Um carro, com um boi de papelão.* E' para o pequeno.

«Entro na capellista.

—«Salta já um carro com um boi de papelão!

«Acórda, á minha voz retumbante, uma velha gorda que dormita por detraz do balcão.

—«Crédo! Que gritos! O que é que o senhor quer?

—«Um carro com boi de papelão! Mexa-se d'ahi!

—«Para que?

—«Para quê? Não tem?

—«Tenho, tenho. Olhe, vê alli n'aquelle armario?. .

«O'lho, e vejo. Bello animal, com uns chavelhos de alta cathegoria!

—«E d'ahi?

—«E d'ahi... A Chiquinha levou a chave do armario.»

«O'lho para o ceu... Lista das compras: *Bananas!* Precipito-me sobre a loja das bananas.

«A' porta, para chamar os freguezes, ha uma rima de bacios!...

«E vem de fóra o maldito estrangeiro, fazer fortuna! Justiça! Justiça!»

ANARCHISTAS

N'UM livro recentemente publicado pelo eminente critico da *Revista dos Dois Mundos* Émile Montégut *(Esquisses Littéraires)* registra o discipulo e successor de Gustave Planche—que a *idéia* dos anarchistas póde resumir-se no seguinte: — «A felicidade do homem depende do seu estado social.» E' a opinião, no fim de tudo, dos mais atordoados e ferozes adversarios do anarchismo: a opinião a que subordinam a sua ventura individual e a do «grupo de felizes da terra.»

*

Aqui está o meu velho Mattos, de Guimarães, que me não deixa mentir. Homem honrado e

d'uma canna, vê direito no caminho da sua critica, e ficaria em pavida mudêz e em fermentação de colera furiosa se eu lhe dissesse — que não digo, para o não excitar: — Olhe que os anarchistas pensam exactamente como o meu bom amigo!

Estou a ouvil-o:

— Pensam como eu esses malvados?!

— Justamente. O que o irrita, ao amigo, são as bombas!

Porque é assim: o que irrita o amigo Mattos são as bombas.

*

Sete horas da tarde. A' meza de um amigo, commum dos dois, estamos eu e o amigo Mattos. Elle saboreia, chuchando, uma gallinha guizada de se lhe tirar o carapuço,— e fala-me, com delicias, da rica coisa que é o conforto: coisas e tal, boa cavaqueira entre amigos velhos, boa mesa, vinho verde, do que espuma e canta, sem offensa ao Porto generoso, entre rubi e topazio. Depois o café, a *chartreuse*, o bom charuto, his-

toria alegre das ricas pernas da moçoila que nós sabemos, bréjeirices quentes e atmosphera idem ..

Subitamente, eu: — Que me diz o amigo Mattos aos anarchistas ?

*

— Digo que com esses malvados — oh, senhor! — só com um marmelleiro, e forca ! Oh, que patifes ! está a gente muito bem socegada, a jantar, com a chuva e o frio lá fóra... a gente a comer e a beber, quentinha e a contar historias, entre pessoas amigas; e de repente vem uma bomba e quebra tudo e mata e espatifa a gente ! Oh, que malvados ! Só o marmelleiro e a forca, grandes patifes !...

— Mas veja o amigo Mattos o verso da...

— Não vejo versos ! Só a marmelleiro ! Que versos quer o senhor que eu veja ?!

— O verso da medalha.

— Que demonio vem isso a ser ?

— Vem a ser esta coisa :

*

— E' certo que estamos aqui na Bemaventurança. A gallinha é tenra e saborosa, o *verde* é de estalo, o *Porto* vae ser obra, etc., etc. Lá fóra ha frio e chuva e cá dentro é o regalar-se um homem. Mas, por isso mesmo, veja o meu amigo: olhe que um sujeito de carne e osso, como nós, que lá fóra se vê grego, com frio e fome, e que, á chuva, pede soccorro inutilmente aos seus irmãos, para si e para os filhos, principia por pensar na indifferença do Deus e acaba por meditar na justiça das bombas. E atira-as sobre a nossa casa de jantar!

E o velho amigo Mattos:

— O senhor está a caçoar commigo! Pois então isso não é da *ordem das coisas*, *desde o principio do mundo?!* Eu cômo bem, estou quente e socegado, porque já foi assim destinado pela *ordem das coisas:* já lá vem de traz! O outro está lá fóra, com fome e frio: tenha paciencia; mas não vejo motivo para elle atirar bombas!...

— Vê elle.

— Porque é estupido! Só com um marmellei-

ro! Pois o malvado não vê que é a *ordem das coisas?!* Eu estou quente, a comer e a beber, e elle que se governe! Chiça!

— E' pois a *ordem das coisas?*

— Pois já se deixa vêr, e já lá vem de traz...

*

E' pois o *estado social* (a ordem das coisas) do amigo Mattos que não agrada aos das bombas, emquanto ao amigo Mattos agrada em extremo, porque aquece o estomago e porque já lá vem de traz. Esta ultima razão tambem é dos das bombas: elles atiram-as, porque lhes não agrada um estado social em que a fome, d'elles e dos filhos, é o pão nosso de cada dia — que *demais a mais* já lá vem de traz!

N'esta divergencia em estados sociaes, o amigo Mattos tem muito que vêr, se se demora por este mundo — o que eu lhe desejo em extremo. Mais dia, menos dia, cae-lhe um petardo na gallinha, — que a zanga dos famintos já lá vem de traz!

SÓ

PROVERBIO [illegible] para vê-lo [illegible] E sem exemplo. Agora mesmo estou eu [illegible] lembrando do Nome de Romance — um [illegible] somorroso livro de [illegible] — escrito [illegible] sujeito com talento de [illegible] [illegible] para o inferno todo. Nesse livro, [illegible] a sua prosa o pai da Enciclopédia, [illegible] ao público quem é e onde se encontra [illegible] aquele sujeito que, todas as tardes, está em [illegible] com seus parceiros [illegible] E diz os parceiros [illegible]

Eu, que não sou [illegible], nem [illegible] — por motivos que [illegible] — se [illegible] [illegible] [illegible]

todas as vistas curiosas, pois que me apraz ir me arrastando, *só*, ás portas da Eternidade.

*

Só, — sempre só, todo o caminho; é como quando ás 11 da noite, e d'ahi ás 8 da manhã, a sós *com o travesseiro*, faço exame de consciencia — nos intervallos do meu somno — e apuro a consciencia dos *outros*. O que eu li, o que eu escrevi, e o que eu descobri — em velhacada, em estupidez e em traição: isto durante o dia! E, atravez os seculos da existencia, o quanto me supportaram, bondosos, os amigos mortos e os amigos vivos — os intimos, os do coração: chronologicamente, o Cesario Verde, o Emygdio d'Oliveira, o Narciso de Lacerda, e alguns amores — vamos lá com Deus, minhas morenas, minhas pallidas, e não vos esqueci, minhas louras!

Só, glacial. Saio de casa, manhã cedo. Vou-me ao trabalho. E' alli n'uma redacção alegre, onde me estimam. D'alli, ao termo do trabalho, regresso a casa, onde regulam — o Marius e os ou-

tros — as suas tristezas e as suas alegrias, pelo meu olhar parado. De tarde, proximo da noite, saio; páro n'um jornal conservador-ultra, onde me tratam bem. Depois — sempre só — vou-me, Avenida acima, até ao extremo, ao alto. A perder de vista, a cidade; perto, o principio dos campos. Friagem n'esta quadra, e luzes que principiam. Só, — e lanço-me na evocação dos mortos e dos auzentes bem-amados, e recito aquelle verso do meu poeta:

Não se é só pó no fim de tanta mágua.

Threnos suavissimos, trechos de colera: alternadamente os evóco e os recito. Desço *á cidade*, quando já de ha muito escureceu de todo, e sinto que transeuntes, de revez, trocam d'estes dizeres:

— Quem será este magico?

— A cara não é boa.

Não é boa. De quem o dizeis vós, innocentes?!...

*

Só. Por vezes me succede que um *collega* me diz alli em baixo:—«Vem para este lado?» Vou, mas constrangido. Lembra-me aquella velha que eu vi em Rilhafolles, no curso do Bettencourt Rodrigues. Berrava alto, cara á parede e cú aos espectadores:—«Deixem me! Vão p'ra o diabo! Deixem-me!» E eu:—Justo, minha velha! Deixem nos! Cara á parede, e ao diabo os espectadores!

Só. Dizia o Julio Cezar Machado, já lá vão quinze annos:—«Conhece-se que este homem tem vivido nas cidades, mas como n'um êrmo.» Como n'um êrmo: e ás vezes a suggestão dos pastos. Oh! ser um herbivoro, um innocente, um immaculado! Viver com Deus—os dois *sós!*...

Ao domingo, dia livre, pelos campos em fóra, ao amanhecer. A espaços, colher flores, beber em tavernas, scismar em solidão, conversar com Deus, que tem lá, no jardim—no estio, no salão—no inverno, sempre no seio, todos os raros bons que eu amei! Estabelece-se um mutuar de

promessas: — « Vem d'ahi ! Ha cá vida feliz, vida larga !» — «Pouca demora tenho...» E, quando nos despedimos, regresso glacial — e só !

*

Dias de *festa!* Bemvindos! E' o tempo da minha seriedade : do meu humor sombrio. Logar ao brodio, — não é assim ? — e porque não ás minhas expansões ?! Amigos mortos ! amigos que por cá estão ! louras, pallidas e morenas que matizaram o meu negrume ! aqui estou eu qual me conhecestes : glacial — e *só !*

AS TAES COISAS

Andava o philosopho, olho atraz, lanterna adiante, á cata d'um homem, mais da verdade. Para onde virava a laterna, ora lhe apparecia um burro, — com o devido respeito, — ora lhe surgia uma pêta. Homens e verdades: nem cheiral os! Ficava-lhe tudo na penumbra. E' o meu fadario.

Ando eu, de lanterna, vae para oito dias, á cata da verdade, — nanja de homens, que não gósto — á cata da verdade sobre as tendencias e a critica do povo na historia da resistencia commercial, e declaro que ainda não topei senão coisas dubias. Foi mesmo no *Reinata*, ha quatro noites, que, achando-me eu a contas com um linguado de estalo, ouvi por detraz de mim:

— Todos os jornaes sérios estão com a gente.

— E o *Pimpão*, que é o mais sério de todos?

— Lá isso é verdade: é o mais sério de todos, mas esse está caçoando.

Larguei o linguado — coisa que não está nos meus habitos; — voltei-me e fixei os typos. Teria eu pela frente uma provocação?

Os homens, era um grupo de quatro, não me tinham visto. Discutiam um meu artigo velho e referencias ao Luiz Eugenio Leitão, rival do Hintze em escanhoadella e lustradella. Dois d'elles eram pelo do Commercio, os outros dois pelo do Governo. No decorrer da disputa — diziam elles — o revolucionario das suiças é mais bonito, mas o ministro conservador é mais tezo. Concordo, pelo que me tóca, em que o Leitão é uma lindeza, mas, pelo que me consta, a tezura não é do Hintze: é do João Franco.

Vem isto para que eu lhes diga que em toda a linha das minhas observações tenho esbarrondado com redomoinhos de opiniões contradictorias, de pôrem a arder o juizo d'uma alma christã. Que o encerramento das lojas é uma prova de unanimidade de opiniões; — mas a tia

Anna hortaliceira diz-me, choramingando, — que não faz a despeza com seis e cinco, em calda de tomates – que não lançou no mercado. Esta é pelo Hintze. Em compensação, os caixeiros do Thimoteo das massas dão graças ao Eterno, porque o encerramento os dispensa de contemplarem, horas a fio, a austera focinheira do patrão. Estes são contra o Hintze — e o Leitão é para elles um encanto!

*

Nas horas de intervallo entre as minhas meditações, dou-me velhacamente a fazer-me encontrado com o commendador Francisco — nosso velho amigo. E' para me habilitar com uma opinião segura, — das de estalo e assobio. Encontrei-o hontem na Avenida — no theatro — em deslumbramento ante os olhos negros da Polope. Falámos da catita e, suavemente, arrastei a parola ao terreno *revolucionario*. Disse-me o commendador — que só depois do espectaculo depositaria em meu seio amigo suas opiniões imparciaes. Foi, pois, á volta da uma hora, fa-

zendo a Avenida, solitaria e fria, que elle, pitadeando se, solemne, me falou assim:

— «Eu, se fosse homem de letras e sobre mim pezassem responsabilidades moraes, á conta dos meus juizos escriptos, hezitaria em escrever os taes juizos. A hora é solemne, como diz o *Tróca hervanario*, que é um jornalista de chupêta. Não sabe a gente o que tem por diante, nem por detraz. O senhor sabe?

— Faço por tomar sentido.

— Todo o cuidado é pouco. Mas, dizia eu — que é solemne a hora, como explica o *Tróca*. Da attitude do governo póde resultar revolução e apaziguamento. Da attitude do commercio póde resultar revolução e póde resultar...

— Apaziguamento!

— Quem foi que lh'o disse?

— Toda a gente!

— ?

— Toda a gente. Todos, desde o commendador até ao das «bolas fedorentas» e dos «foguetes de rabo,» me teem dito que póde sair coisa de entupir, quer do lado da cabeça, quer do lado do rabo. Só me ficam as postas, como refugio

para conjecturas pessoaes. Mas, decididamente, o commendador opina pela rabo, ou pela cabeça?

*

Grave e sorvendo uma pitada, Francisco diz-me assim:

— A hora é solemne.

— E o logar é propicio *(estavamos no alto da Avenida).*

— Propicio a que?!

— A expansões. De que queria o commendador que eu falasse?

— Julguei que seria outra coisa. Quero eu dizer que o meu nobre amigo deve reservar o seu juizo, e estudar a opinião publica.

— Estou d'accordo.

— E agora outra coisa *(inclinando se ao meu ouvido:)* Não sei se reparou...

— Em que!

— N'aquelle theatro ha muito boas pernas!

— Notei isso... Mas deixe-me pagar-lhe com

um conselho o que o amigo me deu ha pouco...

— Diga o meu nobre amigo!

— Boas pernas, effectivamente! Mas não se metta em taes entalações: olhe que póde adormecer... e acordar velho. Percebeu?

Não percebeu.

UM ANARCHISTA

PRUDENTE e finorio, o commendador Francisco — muito da embirração de alguns meus leitores : já se cá sabe, — não dá esmolas assim *por qualquer coisa*. Quando alta noite, ao recolher-se do theatro e do restaurante, com qualquer Soledade, cantarola a marcha do Boulanger, a caminho de seu honesto lar, e de um recanto lhe sae um petizote livido, trémulo, a gaguejar-lhe supplicas, o commendador não deixa de prestar, solerte e rapido, uma sabia homenagem á Prudencia dos homens sérios. E' quando, ao repellir com o joelho, n'um movimento de lado, o pequenote importuno de quatro annos, o commendador vocifera n'um tom de furor, contido pela decencia :

— Vae trabalhar, mandrião!

E emquanto o miseravel em botão retrocede, cambaleando ao pezo do somno, da fome e do frio, o commendador vae resmungando;

— A mim... não me embaças tu!

*

Está hoje profundamente convencido — está nas suas sete quintas o commendador! Ninguem já lhe tira do caixote craneano a absoluta certeza de que os famintos constituem uma associação, creada para o fim de uma exploração obnoxia do Sentimento. Durante mezes, durante annos, luctou o nosso amigo contra as velhas fraquezas sentimentaes — coisas de atavismo, o grande diabo! Ia para repellir, altivo e prudente, as phrases supplicantes da velha ou do infante, e punha-se-lhe um nó na garganta e outro no coração. E arrependido, véxado, torturado punha para alli um vintem, dois vintens... e, se mais vintens não dava, é porque absolutamente não podia. Gastou assim bom par de contos — diz elle, e o melhor da seiva do coração.

Chegou finalmente a hora. O fuzil da «perversidade humana» fez lume e luz na pederneira cerebral do commendador. Hoje não dá vintem. Quando os famintos o perseguem, manda-os trabalhar, bugiar; chama-lhes nomes — hystericamente, e não hesita em alçar a bengala. Quer policia, e berrata nas gazetas. Faz contas de cabeça, sobre o custo da inopportuna caridade: se se vae a dar, dez esmolas a vintem sómmam dois tostões; no fim do anno setenta e trez mil réis; no fim de cincoenta annos — trez contos seiscentos e pico. E' uma fortuna!

Não dá nada. Que trabalhem! Elle não tem nada com *isso!*

*

E alli está aquella bêsta, com commenda e tudo, a fazer *anarchismo*, pelo processo da «anarchia nos corações.» E' nos corações dos famintos e é no meu. Os esfaimados sentem despedaçar-se gradualmente os ultimos laços — os do reconhecimento — que pódem prendel-os aos *outros* da especie humana — aos *felizes da terra.*

Eu despeço-me de conveniencias, para me lançar no dever impreterivel de tisnar as gorduras de respeitaveis marotos. E ha fermentação de raivas, *assoprada* pelo espectaculo do ferro quente nos atoucinhados lombos do commendador. Quem faz anarchismo? Quem é? São os famintos? Sou eu? Não somos tal. Quem faz é o commendador, — para elle e para a familia!

Dois tostões por dia — que ao fim de meio seculo seriam uma fortuna — representam o *pão* para dez filhos de Deus, — pois que nenhum morre de fome com meio pão no bandulho. Não quer saber *d'isso* o commendador — que diariamente distribue os dois tostões em esportulas a creados do café, por um mero sentimento de vaidade: por que não fiquem a chamar-lhe troca-tintas. E, com os dois tostões, vão trez em charutos abominaveis que o nauseam, mas que lhe dão tom. E nunca diz que não á croia que lhe reclama um impulso generoso á libertinagem caduca. E não falta a subscripções publicas — com a ostentação dos nomes dos philanthropos. Já não tem coração — para que o não comam; mas exulta quando o comem pelos miudos. E bérra

contra as bombas — a odiosa alimaria que, pelo egoismo, pela estupidez philauciosa, pela malvadez *passiva* — como cumpre aos covardes — amontôa e amassa as coleras que dão vida e alento ás «obnoxias irritações» com explosivos e tudo!

... Não morre na guilhotina esse marau; nem lhe pégam as justiças dos homens, por mais que eu o denuncie... Não ha remedio senão crêr em Deus, — como quando eu era pequeno!

BOM ZÉ!

Não se faz mister avultados conhecimentos historicos, d'estes de se lhes dar com um pau, para saber-se que o povo francez, ao demolir a Bastilha, ha um seculo e pico, foi d'uma generosidade de que seria incapaz o proprio marquez de Franco — ainda que lh'a celebrassem todos os fungágás jornalisticos. Porque, emfim, o *bom Zé* de Paris não tinha nada que cheirar nos horrores da prisão do Estado. Aquillo não era para a plebe; era para caça grossa, especialmente, e apenas por excepção lá entrava algum pobre diabo que se roçara pelos Grandes da terra. O *bom Zé* não tinha nada com aquelle «Limoeiro do sangue azul.»

Pois, senhores, o certo é que lá foi, lá se atirou de cabeça, lá pôz na rua os presos, lá deu cabo dos carcereiros e lá arrazou o *Limoeiro*. Obra fina, como documento de magnanimidade, tanto mais que o *bom Zé* não devia favores aos Grandes.

Volvido um seculo e pico, estou em crêr que *bom Zé* cairia n'outra. Não lhe vejo emenda, desde a Revolução Franceza até á «campanha do vinagre» e d'este episodio luso até ao reboliço que ha quinze dias arranca dos seios d'alma da Maria Candida (creada para meu serviço) estas palavras profundas:

— «Ora, os estupôres dos homens!»

*

Porque, afinal, amigos e senhores meus, talvez não reparassem que *bom Zé* anda em grande agitação, á conta de certas coisas de que não dá fé — e que não será mau que elle perceba. Repare *bom Zé*: que está magro a ponto de se lhe contarem as costellas, pelos buracos da camisa, e que a similhante estado chegou, sem que os «Grandes

da terra» — o apoiassem contra as maroteiras do Destino! Os «Grandes da terra,» exceptuando alguma alma bem formada, só de si proprios cuidaram: Encheram-se; teem gosado as estopinhas: bons petiscos, boas fémeas, boa musica, as fôfas almofadas do bom trem, a consideração dos conselheiros encravadissimos ; e *bom Zé* tem roido um chavelho, — não me diga que não tem roido!...

Claro que os «Grandes da terra» não são hoje os de sangue azul: peior ainda — coisa desovada, chóca, ou coisa nenhuma. Palanfrorio, intrigalhada, mixordias : é a vida d'estes *fidalgos ;* — no horisonte, a indigestão. Tudo isto, que vem a ser *politicada*, inventa e formúla divergencias, em artigos de fé, pretexto para se revezarem na cevadeira. De quando em quando, ha na lucta combinada um estremeção de impaciencia, esquentam-se deveras — como no jogo do pau, quando, a brincar, um dos pimpões chega aos dedos do outro. E então, ao sentir-se *comido*, um dos banaboias appella para a «indignação do povo.» Ri-se o outro ; e á meia volta riem-se os dois, os trez, ou quantos sejam, sobre a combi-

nação nova, as novas promessas de bem viver. Só o *demolidor da Bastilha*, mystificado perpetuo, se conserva em exaltação, e, por mais que lhe tirem pêllo, não se chega á philosophia dos carécas. E' destino!

*

Ahi temos nós, em diversos episodios de furia, a tropa fandanga do *Progresso*, a buffar seus aggravos — «que são os do paiz inteiro:» dizem-n'o os organistas da tropa, — e já lá vamos. Ha quem lhes dê fé e misericordia; ha quem pense em lhes dar ajuda! Que os principios liberaes, representados pelo Barros Gomes, mais pelo priôr da Lapa e pelo *Lagalhé Carqueja*, não devem ir-se á gagoza — sem que a «nação aggravada» mostre que os tem no seu logar — os sentimentos e a critica, bem entendido.

Como quer, porém, que o espirito maligno do João Franco se dê ao brodio de ensinar praticamente a esses bólas como ellas mordem nos republicanos, ahi temos nós a descoberto a vasa que fermenta e féde no fundo das pimponices dos fréguezes! Emquanto os jornalistas repu-

blicanos respondem pela inspiração, nos tribunaes, os banaboias do *Progresso* mettem-se em copas — e expellem dos antros, para a via dolorosa dos processos, o Gervasio Rosa, poeta de risca ao lado, e tão habil na factura de maus versos, que, se eu os fizesse e de tal pezo e theor, o José Luciano não se livrava d'um soneto!

*

Está alli o banco dos réus — e não ha assento de pôlpa, que se chegue! Nem para alli, e falam-me de revolução! Herdeiros das *tradições dos Passos*, deram com as pobresitas em alcoviteiras e andam me a excitar o *demolidor das Bastilhas*, como se lhe não bastasse a fome á temperatura cavallar! E, desprezados molôssos do Paço, róçam se pelos republicanos «opportunos,» — pelos jacobinos não, que póde zangar-se o dono, — e régam a covardia com a intriga! E *bom Zé*, ha cem annos comi !o, cóspe nas mãos, prompto a demolir *bastilhas* novas, o que justifica o brado da Maria Candida: — «Ora os estupôres dos homens!»

COISAS POLITICAS

Primeiramente, é aquillo do «ultimatum francez,» filho de paes incognitos — de prendas conhecidas, salvo erro. Hão de ter notado que o «pae incognito» é quasi sempre conhecido, emquanto que muitas vezes succede ser o pae «legitimo» — contestavel. Esta sociedade é muito pandega!

Ora, se não erram as senhoras visinhas, em seus dichotes sobre o caso impuro, não ha duvidas sobre o pae da creança. Fervem as indicações: é preto, parece uma barata, vende-se na Praça da Figueira, está dentro d'uma gaiola, cóme alface e faz *cri-cri*... Não ha duvidas, não ponham mais na carta: — é um urso branco!

*

Verdade, verdade, o mundo não é tão feio como sóe dizel-o um misanthropo casmurro. Tem do bonito e tem do bom. Tem mulheres louras, versos do João de Deus, creanças, vinho velho e a certeza da morte. Mas não conheço — palavra d'honra! — deleitoso mimo das Fadas, como aquelle da «indignação em volta do panno verde.» E' esta coisa que vós vêdes:

Demonstrado que é pura batota esta pandega da alta vida moderna — «mayonnaise» de Politica e de Finança, ou empadão de Politica financeira, — é claro, é dos livros que mais approxima da braza sua sardinha quem logra a ventura de um «pescanço.» E' ponto assente; e, n'estas condições, faz-se mister toda a prudencia, com olho vivo, do «banqueiro.» Como quer, porém, que não vinguem mil cautellas prevalecer contra as «industrias» dos maraus, á meia volta — a coisa á gloria, pela porta da velhacaria!

E' então, para deleito dos curiosos, o quadro das indignações! Bérra o banqueiro, pela dignidade do jogo; reagem os parceiros, pela digni-

dade da classe, e o auctor do «pescanço» vociféra pela sua propria rectidão. — «Ponham para alli uma accusação clara, positiva ! Nada de insinuações !» — «E' claro que ninguem diz que foi vossemecê ; mas ninguem assevera o contrario !»

E' recreativo ; é lindo, — e amollece as almas !...

*

Outra coisa, que está sendo obra é a «perseguição á imprensa.»

Sem duvida, como jornalista dos de vinte annos de praça, muito me causticam arremeços ás garantias e á dignidade da minha classe. Apenas me permitto divergir, alli do orgão progressista, em um ponto da indignação profissional : é qne elle protesta contra as perseguições *regeneradoras* — e eu não curo de observar, antes do meu protesto, a marca do cutello, nem a *libré* do algoz. E mais longe vae o Progressista, em suas restricções de colera : a perseguição *regeneradora* torna-se-lhe acceitavel quando restricta aos

republicanos, e só é execravel, até ás excitações dementadas, quando empolga, de passagem, os organistas das venerandas tradições. Obnoxio criterio, que reduz os raios do protesto a *scintillações* de caga-lume!

*

Agora mesmo, d'alli salta o *Correio da Tarde*, a dizer ao rei d'estes estados: — «E' justo e logico que o rei vá ao Porto, á terra da liberdade portugueza, com a Constituição suspensa e com os jornalistas da opposição mettidos nas cadeias. Assim se augmentará a gloria do governo e se dará novo brilho ás instituições!» E'-me indifferente a gloria d'um governo e o brilho das instituições; mas não me é indifferente o brilho, nem a gloria do jornalismo — e é isso o que se trata de empanar, quando se reduz a fórmulas de rhetorica o caso dos «jornalistas na cadeia» e quando o rhetorico, colhido na rêde perseguidora, rompe as malhas, para lá metter o editor da gazeta — e põe-se ao fresco, a simular furores!

Esta attitude progressista, que tem por fim essencial furtar a triste figura do chefe a directas vistas reaes, deixa o partido — o que não me importa para nada — e deixa o jornalismo, o que é mais sério, sob as vistas disfructadoras de toda a gente. E' claro que da réles situação se livraram apenas os republicanos — pondo-se ás ordens dos «pavorósos verdugos»; mas a correcção d'um partido não apaga as maculas que na instituição deixou o egoismo cynico dos tartufos.

N'este caso, como no do «pae do ultimatum,» ha muito para riso e algo para outra coisa. Vae-se a gente alliviando...

FOME, ETC.

E' dos livros, dos que são lidos pela fina flôr dos patifes-brutos, — é dos livros que a entidade pensante, principalmente, se tem «boa alma,» estale de fome, se tem roupa, e estale de frio, se tem pão. Acham os biltres que fica bem aos trabalhadores do espirito, e em especial aos que se sacrificam pela especie, uma tremenda agonia em especial inferno: com as illusões mortas, com o *remorso do sacrificio* — o mais angustioso dos soffrimentos, — e inutilisados para as minimas alegrias, para todos os confortos.

Depois, sobre o «desastre,» as demonstrações de um bom-senso pratico e compassivo consti-

tuem um superior encanto, — não vêem alli as caras dos hypocritas? — «Que olhasse por si e pelo futuro! Que o mundo governa-se sem martyres! Que é uma toleima o sacrificio! E que não ha utilidade pratica na abnegação!»

Não teem ouvido d'estes marotos?

*

Ora, vem isto a proposito de um recente caso de suicidio malogrado pelo acaso — suicidio imposto pela fome a uma generosa e intelligente mulher que, pelo sacrificio de posição, de confortos e de futuro, — *compromettendo-se*, nos melhores dias de quinze annos, na defeza dos desherdados, pondo ao serviço de todos os protestos de justiça o masculo vigor do seu talento e o generoso calor do coração,—vingou conquistar ao maior numero a laracha soez, o riso alvar, toda a escorrencia da materia molle que faz de cérebro em cabeça de villão!

Commentava hontem um d'esses centauros modernos — o «acto de loucura» da generosa

mulher, deplorando em commoção de cafre, que a mallograda suicida não houvesse consagrado os dotes da intelligencia e do trabalho ao amparo dos filhos e ás commodidades proprias. Responde a esses imbecis a informacão jornalistica das ultimas horas: — Que os principios, os ideiaes e a affirmação d'elles, por parte da escriptora e conferente, roubaram á professora os discipulos rendosos e só lhe deixaram os filhos dos humildes, e que dos miserrimos recursos que ella auferia do seu trabalho comprava o pão para os filhos e abstinha-se de concorrer ao *festim* — allegando phantasiosos jantares fóra do seu domicilio!

Era assim que a pobre mãe sentia os seus deveres maternos. Foi assim que Angelina Vidal soffreu a fome e que o bravo e bello coração sossobrou a um tragico desespero — quando milhares de cloacarios das proprias almas punham aos lombos a melhor farda para as «festas», e as respectivas regateiras de alta escola ungiam no peior veneno as pórcas linguas!

*

Não curou de suas commodidades, nem de seu futuro. Nos horizontes do seu espirito de bondade preluzia-lhe recompensa do sacrificio: o respeito, quando não o affecto, pela sua abnegação. Apagou-se lhe antes da hora o clarão enganador: ficou de pé a indifferença glacial dos ingratos, com os apodos truanescos dos sandeus. Sossobrou a forte alma, quando se lhe afigurava que a sua morte chamaria em favor dos filhos a protecção dos ingratos — mordidos por um simulacro de remorso. Ahi a temos resuscitada pelo Acaso; e devemos crêr, por favor á especie humana, que a generosa mulher não verá um dia dissolverem-se as alas da sympathia e do respeito — derivadas á primitiva indifferença e ao mais da lamentavel historia.

E agora eu tambem diria, sentencioso, á minha illustre collega o que eu penso da «cegueira» do sacrificio, se eu não experimentasse, com os melindres convencionaes, certos melindres naturaes — em assumpto assim vinculado á fatalidade do Destino. Disse eu agora a tragica pa-

lavra: é o Destino o que prende as almas a um infortunio *desejado* e *amado*. Nem os momentos de desanimo, nem a claridade dos caminhos novos e dos horizontes tentadores: nada d'isso québra as algemas, torturantes e *encantadoras*, dos galeotes innocentes, perdidos pelo amor dos outros...

VIOLADA!

Em verdade vos digo, ricos amores, que me perturba a desorientação dos espiritos: a bem dizer, só vejo bem orientados os dos patifões que se arranjam. Vem esta meditação entristecida á conta de um vivorio que em festas do Porto explodiu sobre a Carta Constitucional e a Soberania Popular — sobre as duas primas, simultaneamente: como quem désse vivas a Abel e a Caim — modelos de amorosa fraternidade!

Agora me salta o Progressista, para o fim de me explicar o crédo do bom «liberal» de chupêta. — Que a Carta Constitucional é filha dos direitos do Homem e que ha alli de tudo em ga-

rantias de taes direitos. Deve lêr-se assim: Rousseau gerou Robespierre, Robespierre Pedro IV, Pedro IV o Priôr da Lapa, o Priôr o Augusto Ribeiro. Bom trabalhinho, meus filhos!

*

E' claro que ha de tudo na Carta: é uma religião humana, com todas as esperanças e todas as consolações correspondentes ás d'uma religião divina; por Bemaventurança — o poder; por Inferno — o ostracismo politico. Não falo da hierarchia ecclesiastica, para não me metter em apertos. Quanto aos fieis, são tolos da primeira agua: são os que dão vivas á Carta e á Soberania do Povo, simultaneamente. E d'ahi pódem não ser tolos: é com a condição de serem uns marmanjolas a dez tostões por cabeça — ao serviço dos condemnados ao ostracismo. E' o que lhe digo, porque o suspeito, Progressista dos meus encantos!

Fez agora um seculo que um homem chamado Vergniaud — o grande orador dos Girondinos — pronunciou na Convenção um discurso sobre «A

Patria em perigo,» no qual discurso se permittiu o regabofe de pôr a calva á mostra aos ricos sophismas da Constituição. Apurou os encantos da *irresponsabilidade*, e fez uma barréla de mestre á formosa mascara do Absolutismo. Applaudiu-o a França, com a reserva de cair no logro vinte e dois annos depois. Sem duvida alguma ha regalias de se lhes tirar o chapeu, nos artigos da fé e no credo da religião supra; mas não é na letra que está o peccado: é no dogma — o que dá grandes maroscas em disciplina.

*

Baste-vos vêr quem protesta por esse figurino do Absolutismo, com applicações do suffragio. E' hoje o Progressista, que se vê posto de banda, qual velho cachimbo de cerejeira, estalado em grêtas. E' elle quem berra pela «Carta violada,» como se ella houvesse nascido para outra coisa, e como se elle não fosse réu do crime hediondo, desde a menoridade da moça. Todos violaram— que todos são filhos de Deus. E não nos venham,

os mais sinceros, com declarações de remorso! Não ha de que.

Nas horas vagas das minhas abstracções, quando eu ólho para a vida da Politica, não me sinto revoltado pelos abusos: é pela estupidez, que os condemna, sem attender ás *origens* — que acceitou e que defende e applaude. Os abusos dos homens do Systema são a disciplina d'essa Religião: não ha fugir-lhes, nem supprimil-os, nem substituil-os. Berrar contra a mordaça na imprensa, contra a corrupção do suffragio e pela Soberania popular — e dar vivas á Carta Constitucional e, ao mesmo tempo, áquella Soberania, de que a Carta é a profunda violação, é ser burro! Tenha paciencia... o irracional!

*

Acho, pois, a Carta muito bem violada, pois que não foi feita para outra coisa. Vejo sem espanto a audacia dos que a violam, em prejuizo da Soberania Popular, porque a tal soberania consentiu que a comessem, impingindo-se-lhe uma croia por senhora honesta. Considero nota-

vel a hypocrisia do Progressista, que está hoje de fóra, — o que chega a ser uma indecencia — e que por tal motivo barafusta e berra pela innocencia da pequena: essa léria do dessorado velhaco póde ainda dar-lhe votos na provincia. Apenas me revolta que a Soberania Popular dê vivas a si propria, — e os dê á Carta, a que se abraça, n'uma ternura para obnoxia critica.

E pois que de Moral se trata ao fim d'estas meditações, veja a Constituição se mette o Progressista para dentro: que andam estrangeiros por essas ruas! Ou, pelo menos, ponha-lhe uma tanga!

O JORNALISMO E OS TRIBUNAES

Dois que no recto juizo do tribunal — como por lá se diz, — já não influe mais um voto sobre aquella emprenhidão de coisas, que foi o processo do *Mineiro* e dos outros quatro, é tempo de liquidar umas duvidas e de estabelecer uns precedentes. Ha vinte annos que faço «jornalismo», determinado eu n'essa tarefa por estes motivos imperiosos : não saber fazer outra coisa e amar extremosamente essa profissão, a que me vinculou o meu destino. O «jornalismo» é hoje, n'esta ultima quadra da minha vida, a minha consolação de «tudo o mais» ; na serena e firme convicção de o não haver trahido nem aviltado pela indignidade, sinto alli a base e o

porque da minha força. Vantagens offerecidas pelo «officio» : elle retribue com largos juros de orgulho nobre a dedicação dos obreiros que o respeitaram, ao passo que de ridiculo ou de ignominia cobre os especuladores que á officina sagrada foram, despreziveis larapios, surripiar os mysteriosos lucros e as sujas considerações!

*

Convencido de que na pratica do jornalismo, — não havendo calumniado, nem obedecido a imposições abjectas, nem abusado dos recursos da posição — poderei um dia descançar, sem remorso, a cabeça fatigada sobre um travesseiro de jornaes, tirados, sem escolha, da formidavel ruma dos que eu escrevi: convencido de que um leal plebiscito me não recusaria a palavra em defeza dos direitos da minha classe, não me dispenso, nunca, — salvo a intervenção do meu despreso — de reagir contra os intuitos, mais ou menos affirmados, de *suppressão*, de *restricção*, ou de *censura*, contra os direitos da minha classe. E é n'esta orientação, marcada e imposta pela

minha dignidade profissional, que eu hoje me dirijo ao magistrado que prezidiu ao supra-citado julgamento : e é para lhe dizer, — sem resentimento pessoal, — o que s. ex.ª vae ouvir :

*

Sr. Juiz! Não póde o jornalismo, não lhe cumpre, discutir as *nullidades* de um processo, que são a base dos *aggravos* de uma Defeza ; mas no processo do *Minêiro* e dos outros quatro deram-se nullidades de que não aggravou a Defeza — pois que as produziu e explorou, patrocinada pela tolerancia de v. ex.ª Dizem-me, e pelo que vi, acredito sem hesitação, que é v. ex.ª, sr. juiz, um excellente coração, uma nobre intelligencia e um homem de primorosa educação ; ora, estas qualidades formam *um cavalheiro distincto*, mas são insufficientes para a prezidencia de um tribunal, nas circumstancias de que se trata, e até mesmo as excellencias de coração e de cortezia prejudicam, por vezes, a inflexibilidade do juiz. Citarei a v. ex.ª uma phrase posta por Victor Hugo na bocca do Javert : — «Ser

bom é facil; o que custa é ser justo.» Não cito esta phrase pela primeira vez; ella occorre ao meu espirito sempre que eu vejo a férrea vara da Justiça avergada, em perigo de despedaçar-se, ao pezo da Cortezia e da Sensibilidade — esses factores da inopportuna Tolerancia!

Sr. juiz! Fallava o reu Corregedor da Fonseca, respondendo a um interrogatorio de v. ex.ª O accusado, no intuito de explicar *o seu caso:* — «Estava eu na esquadra da Avenida.» E, v. ex.ª, nterrompendo-o, d'essa vez *severo em demasia:* — «Não quero saber d'isso! Restrinja-se ao assumpto!» E o homem: — «Mas, sr. juiz, o que se passou na esquadra da Avenida prende-se ao mais que tenho a dizer.» E v. ex.ª, d'esta vez severissimo: — «Já lhe disse! Não quero saber de historias!...»

Eu ouvi. E' uma dôr d'alma, sr. juiz, que um espectador, n'um tribunal, não possa produzir um áparte: v. ex.ª tel o-hia ouvido, muito respeitoso, mas deveras justo. Tomei nota, receiando pela Equidade — que os factos posteriores aggravassem a minha «indisposição». Não me enganei nos meus receios.

*

Pediu a palavra a Defeza. Successivamente falam quatro advogados, que eu não citarei, porque *o caso de hoje* não é com um ou outro advogado : o caso é com a tradicção observada nos tribunaes — de uma grande falta de *justiça relativa*, falta que restringe aos accusados e ás testemunhas o direito de se explicarem *sobre a ordem* e que estabelece á Defeza o direito de sair d'ella ! E foi assim, sr. juiz que, tendo v. ex.ª recusado obstinadamente ao réu Corregedor o direito de narrar ao tribunal os pormenores do seu caso, não conteve nos limites impostos pela consciencia do tribunal e do publico os vôos desordenados da Defeza, que, fatalmente para os réus, irritaram e azedaram o jury: foi quando ella discutiu a desorganisação do Banco de Portugal, a individualidade de Marianno de Carvalho, o procedimento do Ministerio Publico em circumstancias com que nada tinham aquelles jurados, a influencia nefasta do jornalismo nos processos-crimes, — quando o jornalismo, tão obsequiador, está aqui, de pernas abertas, para os servir a to-

dos! Falou-se muito e falou-se *bem;* mas por um triz não ficaram esquecidos o *Mineiro* e os outros accusados; e os pobres rapazes, lividos, esmagados, encolhidos no banco fatal, pareciam rebaixados ao segundo plano — na *consideração* de todos!

N'estas circumstancias, que eu aponto, embora n'outra audiencia accuzem o jornalismo — e cá os fico esperando! — de exhorbitar na critica dos tribunaes: n'essas circumstancias, v. ex.ª, sr. juiz, não despontando as arestas d'essa eloquencia, foi extremamente bom — para os oradores, mas não foi bom para Justiça. Não repizarei argumentos sobre o que está nos dominios da sua consciencia, e agora falarei de outro *caso* que estava fóra das attribuições do juiz, para reprimil-o, mas que está nas do jornalismo — para censural-o.

Quero referir-me á peregrina theoria que estabelece, por parte da Defeza, o direito do Crime para os cidadãos A. e B., — *porque* andam impunes por essas ruas, e gordos e cortejados, os cidadãos F. e N. Com estes, que a terra hade comer, ouvi eu attribuir á «desmoralisação da

nossa época» os crimes d'aquelles accusados. Quero que a Defeza me diga, de Historia em punho, qual é a *época moralisada* de toda a vida historica de uma nação, e que depois, me acompanhe no exame das estatisticas criminaes d'essa época feliz. Diga-me onde e quando deixou o Homem de commetter o Crime. Mas admitto, pois que é de facil admissão, que n'esta quadra de decadencia — *não de um povo, mas de um mundo apodrecido; não de um paiz, mas de uma civilisação gasta e condemnada!* — que em tal quadra avultam escandalosamente os criminosos impunes. E', pois, esse facto uma determinante da impunidade para os outros criminosos?! E' acaso *justiça relativa* deixar correr a immoralidade recem-chegada — porque andam á solta immoralidades antigas?! Vae-se dizer a um jury — que não condemne o reu J., porque outro jury absolveu iniquamente o criminoso K, ou porque razões de protecção embargaram o julgamento da criminosa X?! E' no «sanctuario da justiça» que se brada a um publico, na sua maioria de necessitados: «Está permittido o roubo, pela má distribuição da Justiça?!» Será

este o meio de levantar o nivel da moralidade social ? ! E ao homem pobre, que trabalha corajosamente e reziste ás tentações da infamia, offerece-se um tal incentivo e uma similhante consolação : — o grito de *Á vontade !* aos criminosos apanhados na rêde ? ! Sem duvida, o formidavel grito da Moral estruge as consciencias dignas, susceptiveis de revolta contra o descalabro social, mas importa que os *protestos* e os *processos* se elevem muito mais alto do que a pobre esphera dos torneios do espirito. E foi n'essa pobre esphera, que pairou uma tal Defeza ! . . .

Tenho dito — por mim e pela instituição.

Á ESPERA...

O *amargo* — o *azedo* — o *mysanthropico*: devo estas antonomasias a diversos escriptores da minha geração. E verbalmente dignam-se elles justificar por uns certos infortunios conhecidos da minha accidentada travessia o «estado d'alma» que lhes conquistou os epithetos. Está ahi um erro, que eu não deixarei medrar para confusão da Posteridade — a minha recompensa de quatro horas bem puxadas, sobre o momento em que eu me libertar da Vida. Auto-biographia não a faço, por que não se aggrave a modestia — que eu talvez possua; mas aproveito o caso, para uma simples palestra com os trez leitores fieis — cá está a modestia! — que

me acompanham n'esta via dolorosa e comica...

*

Não é pelos meus infortunios que se explica em boa verdade a *amargura*, ou o *azedume*, ou a *mysanthropia* que os meus irmãos em Letras denunciam e archivam em gazetas ou em livros e ha pouco fixavam n'aquelle retrato — vae sem adjectivo — com que me honrou o Columbano. Triste ideia fórmam da minha *philosophia* os que me julgam sossobravel a empuxões das tropelias directas do meu destino! Intimos dissabores «que me embalaram o berço» e que me serviram de cortejo pela infancia e pela mocidade em fóra, irremediaveis desastres da boa fé ao termo d'essa mocidade, perto de meio seculo de vida entre o quadrilatero do Egoismo, da Traição, da Ingratidão e do implacavel Odio dos Estupidos: tudo isto é pouco mais que um nada para quem um dia afivellou com segurança a couraça do Desprezo. «Ninguem é grande homem para o seu creado de quarto» — disse o Napoleão. Eu tenho

sido «creado de quarto» de quantos são Grandes na Humanidade toda.

Encarregado das Grandezas, possuidor dos segredos de *toilette*, — da *toilette* das almas, bem entendido, — como heide eu sentir *os meus infortunios*, se eu comparo, se eu confronto, se eu senti alternadamente o nojo, o dó, quando menos o desdem, pelas miserias de brilho intenso e pelo clamor das ovações?!

*

Mas, — ó vaidade do impio! como diria o prégador, — a couraça tinha uma falha, que eu conservei, sobre o coração. E, por ella, o pobre musculo sentiu, sangrando, as monstruosidades do vae-vem sinistro, — as que não se prendiam ao meu destino. E o sangrar perpetuo pôz-me nos olhos *aquillo que os outros accusam*. Vi o talento culminante de um meu collega infeliz, a debater-se na sua agonia dos sapatos arrombados que lhe não permittiam ir a casa do Mecenas, a solicitar soccorro para si e para os filhos. Vi-o definhar-se e morrer sobre os filhos mortos e ouvi

sobre a noticia da sua morte as anedoctas immundas dos infames d'alma e pórcos de entendimento! Encontrei, ha dias, dois condiscipulos da minha infancia : um d'elles, intelligente e dignissimo, com os cabellos embranquecidos, a barba de duas semanas, o chapéu incrivel de revelações de miseria, o fato e as botas em competencia com o chapéu, o homem empregado publico com dezoito mil réis por mez, sem esperanças de promoção e chefe de familia; o outro — estupido sem mancha de lucidez, estava no supremo logar da nossa vida politica, considerado e feliz, *celebre* por suas inepcias de dirigente, quando não pelos seus escandalos abafados, — estupido e indigno! Vi sossobrar na miseria a mulher digna, abandonada, e vi cortejados na Avenida o marido ignobil e a croia resplandecente preferida. Vi os antros em que se despejam, das officinas, ou dos trabalhos do campo, cardumes de miseraveis, enfraquecidos pelos rigores do trabalho e das privações, e vi na alta sociedade, postos em moda, os prazeres de Lesbos, e o adulterio como escala para os pinaculos: e tudo isto cuspido, entre ameaças de *repres-*

são, á cara dos desgraçados! Vi considerados ineptos, idiotas, rotineiros, entre sorrisos de mofa dos pandilhas sem miolos e sem nervos, os homens que não concorreram ao Lupanar maximo, ou á Grande Vermelhinha e se conformaram com a sua pobreza! Vi a antiga consolação do povo — a fé religiosa — escamoteada pelos ciganos politicos, para final recurso em hora de perdição; e, de ouvido á terra, senti as convulsões dos miseraveis na escuridão dos antros, — e, ouvindo gritos de creanças, chôro de mães, imprecações dos desherdados, acreditei na JUSTIÇA por vir, — e esperei por ella...

E' o que eu faço, meus irmãos em Letras: estou esperando e escutando, — e d'ahi a *distracção* que me não deixaria olhar pelos infortunios proprios — se elles me valessem a pena de que eu pensasse n'elles!

FIM

PQ
9261
S55P5

Silva Pinto, Antonio da
Philosophia de João Braz

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 01 005 3